

# Itajaí - 2014



**(** 



•









2014





#### Prefeito

Jandir Bellini

FUNDAÇÃO

GENÉSIO

MIRANDA

#### Vice

Dalva Maria Anastácio Rhenius

#### Superintendente da FGML

Antonio Carlos Floriano

#### Diretor do Museu Etno-Arqueológico de Itajaí

Fabrício dos Santos

#### Diretor do Centro de Documentação e Memória Historica

Denilson Roberto Batista

#### Diretor do Museu Histórico de Itajaí

Agnaldo Pinheiro



#### Ex-Libris FGML - Anuário de Itajaí

Periódico anual da Fundação Genésio Miranda Lins

#### Projeto Gráfico, Edição e Arte-finalização

Rogério Marcos Lenzi

Capa: a partir da fotografia de Beto Bocchino

#### Conselho Editorial do Anuário 2014

Antonio Carlos Floriano

Rosane Rothbarth

Rogério Marcos Lenzi

Conheça mais sobre a Fundação Genésio Miranda Lins www.fgml.itajai.sc.gov.br

#### Os artigos são de inteira responsabilidade dos autores

Anuário de Itajaí 2014 / Fundação Genésio Miranda Lins. -A636

Itajaí: FGML, 2014.

176 p. : Il.

ISSN 1679 - 3056

1.Itajaí (SC) - História - Periódicos 2. História - Periódicos

CDD: SC I981.642005 CDU: 94(816.4)Itajaí

Ficha catalográfica Bibliotecária Vera Lúcia de Nóbrega Pecego Estork CRB 14/321









# Sumário

Apresentação	
Almirante Frtiz N	Müller - uma vida dedicada à Marinha de Guerra do Brasil
Dr. Carlos Henrique	Müller
Quadras de uma a	LIANCISTA
Magru Floriano	
Itajaí também é ne	GRA
Tânia Garbari	
Afrodescendentes	s em Itajaí: reflexões sbore a aplicação da lei 10.639/2003
Elizete Maria Jacinto	
	41
Os Festivais de Inv	verno e uma atitude de homem
Érmerson Ghislandi	
Lauro Müller - Ao	gradecimentos da Família
Maneco Müller Filho	
	61
Algo mais sobre o	Prof. Henrique Gaspar Midon
Dr. Carlos Henrique	
1	

Sinais dos tempos: a captação de imagem de televisão em Itajahay
Magru Floriano
Lauro Müller - Líder Republicano
Rogério Lenzi
Uma era iluminada do jornalismo Papa-siri
Émerson Ghislandi
1964 aqui: o advento do Regime Militar em Itajaí
Edison d´Ávila
Alexandre Konder - Literatura e História do Vale do Itajaí
Magru Floriano
Gente da Nossa Terra: Bodas de Jequitibá - 100 anos de casados, se vivos estivessem
Telmo José Tomio



### Apresentação

Fundação Genésio Miranda Lins lança a 13ª edição do Anuário de Itajaí, publicação que fomenta a história e especialmente, a memória da cidade e região, promovendo a difusão de poesias, crônicas, fotografias e notícias históricas, além de depoimentos e reproduções artísticas e literárias. Trata-se, pois, de uma produção que reúne importantes textos que dizem respeito à vida social, cultural, esportiva, política e econômica de Itajaí e região.

Criado pelos eméritos jornalistas itajaienses Juventino Linhares e Jayme Fernandes Vieira, no ano de 1924, essa primeira edição - hoje um volume raro e histórico - não foi seguida de outras, como era a intenção, até 1949, quando Marcos Konder e Silveira Júnior tornam a editar o Anuário, porém sem continuidade. Já no ano de 1959, os jornalistas Laércio Cunha e Silva e Roberto Mello de Faria publicaram o Anuário desse ano e o de 1960, em comemoração ao 1º Centenário do Município de Itajaí. No ano de 1998 a publicação foi retomada pela Fundação Genésio Miranda Lins. Desde então o Anuário de Itajaí tornou-se um periódico imprescindível para a difusão dos conteúdos produzidos no município, nos campos da história, da literatura e das artes, que possibilitam o conhecimento e o reviver da nossa cultura e memória.

Nesta edição, contamos com artigos confeccionados por eméritos pesquisadores, cujas linhas revelam fatos surpreendentes de Itajaí. Fazemos menção ao sesquicentenário de Lauro Müller, cuja obra comemorativa fora lançada em 2014.

Além de textos inéditos e de dois cadernos especiais, junta-se ao Anuário uma pequena mostra da coleção do grande fotógrafo Immanuel Currlin, trabalho realizado por Thayse Fagundes para a Fundação e disponibilizada por Lúcia Currlin Japp (trabalho este que integrará o Anuário de 2015).

Justo que se preserve o futuro da cidade, a Fundação Genésio Miranda Lins amplia, sempre, os dados históricos, sociais e culturais, através de suas publicações, para que o passado permaneça como espaço, não como tempo.

Boa leitura.

Rogério Lenzi FOTO IMMANUEL GURRLIN



**(** 



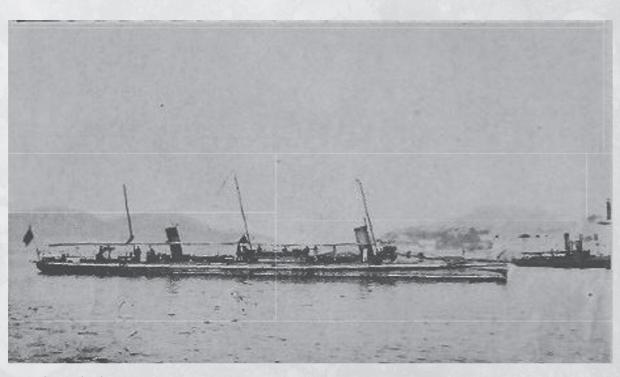






uma vida dedicada a Marinha de Guerra do Brasil

Dr. Carlos Henrique Müller Médico, memorialista e genealogista

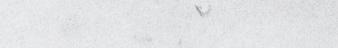


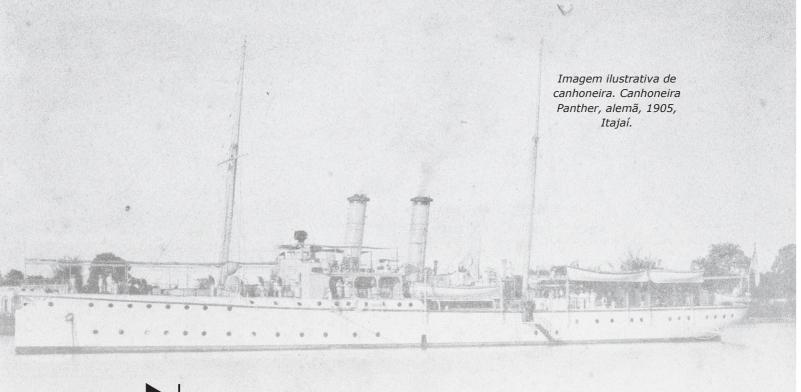
Torpedeira Silvado. Fritz Müller. Acervo Dr. Carlos Henrique Müller.











AS MEMÓRIAS DE JUVENTINO LINHARES, e nas citações de outros autores que escreveram sobre a cidade de Itajaí, podemos encontrar os nomes e também algumas pequenas histórias de itajaienses que foram para longe de sua terra natal. São lembrados por suas realizações e muitos obtiveram destaque nas mais diversas atividades que exerceram pelo Brasil e, alguns, fora do país. Seja na política, no comércio, na literatura, na navegação, no funcionalismo público e na vida militar, a maioria deles contribuiu para elevar o bom nome do lugar onde nasceram. Entre eles, está o Almirante Fritz Müller, cuja biografia é pouco conhecida.

Ele não era parente de seu famoso homônimo de Blumenau, o naturalista Dr. Fritz Müller, e nem tampouco do seu ilustre conterrâneo Dr. Lauro Müller, ex Governador de Santa Catarina. Fritz era filho do construtor Guilherme Müller e de sua segunda esposa, Carolina Müller, nascida Lange. Nasceu no dia 26 de fevereiro de 1870 e foi batizado no ano seguinte, pelo Pastor Henrique Sandreczki, recebendo o nome Friedrich Karl, sendo seu padrinho o ferreiro Fritz Ramlow. Na sua infância em Itajaí, conviveu no lar dos pais na companhia de mais três irmãos e duas irmãs. Ele começou os seus estudos em Itajaí e, posteriormente, deu continuidade em Brusque. Ao término deste período, o seu pai o encaminhou para ser aprendiz em conserto, montagem e manutenção de motores. Anos mais tarde, ingressou na marinha mercante e, no ano de 1892, sempre aprimorando os conhecimentos, ele já possuía a carta de maquinista, prestando novos exames para subir de categoria.

Durante o período da revolução federalista, e antes da chegada das tropas de Gumercindo Saraiva a Itajaí, ele seguiu para o Rio de Janeiro, onde se apresentou como voluntário na Marinha de Guerra, tendo sido nomeado no dia 25 de novembro de 1893 para servir como ajudante de chefe de máquinas, nos navios da esquadra da Divisão Norte, uma nova frota da Marinha, a qual estava sendo preparada pelo governo, para dar combate aos navios que estavam em posse dos revoltosos no sul do país. Enviado para Pernambuco, o seu primeiro navio de guerra foi a Torpedeira Silvado. Neste navio ele participou, no litoral catarinense, entre os dias 13 e 16 de abril de 1894, dos ataques à fortaleza de Santa Cruz do Anhatomirim e ao encouraçado Aquidabã. Em decorrência de sua desenvoltura naqueles episódios da revolução, ele foi efetivado na Marinha de Guerra, sendo promovido a Aspirante a Oficial e, ao final daquele mesmo ano, ao posto de Segundo Tenente Engenheiro Maquinista.

Ele foi designado para a Comissão Naval da Marinha de Guerra do Brasil na Europa, em três oportunidades. Na primeira ocasião, em 1897, ele viajou para Havre, na França, depois para Londres e finalmente para Newcastle, onde ficava a sede da Comissão. Na ocasião, a Comissão acompanhava a montagem do Cruzador Almirante Abreu, o qual estava sendo construído no estaleiro Armstrong, Mitchell & Company. Fritz permaneceu nesta função até setembro daquele ano, quando regressou ao Brasil.

No ano seguinte, ele foi designado para servir no Sul do país. Aí, no ano de 1900, seguiu à bordo do encouraçado Riachuelo, que capitaneou um grupo tarefa designado para levar o Presidente Campos Sales para uma visita oficial a Argentina. Durante seis anos, ele foi chefe de máquinas do vapor de guerra Jaguarão, permanecendo na flotilha do Rio Grande do Sul até o ano de 1908, quando, então, no mês de agosto, ele foi promovido ao posto de Primeiro Tenente. Transferido para o Rio de Janeiro, ele esteve em Itajaí durante o seu período de trânsito, fazendo uma visita aos familiares e aos amigos. Aliás, sempre que dispunha de períodos de folga, ele dividia seu tempo visitando os familiares, com quem mantinha comunicação frequente através de cartas, cartões postais e por telégrafo.

Ainda em 1908, ele foi novamente designado para a Comissão Naval Brasileira na Europa, encarregado de acompanhar a montagem dos motores do encouraçado Minas Gerais, tendo seguido viagem no mês de outubro daquele ano e permaneceu nesta função até abril de 1910. Em seu retorno ao Brasil, esteve em Lisboa e também em São Vicente, na ilha de Cabo Verde. No mês seguinte, Fritz tomou parte da missão da Marinha que seguiu viagem para Montevidéu e depois para a cidade de Valparaíso, no Chile.

No ano de1912, pela terceira e última vez, regressou para a Europa, onde permaneceu por quase dois anos, desta vez para fazer parte do grupo de oficiais da Comissão Naval designados para o recebimento do encouraçado Rio de Janeiro, o qual não foi incorporado à armada brasileira, tendo sido vendido para a Turquia antes de sua total conclusão. Retornando ao Rio de Janeiro, ficou adido à Inspetoria de Máquinas da Marinha de Guerra, permanecendo nesta função até o ano seguinte, quando seguiu novamente para o Rio Grande do Sul, aonde foi Inspetor de Máquinas da Capitania dos Portos interinamente e, depois, Chefe de Máquinas dos navios de patrulha Rio Grande do Sul e Bahia.

Em 1915, ficou à disposição do então Ministro do Exterior, na época, Dr. Lauro Müller, seguindo viagem para o Uruguai e para a Argentina, participando dos eventos relativos às comemorações da independência daquele país. Ao término destes, seguiu para o Chile, onde foi assinado o tratado ABC, entre os representantes dos governos da Argentina, Brasil e Chile. Quando de seu retorno, após a conclusão desta viagem, ele recebeu elogio nominal por parte do Ministro da Marinha pelo modo correto com que desempenhou suas funções nas missões que lhe couberam. Neste mesmo ano foi condecorado com a Medalha Militar de Prata, por ter completado vinte anos de serviço militar, e foi promovido a Capitão Tenente.

Ele pertencia à tripulação do Cruzador Rio Grande do Sul em 1917, quando o Brasil entrou na primeira guerra mundial. Este navio tomaria parte da Divisão Naval em Operações de Guerra, seguindo para no Norte da África no ano seguinte, onde ele ficaria subordinado à esquadra inglesa. Promovido a Capitão de Corveta Engenheiro Maquinista às vésperas de seguir junto com a esquadra de guerra do Brasil, ele foi então nomeado para a Inspetoria de Máquinas da Marinha, ficando adido ao Estado Maior da Armada no Rio de Janeiro e, assim, até 1919, ele foi chefe das oficinas da base de defesa minada dos portos na capital do país.

Em 1920 assumiu a chefia de máquinas do Cruzador Barroso e, posteriormente, do Cruzador Minas Gerais. Em abril daquele ano foi convidado para fazer parte da tripulação do Paquete Uberaba, que escoltou o navio que trazia o Rei Alberto da Bélgica para uma viagem de visita ao Brasil. Dois anos após, foi promovido a Capitão de Fragata e nomeado novamente para assumir o cargo de Inspetor Geral de Máquinas da Marinha.

Em julho de 1923 foi promovido a Capitão de Mar e Guerra, e neste ano participou da comissão da oficialidade da Marinha, no cerimonial realizado no mês de novembro no Palácio do Catete, referente ao aniversário de proclamação da República. Assumiu novamente de modo interino a Inspetoria de Máquinas da Marinha, neste período, e por Decreto Ministerial datado de 30 de janeiro de 1924, ele foi condecorado com a Medalha Militar de Ouro, cujo significado é o reconhecimento aos bons serviços prestados pelos oficiais e praças, em serviço ativo, e que completam decênios de bons serviços prestados às forças armadas, devendo os mesmos satisfazer condições, tais como, ser considerado merecedor por seu Comandante, Chefe ou Diretor e nunca ter sido punido disciplinarmente por transgressão atentatória à honra pessoal, ao pudor militar ou ao decoro da classe.

Ainda como Capitão de Mar e Guerra, fez parte da comissão da alta oficialidade da Marinha que, junto com o Ministro, prestaram homenagens ao Presidente Arthur Bernardes, em uma cerimônia realizada no Palácio do Catete, no dia 30 de junho de 1924. Esta manifestação de apoio ao Presidente do Brasil ocorreu logo após o término da revolta acontecida no Estado de São Paulo naquele ano. No mês seguinte, ele foi

promovido a Contra Almirante Engenheiro Maquinista. Seu pai faleceu em maio daquele mesmo ano em Itajaí, e não teve a oportunidade de ver o filho chegar ao Almirantado.

Em 1925, foi transferido do corpo de Engenheiros Maquinistas para o Corpo de Oficiais da Armada e durante a visita do General americano John Pershing ao Brasil, ele representou a oficialidade da Marinha de Guerra do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, em uma visita ao navio de guerra norte-americano U.S.S. Utah, que chefiava a esquadra americana, sendo recebido, na ocasião, pelo Capitão Rufus Johnstone e os oficiais Wislow Ancrum e O´Connor. Em 1926, ele representou a oficialidade da Marinha na posse do Presidente Washington Luis, e retornou a chefia da comissão de inspeções da marinha até 1927. A última grande solenidade que participou foi relativa às comemorações do aniversário da República, em 1929.

No mês de abril de 1930, ele faleceu na cidade do Rio de Janeiro, devido a complicações de uma doença cardíaca pré-existente. Ele ainda estava na ativa do serviço militar, adido à Diretoria de Pessoal da Marinha de Guerra, e até aquele período já contava com um total de trinta e nove anos e meio de serviço militar, visto que o período de serviço ativo, em épocas de guerras e revoluções, era contado em dobro. Durante o cerimonial de seu funeral, recebeu, através das tropas do Arsenal da Marinha, todas as honras militares atribuídas ao posto de Almirante, tendo sido sepultado no Cemitério São João Batista daquela cidade.



Foi um marinheiro apaixonado pela carreira militar, a qual está inserida no período de reestruturação da Marinha de Guerra do Brasil, na República Velha. Promovido sempre por merecimento, em todos os postos de sua carreira demonstrou amor pelo trabalho, entusiasmo pela profissão, respeito aos seus pares e um grande patriotismo. Seus superiores sempre o distinguiram com comissões de grande confiança e valor. Ele fez parte das tripulações dos maiores navios da armada em seu tempo e desempenhou diversas funções em nível de chefia e foi membro do Conselho de Justiça Militar da Marinha. Fez parte ainda, da Comissão Fundadora da Casa Marcílio Dias, uma instituição de educação voltada para os filhos de suboficiais da Marinha no Rio de Janeiro.

O Almirante Fritz Müller deixou sua descendência no Rio Grande do Sul. Ele teve cinco filhos, sendo três homens e duas mulheres. Um de seus netos, Sergio José Dulac Müller, falecido recentemente na capital daquele Estado, foi Juiz, Desembargador do Tribunal de Justiça e Professor Titular da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica em Porto Alegre.

REFERÊNCIAS

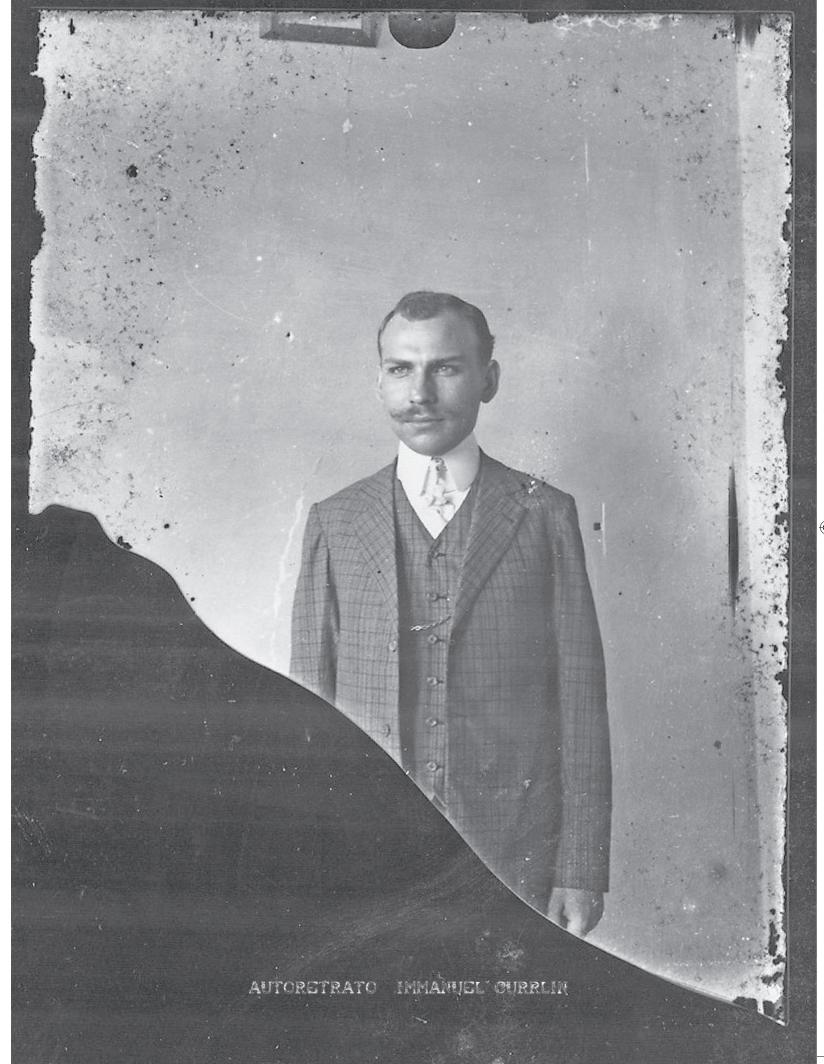
LINHARES, Juventino. O que a Memória Guardou. Itajaí, Univali,1997. MÜLLER, Carlos Henrique. Subsídios para a genealogia e História das famílias Müller, Schneider, Friese e Ehrlich. Arquivo pessoal do autor.

MÜLLER, Sérgio José Dulac. Correspondências. Arquivo Pessoal do Autor.



Selos comemorativos da Marinha de Guerra. Disponível em http://mlb-s1-p. mlstatic.com/quadra-nova-c-2289-90cisne-branco-e-escola-brasil-navios-14278-MLB4575095621 062013-F.jpq

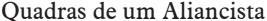


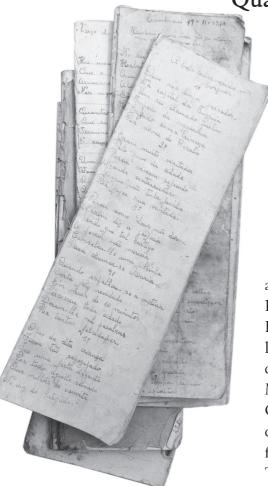


•

001-Anuario-01-64.indd 17

**(** 





Magru Floriano Acadêmico do Curso de História da Univali

OLORES MARIA PEREIRA nasceu em Camboriú a 06 de março de 1918, modificando seu nome para Dolores Pereira Rodrigues ao casar com Manoel José Rodrigues. Foi uma das primeiras professoras da escola da localidade de Taquaras, lecionando também nas escolas das localidades de Várzea do Ranchinho, Vila Real, Braços Macacos – nos municípios de Balneário Camboriú e Camboriú. Entre "seus guardados" encontramos muitos documentos familiares datados de 1888, almanaques de farmácia, Kalenders e livros didáticos da "Série Fontes". Talvez, as maiores preciosidades sejam diversos cadernos manuscritos contendo quadras temáticas de romances, tragédias e política que refletem o espírito de sua época.

Para ilustrar a arte de Dolores Pereira reproduzimos versos escritos no período compreendido entre os dias três e cinco de janeiro de 1932 intitulados "Quadras de um Aliancista". Neles, Dolores evidencia o uso da força no processo eleitoral catarinense através de termos como "borracha" "geladeira" e "porrete"; denuncia atrocidades policiais que levam opositores aos hospitais após "surras" da polícia. Favorável à Revolução de Trinta, a professora Dolores não poupa personagens conhecidos da História de Itajaí, como os irmãos Konder: Adolpho, Victor e Marcos - que estiveram ao lado de Washington Luis até o ocaso governista.

## Quadras de um Aliancista

Viva o Dr Getúlio Vargas Isto deve ser o primeiro Parahiba e Rio Grande E o livre povo brasileiro.

Viva todos os oficiais

Soldados e os sargentos

E todo povo livre

Que aderiram ao movimento.

Despoussou-se o Cavanhaque
E seu compadre Julhinho
Blumenau prestista chora
Pelo Victor e o Adolfinho.

Senhor Adolfo prometeu

Aos catharinenses liberdade

Mas foi tanta da borracha

Que até dava piedade.

No Itajahy terra do Adolfo Até é feio para cantar A perseguisão era tanta Que até chegaram a matar. Lá para o Rio do Sul Município de Blumenau Foi um tenente mandado Por nome de Nicolau.

A ordenança do tenente

Chamava-se Vidal

Aquelles que apanhavam

Híam direto para o hospital.

Joinvile se intrincheravam

Junto do caes do porto

Sahiu alguns feridos

E dizem que alguns mortos.

Tinha em Rio do Sul Prestista muito fallador Queriam montar alliancista E meter-lhe arreador.

Coitadinhos de nós

Que fosse o Prestes ao Cattete

O almoço era borracha

E a janta era o porrete.





Os alliancistas com os Prestes Não queriam brincadeira Quando não era borracha Era espada e geladeira.

Isto estou dizendo
E todo mundo diz
Que o mais duro de roer
Era o Washington Luiz

Os prestistas de hoje

Nem parecem os que falavam

Se não metiam a borracha

Mais eles é que mandavam.

Hoje os prestistas andam Garrados na chaleira Mais nós não somos o carrasco Da borracha e a geladeira.

De nós não precisa medo Nem tão pouco arreceio Não fazemos como vocês Só faziam papel feio. Dos prestistas de hontem

Nós não temos rancor

Vocês vão prestar conta

É com o nosso governador.

Vocês quando chegar lá

Não se embaraçar

Contem tudo direitinho

E quantos mandaram surrar.

Os prestistas nos puzeram

Até feios apelidos

Chamam nossos chefes

Ladrões, canalhas, bandidos.

Os lageanos prestistas

Deixaram suas casas

E todos de calça

Foram para baixo de aza.

O snr. Caetano Costa

E seus bons compareiros

Foram ter com o Adolfo

Porque lá tinha torpedeiro.

O tal de Custódio Campos Do Rio do Sul saiu corrido Por chamar os aliancistas De gapecadas bandidos.

Dia dez foi preso o Adolfo Isto conforme o comunicado Segundo informa o respetivo Elle será processado.

Blumenau prestista chora
Pelo seu Vitor querido
Traz a notícia o jornal
Que ele vae ser banido.

O Marcos e o Aducci
Eu não sei que fim levaram
A carreira foi tamanha
E não sei se já pararam.

Liberaes vejo que eu dizo

E disto ninguem se esqueça

Se nós perdessemos a revolução

Ficavamos sem a cabeça.

Não sou só eu que digo

Tem muita gente que diz

Que aviamos de ver carrascos

Julio Prestes e Washington Luiz.

Viva Alliança Liberal
Fez obra de predicação
Armou o braço do povo
E fez a revolução.

Ainda pouco eu disse Que o Aduci não sabia Mais elle foi prestar cont Na quarta delegacia.

Viva os visinhos do Paraná É alliancistas de facto Prenderam o Affonço Camargo O Salau Rebello e Prestes Neto.

Amigos fazemos festas

Não viguem couza passada

Olhe os prestistas como andam

Todos de crista arreada





Só uma couza quero dizer

Os amigos devem apoiar

Não deixem um só governista

Para a nós governar.

Dia quinze de novembro
Era o dia do Julhinho
Mais foi preso o Washington
Acabou-se os comesinhos.

Isto não é que seja ruim

Nem é alguem que me ensina

Se nós perdessemos a revolução

Adeus Brasil para Argentina.

Foi em mil novecentos e trinta

Isto deve ficar na Historia

Acabou-se a borracha

Geladeira e palmatoria.

Assim mesmo da Argentina

Nos mandaríamos buscar

E quando chegasse aqui

Já sabe queira adivinhar.

Leia veja se gosta Não sei si é couza boa Mais me ajude dar um viva

Acabou-se a borracha E também a persiguição Mostramos aos prestistas Que nós temos educação. Ao inesquecivel João Pessoa.

Dia oito de novembro

Houve festas e foguetes

Neste dia Dr. Getulio

Subiu as escadas do Catette

Lundon of de familia 1992

Liva of De getulio logas
Tho dese sur o passales

Baraleta Res Grande

Bo live foro bearders

Circa todos os oficious

Circa im Res de Cultonian montos allianenta

Contacta muito faldados

Curram montos allianenta

Contacta la arreador

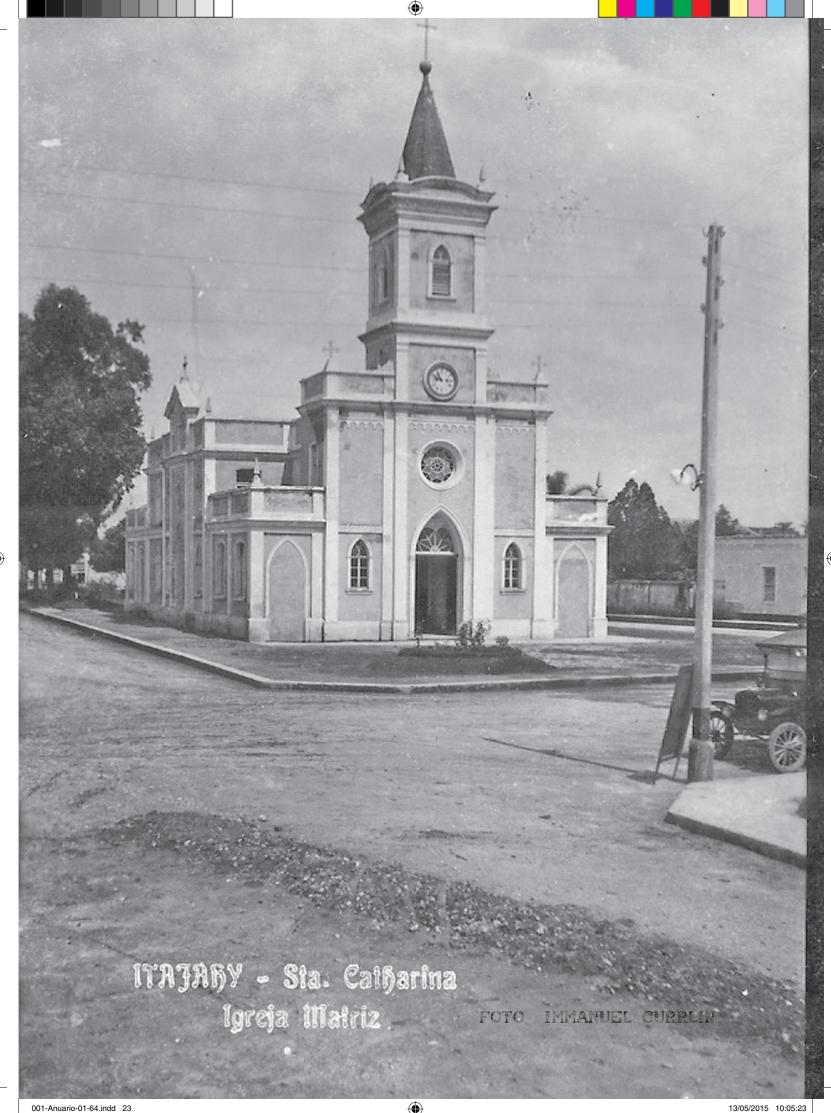
Contacta la compania

Contacta la compania

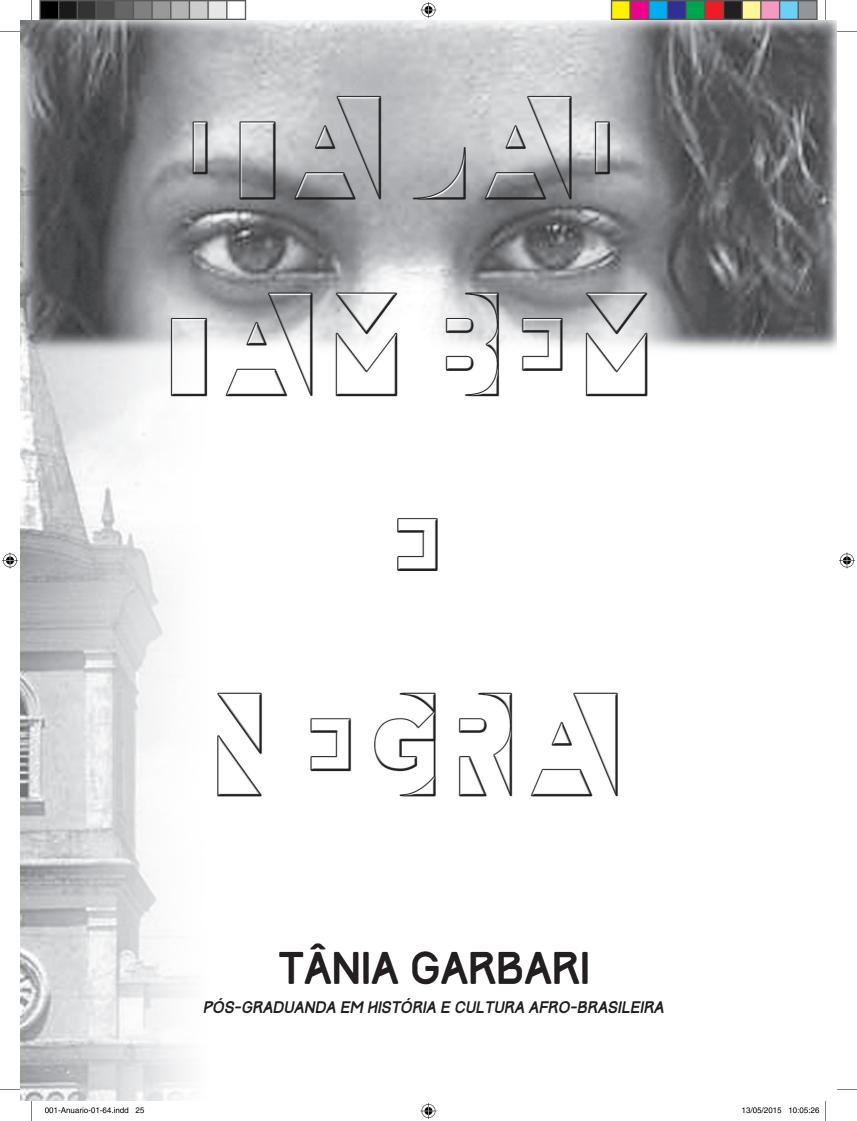
Contacta la compania

Contacta do adolfo

Contacta d







ETNIA NEGRA SEMPRE ESTEVE presente na história de Itajaí. Personalidades afro-itajaienses contribuíram muito na vida política, social, esportiva e econômica da cidade. Ainda assim, há um desconhecimento quanto à verdadeira participação do negro na formação da sociedade itajaiense. Todavia, a cidade mostra, através da sua cultura e trajetória histórica, que também é negra.

A presença negra no litoral catarinense não é tão antiga quanto em outras partes do Brasil, afinal, a Região Sul foi uma das últimas a ser povoada pela imigração europeia. Em Itajaí não foi diferente. Apesar da chegada tardia, os negros influenciaram na formação da identidade cultural da cidade juntamente com outras etnias. A ideia de que Itajaí tem uma cultura exclusivamente europeia vem sendo desconstruída por alguns pesquisadores, conforme o historiador itajaiense Ivan Carlos Serpa:

Itajaí é uma cidade que sofreu múltiplas influências ao longo de sua formação histórica, guardando traços característicos de grupos sociais de múltiplas origens étnicas: lusos, germânicos, africanos, poloneses, italianos, japoneses. Essa diversidade de influências nunca permitiu que a cidade fosse identificada pela origem étnica dos grupos que formaram sua população. Esse equilíbrio entre as várias tradições culturais fez com que a procura pela identidade da cidade não tivesse na questão cultural seu elemento predominante (SERPA. 2010, p.229).

Mas apesar do reconhecimento de alguns, Itajaí continua a ser vista por muitos como uma cidade de cultura açoriana; a historiografia da cidade pouco explora a participação de outros grupos étnicos em sua formação, principalmente em se tratando da cultura negra. Desde sua formação, Itajaí conta com personalidades negras importantes que fizeram a diferença na luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Muitos fatos e nomes de afro-itajaienses caberiam nesta discussão, no entanto, os fragmentos desta história que serão mencionados são suficientes para o início de uma reflexão acerca do tema.

A população negra chegou a ser bem expressiva no passado. "[...] o ápice do percentual de escravos sobre a população total se situa em 1824 (33,0%) e já tem em 1838 (21,0%) assinalado o declínio" (PIAZZA, 1999, p.13), embora os números se referem apenas aos escravos, não contabilizando possíveis negros livres.

Em Itajaí, cidade em questão, a primeira menção na história oficial do município a um negro, acontece quando se refere à construção da primeira capela do então pequeno povoado no século XIX, provavelmente em 1824. Na obra do professor e historiador Edison D'Ávila (1982 p.29), lemos: "A primitiva capela foi construída de pau a pique e barreada. Posteriormente, foi substituída por outra de pedra e edificada por um escravo de Alves Ramos de nome Simeão". O referido Alves Ramos é Agostinho Alves Ramos, considerado como o propulsor de Itajaí.





Principais aspectos da cultura negra em Itajaí: Religiosidade, Festa de Nossa Senhora do Rosário (dos Pretos)

De todas as tradições religiosas preservadas no Estado de Santa Catarina, a festa de Nossa Senhora do Rosário, também conhecida como "Festa dos Pretos," é a mais popular das manifestações afro. É também a mais aceita pela população, já que sua origem africana, ao tocar o solo brasileiro, foi, de todas as manifestações religiosas africanas, a mais modificada pelo sincretismo religioso. Quando os negros chegaram ao Brasil, o cristianismo lhes foi imposto e uma das maneiras de continuar cultuando suas entidades foi a readaptação destes cultos misturando-se ao catolicismo, preservando, de certa maneira, a tradição. Hoje, livres para expressar sua fé, esta manifestação é reconhecidamente uma expressão cultural afro. Esta festa pode receber diferentes nomes em várias regiões do Brasil, tais como Congadas, Embaixadas ou Moçambique e está presente em solo brasileiro desde o século XVII. Segundo o historiador Moacir da Costa:

Originalmente, a festa traz na figura central uma hipotética disputa entre dois reis africanos recém-convertidos ao cristianismo e que desejam fazer uma festa, cada um, a seu modo a um Padroeiro Cristão. Neste momento, os dois reis enviam um grupo de homens que denominam de embaixada, e estes têm a determinação do soberano de se fazer um desafio, mostrando quem é o melhor para realizar a homenagem ao Santo Padroeiro, por não ser possível um acordo ou conciliação,

é declarada guerra, ou melhor, as guerras, cujo intuito é a conversão de povos pagãos em cristãos. As festas de devoção a Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição, São Sebastião, dentre outros padroeiros adotados pelas irmandades de negros, eram uma atividade cíclica, acontecendo em diversas regiões. (COSTA/SILVA, 2010, p. 15).

Porém, a tradição oral nos dá conta de que tudo se originou pela ocasião da fuga de dois escravos, tendo estes em seu encalço o capitão do mato e muitos cães de caça. Como se não bastasse, os fugitivos se depararam com um rio caudaloso; não sabendo nadar, se desesperaram e prometeram um culto à entidade que os viesse salvar. Imediatamente, uma escuridão os encobriu e uma luz muito forte atrapalhou os cães e o capitão do mato, que tinha medo de

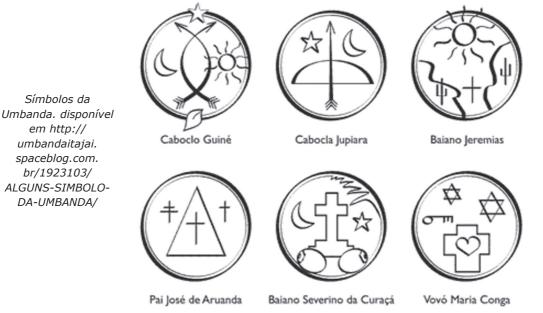
Festa de Nossa Senhora do Rosário. Itajaí, 1992. Acervo FGML/CDMH.



aparições e foi embora. Os escravos ficaram livres. Depois de um tempo, em meio à luz, surgiu uma figura feminina muito bonita e esta lhes sorria; o escravo mais corajoso perguntou quem seria esta moça e ela respondeu que se chamava Senhora do Rosário e que os dois deveriam cumprir sua promessa. Os escravos ficaram sem saber o que fazer, pois não sabiam rezar. A senhora do Rosário disse, então, que em sua homenagem um culto com música e dança deveria ser realizado periodicamente em sua honra. Desta maneira, segundo a oralidade, surgiu o culto a Nossa Senhora do Rosário.

Em Itajaí, a festa é realizada desde 1992 por militantes do movimento negro da cidade e região. Segundo Costa (2010, p. 18), é de suma importância que o público tome conhecimento da "[...] contribuição da comunidade negra ou afro-brasileira no processo de formação e construção do Brasil, do Estado de Santa Catarina e, sobretudo, da cidade de Itajaí e região".

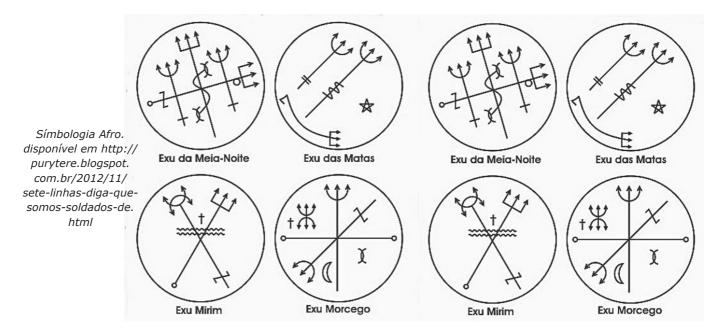
#### Candomblé e Umbanda na cidade de Itajaí



Apesar do sincretismo ocorrido entre o cristianismo e as religiões africanas, algumas religiões ainda permanecem iguais, tais quais como na África. É o caso do Candomblé. Itajaí conta com alguns terreiros de Candomblé e, mesmo não tendo tantos adeptos na cidade, está presente como manifestação religiosa. O Candomblé é uma religião africana que preserva seus fundamentos e não sofre influências.

A Umbanda é uma religião brasileira que surgiu no Rio de Janeiro em 1908. Os princípios da Umbanda sofreram influências do Catolicismo, das Religiões Indígenas, do Kardecismo e de sua matriz africana, o Candomblé.





Segundo estudiosos do tema, atribui-se a uma itajaiense a fundação do primeiro terreiro de Umbanda em Santa Catarina. Trata-se de Malvina Ayroso de Barros. Malvina nasceu em Itajaí em 1910, era tecelã, morava em Florianópolis quando inaugurou o Centro de Umbanda São Jorge em 1947 naquela cidade. O Centro de Umbanda São Jorge é considerado o maior referencial da Umbanda no Estado de Santa Catarina. Em Itajaí, a Umbanda também tem seus espaços, existem vários Centros de Umbanda na cidade.

A palavra Umbanda provém da língua quimbunda; o quimbundo é falado na Angola. Umbanda significa "a arte de curar". Como diz o nome, curar é uma das atividades dos Pais de Santo e muitas pessoas procuram os centros para tal finalidade. Apesar de suas raízes africanas, a Umbanda é praticada também pelos brancos. Na cidade de Itajaí, é possível encontrar mais Pais e Mães de Santo brancos do que negros, prova de que a religião não é discriminatória.

Mesmo assim, há muito preconceito acerca da Umbanda; as pessoas têm uma visão errônea a respeito desta religião, acreditando que os adeptos da mesma praticam o mal. No entanto, os princípios básicos da Umbanda são de que devemos fazer ao outro somente aquilo que gostaríamos que fosse feito a nós mesmos, pois há a crença na "Lei do Retorno" e em um "Deus Benevolente".

#### Divindades afro-brasileiras cultuadas em Itajaí

**Oxum** - Muitas das divindades afro-brasileiras cultuadas em Itajaí têm relação com santos católicos devido ao sincretismo religioso ocorrido em todo o Brasil. Itajaí tem como padroeiro o Santíssimo Sacramento da Comunhão que, segundo os ritos católicos, representa o corpo do Cristo, a hóstia sagrada, ou Corpus Christi.

Todavia, Agostinho Alves Ramos era devoto de Nossa Senhora da Conceição e por ocasião da passagem de Itajaí de povoado para Freguesia, em 1833, Itajaí passa a ter uma co-padroeira: Nossa Senhora da Conceição. Esta santa católica também é

representada e cultuada nos ritos afro-brasileiros, porém, sob o nome de Oxum, orixá dos rios e das fontes.

**Iemanjá -** É comum em Itajaí, principalmente nas ocasiões de ano novo, encontrarmos nas praias da cidade oferendas a Iemanjá. E, ainda por ocasião da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, também lhe rendem homenagens, já que na religião afro esta entidade católica representa a rainha do mar, Iemanjá.

Outra divindade afro-brasileira que se concebe no sincretismo religioso presente em Itajaí é Iemanjá, a Mãe-d'água, a qual recebe oferendas rituais. Festas lhe são dedicadas, indo embarcações até alto-mar atirar presentes. Dispõe uniões, casamentos, soluções amorosas. Convergem para Iemanjá orações e súplicas no estilo e ritmos católicos. Protege, defende, castiga, mata. Por vezes se apaixona. Tem amantes, os quais leva para o fundo do mar. É representada como uma sereia e possui vários sinônimos: Janaína, dona [sic] Janaína, Princesa do mar, Princesa do Aiocá ou Arocá, Sereia, Sereia do Mar, Oloxum, Dona Maria, Rainha do Mar, Sereia Mucunã e demais. Orixá marítimo, protetora de viagens, a mais prestigiada entidade feminina, sua festa recai a 02 de fevereiro, dia em que também se comemora a festa de Nossa Senhora dos Navegantes (LENZI, 2002, p. 137).

Nossa Senhora dos Navegantes sempre foi cultuada em Itajaí; hoje sua festa oficial acontece na cidade de Navegantes, que se emancipou de Itajaí em 1962.

**Zé Pilintra -** Nos terreiros de Itajaí, uma das entidades mais solicitadas é Zé Pilintra. Quando se acha a pessoa diante de um problema de difícil solução, o melhor a fazer é pedir auxílio a Zé Pilintra.



Conta-se que Zé Pilintra, quando encarnado, chamava-se José Gomes da Silva, nascido em Pernambuco, era um negro robusto, possuía uma agilidade sem igual, era malandro, amava as mulheres, se envolvia com prostitutas, jogava , bebia e adorava uma briga. Apresentava-se e ainda se apresenta nos terreiros vestido com terno branco e chapéu. Sempre que é chamado ajuda as pessoas a solucionar problemas, principalmente, aqueles que atrasam a vida das pessoas. Zé Pilintra ajuda, abre os caminhos.

**Pretos Velhos -** Os Pretos Velhos, entidades também muito solicitadas nos terreiros de Itajaí, são na verdade grupos grandes; estes grupos são compostos

Zé Pilintra. Disponível em http:// camasiguimaraes.com.br/wp-content/ uploads/2014/04/Z%C3%A9-Pilintra-GG-1mtcom-o-poste.-219x400.jpg



por espíritos que, em vida na terra, sofreram grandes provações, principalmente, quando estavam em condições de escravos. São bons espíritos. Seu papel na Umbanda é ouvir com paciência os lamentos de quem os solicitou. Ajudam as pessoas através de rezas, passes, banhos e outros rituais. Sua vestimenta: roupas brancas, bengalas, chapéus; usam colares que na Umbanda são chamados de guias. Estas guias são feitas com missangas, geralmente pretas e brancas, e ainda fumam cachimbo, bebem vinho, café e cachaça. Dentre as comidas favoritas estão a feijoada e a rapadura.

ESPORTE E LAZER

Os Clubes de Negros

Mesmo depois da abolição da escravatura, os negros continuaram a sofrer privações. Não eram mais escravos, porém, isso não significava que fossem livres, pois a lei que lhes assegurava isso era muito diferente na prática.

Os negros não eram aceitos em muitos ambientes. Exemplos disso eram os clubes de futebol e os de recreação. Neste meio só se aceitava e ou permitia a presença dos brancos. Para poder conviver com esta barreira étnica, os afro-brasileiros se reuniam em clubes especificamente para negros, mais conhecidos como Clubes Negros, vulgarmente chamados de Clubes dos Pretos.

Chamava-se de Clubes Negros aquele conjunto de entidades jurídicas, de caráter recreativo, social, intelectual e cultural, fundadas em resposta à negação da presença de negros nos espaços de sociabilidade, fora de seu universo étnico. Embora na contemporaneidade haja clubes que preservam e divulgam a cultura negra, o que os difere dos Clubes Negros de primeira geração são as explícitas barreiras da cor que impediam a dinâmica das relações raciais em espaços de sociabilidade (ROMÃO, 2009, p.105).

Na cidade de Itajaí, ainda hoje se preserva um desses clubes. Trata-se da Sociedade Cultural e Beneficente Sebastião Lucas. A Sociedade Sebastião Lucas foi fundada em 22 de maio de 1952. Tem como fundadores Osmar Ayroso, João Lucas Pereira, Rodolfo Rafael, Edmundo Silva e Genésio Santos.

Ora, os motivos que levaram a comunidade negra itajaiense à fundação do mesmo são bem previsíveis, se levarmos em consideração os rumos da história negra na cidade. Assim como em todo o Brasil, os afro-itajaienses encontravam resistência pela parte dos brancos em serem aceitos no meio social e recreativo. Exatamente por este motivo, os negros de Itajaí sentiram a necessidade da criação de um espaço específico para seu grupo étnico.

A Sociedade Sebastião Lucas está situada ainda no mesmo endereço em que foi fundada: a Rua Alfredo Trompowiski, no Bairro Vila Operária. Dentre os destaques





dos eventos por lá já realizados, registra-se o Baile de 22 de maio, o Baile da Primavera e o Baile de Debutantes Sebastião Lucas.

Atualmente, ainda são realizados alguns eventos, porém, qualquer etnia é bem vinda. Apesar disso, a camada mais antiga da população ainda chama a Sociedade Sebastião Lucas de clube dos negros ou salão dos pretos. Quanto ao nome de batismo desta sociedade, deve-se a homenagem a um trabalhador portuário que atuou bravamente em causas sociais naquele município.

#### Negros e o esporte italaiense

Na década de vinte, os negros ainda não eram aceitos no futebol itajaiense. Os clubes de futebol existentes, Clube Náutico Almirante Barroso e Clube Náutico Marcílio Dias, este último um dos mais antigos do Estado de Santa Catarina, não permitiam negros em suas equipes. Mais uma vez, os negros uniram-se e, para não ficar de fora das competições esportivas, fundaram o Clube Náutico Cruz e Sousa, nome este em homenagem ao grande poeta negro catarinense. Os atletas do Cruz e Sousa participaram de um evento esportivo promovido pela Confederação Catarinense do Desporto. Sagraram-se campeões conquistando a Taça Para Todos.

Clube Náutico Cruz e Sousa, Itajaí, 1922. Acervo FGML/CDMH.



Hoje, em Itajaí, os negros conquistaram seu lugar no esporte. Melhor para Itajaí, que só teve a ganhar com isso. Além da conquista dos negros no esporte da cidade, os mesmos ainda contribuíram preservando esportes que originalmente eram praticados apenas por afrodescendentes, como é o caso da capoeira, amplamente difundida pelos negros e hoje praticada e ou admirada por toda a gente.

A capoeira foi introduzida em território catarinense em 1977 por Manuel Fernandes Alves Leite, conhecido na capoeira por Mestre Pop. O primeiro grupo de capoeira do Estado foi fundado por ele em 1979, a Associação Berimbau de Ouro. Segundo o livro "A África esta em nós – Africanidades Catarinenses", organizado por Geruse Maria Romão (2009, p. 58): "Por fazer parte da cultura do brasileiro, independente da região, etnia e classe social, a capoeira foi declarada patrimônio brasileiro no dia 15 de julho de 2008".

Itajaí conta com muitos grupos de capoeira. Esta arte brasileira enche a Nação de orgulho, orgulho negro, orgulho de todos. Em Itajaí, assim como em outras cidades do Estado, a capoeira está presente, inclusive na educação das crianças e adolescentes. Muitos professores dão aulas através de projetos mantidos pela prefeitura. É a capoeira contribuindo para um desenvolvimento saudável de nossos jovens e ainda gerando emprego e renda para uma categoria (os professores) que hoje é reconhecida como transmissora de uma cultura brasileira.

#### Influência negra no idioma e na culinária de Itajaí

É do conhecimento de todos que a língua portuguesa falada no Brasil tem muitas diferenças quando comparada ao português de Portugal. Na região Sul, o idioma sofreu influências da língua indígena, de dialetos africanos e ainda dos alemães e italianos, bem como de outros imigrantes que por esta região fixaram-se. Em Itajaí houve a mesma influência. Contudo, há algumas palavras de origem africana que estão tão enraizadas nas expressões do itajaiense que poucas pessoas associam tais palavras com uma possível influência do afro-brasileiro.

Como o intuito deste artigo é exatamente mostrar a africanidade itajaiense, não se pode deixar de mencionar a contribuição deste grupo étnico em palavras que são ouvidas a todo o momento pelo povo local. Algumas destas palavras, inclusive, são consideradas como característica cultural da cidade, como coisa de "peixeiro", apelido dado aos itajaienses. Existem sim, palavras que se ouvem aqui, de origem africana: cambada, cafundó, marimbondo, batucada, gandaia, intica, neném e tantas outras.

Além da influência nas palavras, há também o gosto pela culinária de origem africana, o que pode ser visto e saboreado à mesa do itajaiense, como a canjica, a farofa e a feijoada. E ainda o uso de alguns alimentos que vieram da África, que são amplamente utilizados na composição do cardápio de todos os dias, como o amendoim, o côco, a banana, a pimenta, a melancia e muitos outros.

#### A presença do negro na trajetória do Porto de Itajaí

O porto de Itajaí e sua história se confundem com a história do município, afinal Itajaí sempre foi porto, sempre foi porta. Porta de entrada de todo o vale. O porto era lugar de lida dura, só os fortes, só os que estavam acostumados com o trabalho pesado conseguiam suportar a labuta. Não era o porto de hoje, moderno, com tecnologia que facilita o trabalho do portuário, que merece todo respeito, afinal, tecnologia não tira méritos de ninguém. Porém, há de se reconhecer que foi preciso da força de muitos para dar início à trajetória de sucesso deste que é a principal fonte de renda da cidade: o porto de Itajaí.

Ao manusear processos-crimes do século XIX, referentes à Vila e respectivas freguesias de Itajaí, encontrei muitos outros escravos-marinheiros; mas não pensem que esta atividade era exclusividade dos escravos do sexo masculino. Registrei uma parda de 21 anos de idade, filha da liberta Maria, do espólio da finada Cypriana Rosa Bittencourt, cuja profissão era marítima (COSTA/SILVA, 2010, p. 248).

Após a abolição da escravatura, o porto de Itajaí empregou muitos negros. Acostumados com o trabalho pesado, eram requisitados no trabalho portuário. E foi neste ambiente que surgiram muitos líderes de operários que lutavam por melhores condições de vida e reconhecimento para sua gente.

#### Personalidades negras na história de Itajaí

Como já mencionado, o negro Simeão, escravo de Agostinho Alves Ramos, foi o primeiro negro a ser mencionado na história do município. O que não significa que tenha sido ele o primeiro negro a pisar em terras itajaienses. Segundo os autores José Bento Rosa da Silva e Moacir da Costa (2010, p. 9):

Muito antes de Itajaí tornar-se Vila, em 1860, os negros trazidos da África e de outras Províncias do Brasil, já estavam aqui na condição de escravos, embora as datas e os registros oficiais os ocultem. Assim como nas demais regiões do país, eles eram "as mãos e os pés" dos colonizadores, mesmo dos imigrantes alemães, italianos, portugueses, poloneses. Como apontam processos de compra e venda de escravos, os testamentos, os processos cíveis e criminais, os registros de batismo, dentre outros documentos que tivemos a oportunidade de manusear nos nossos estudos sobre a temática.

Alguns destes foram de suma importância para o processo de construção da sociedade itajaiense, dentre eles podemos destacar, Manuel Ferreira de Miranda e Sebastião Lucas Pereira.

Manuel Ferreira de Miranda - Itajaí, 24 de julho de 1878. Nasce Manuel



Ferreira de Miranda, negro, filho de Ignez Maria de Jezus e de Mathias Ferreira de Miranda. Passou toda sua infância em Itajaí, saiu ainda jovem para trabalhar na cidade de Santos, SP. Em 1904, casa-se com Maria Murila da Conceição. É este sem dúvidas um personagem ilustre da história de Itajaí. Mais conhecido como professor Manuelzinho, era um intelectual, foi professor e jornalista e ainda criou uma escola chamada Lyceu Infantil, em 1906, escola esta que contava com alunos filhos de famílias tradicionais da cidade. Foram muitos alunos, inclusive Irineu Bornhausen, que viria a ser um dos mais respeitados políticos catarinenses.

Mas a maior contribuição do professor Manuelzinho foi com a imprensa catarinense; os principais jornais da cidade contaram com sua colaboração, como o "Novidades" e "O Pharol". Seu próprio jornal, chamado "Gazeta de Itajahy", foi publicado em 1912. Segundo Manuel Ferreira de Miranda seu único objetivo era informar. Há muitas histórias envolvendo Manoel Ferreira de Miranda, tanto que em 2010 foi lançado um livro sobre sua trajetória. Trata-se da obra dos escritores Saulo Adami, Tina Rosa e Gênice Suavi, intitulada "Jornaes de Hontem, Manoel Ferreira de Miranda e o Primeiro Diário de Itajahy".

Sebastião Lucas Pereira - Outra personalidade negra itajaiense é Sebastião

Lucas Pereira, este mais conhecido que o primeiro. O mesmo já foi homenageado tendo seu nome emprestado a uma ponte, em Itajaí, e ainda, muito antes disso, um clube recreativo recebeu também seu nome. Trata-se da Sociedade Sebastião Lucas, aqui já mencionada. Nasceu em 1875, no bairro Espinheiros, em Itajaí, ou seja, antes da lei que aboliu a escravidão no Brasil. Casouse com Rosa Mônica Pereira e ainda jovem partiu para área urbana de Itajaí e se dedicou a 35 anos de trabalho na Cia. Malburg. Sebastião Lucas foi um dos responsáveis pela criação da primeira sociedade portuária da cidade, a Sociedade Beneficente XV de novembro. Sendo presidente desta sociedade, foi incansável na luta por melhores condições de trabalho na área portuária, como melhorias salariais por exemplo.



A Sociedade Beneficente XV de novembro veio a transformar-se no Sindicato dos Trabalhadores em Trapiches e Armazéns de Itajaí.

Em outubro de 1939, a sociedade beneficente foi transformada em Sindicato dos Trabalhadores em Trapiches e Armazéns de Itajaí, quando Sebastião Lucas recebeu das mãos do Presidente da República Getúlio Vargas, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, a Carta Sindical que legalizava a organização sindical dos trabalhadores. (COSTA/SILVA, 2010, p.254, 255).

Ainda segundo os mesmos autores, Sebastião Lucas Pereira atuou em outras frentes, além das causas trabalhistas, participou também de clubes sociais e desportivos.

**Beco do Quilombo -** Existe um lugar em Itajaí que já foi chamado, e ainda o é por muitos, de Beco do Quilombo. O Beco do Quilombo recebeu, no passado, exescravos e, posteriormente, seus descendentes. Hoje o local é chamado oficialmente de Rua Francisco Czarneski, rua que fica próxima ao Porto de Itajaí. A existência do Beco do Quilombo é um espaço autóctone da etnia e cultura afro. Vários pesquisadores falam do beco em suas pesquisas.







Os negros na contemporaneidade itajaiense

Plano Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Itajaí - Atualmente, os afro-itajaienses continuam lutando por seus direitos, afinal, o preconceito por este grupo étnico ainda é muito grande. Existem na cidade algumas associações que defendem os direitos do negro a uma vida mais igualitária.

Em 2011, a Secretaria de Relações Institucionais e Temáticas de Itajaí organizou o Plano Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Itajaí. O plano foi publicado e chamou a atenção das autoridades, sendo inclusive usado como referência para organização de outro Plano de Promoção da Igualdade Racial, porém, em esfera federal. Estabeleceu-se então um convênio com a Secretaria da Presidência da República sob o número 742.290/2010. O plano é composto por eixos: educação, trabalho e renda, cultura, esporte, políticas internacionais, habitação e saneamento básico, saúde, segurança e justiça. Dentro de cada eixo propõem-se vários objetivos. Dentre os principais, encontram-se na educação o de programar políticas municipais para educação etnicorracial e incluir temáticas etnicorraciais no projeto político pedagógico. Na saúde, atentar aos órgãos de saúde para doenças características da população negra, como a anemia falciforme. Na habitação, fiscalizar áreas inadequadas e irregulares que costumam ser invadidas e, em contrapartida, oferecer programas habitacionais e ainda promover programas de inclusão social. No esporte, estimular a participação da população negra nos esportes e lazer. Na cultura, criar um calendário oficial de eventos etnicorracias. Nas políticas internacionais, implantar mecanismos de proteção aos imigrantes ilegais e combater a xenofobia.

**Kizomba -** Assim como em outras cidades do Brasil, em Itajaí a Secretaria Municipal de Educação tem em sua agenda de eventos escolares o "Projeto Kizomba". Trata-se de uma comemoração que ocorre no mês de novembro, por passagem do Dia da Consciência Negra que ocorre no vigésimo dia deste mês. Kizomba significa "[...] festa do povo, tendo o nome origem nas danças dos negros que resistiram à escravidão. É congregação, confraternização e resistência. Um chamado à luta por liberdade e por justiça, exaltação da vida e da liberdade" (GONÇALVES, 2013.) Pode tratar-se também de um ritmo de dança proveniente da Angola.

Durante a Kizomba, promovida nas escolas da rede, as crianças se aproximam do mundo cultural dos afro-brasileiros aprendem sobre história, danças, artes entre outros. Assim é possível estreitar os laços entre as etnias que compõem o ambiente escolar e ainda promover a igualdade racial entre as crianças, além de elucidar os estudantes sobre a contribuição negra na formação da sociedade brasileira.

O busto de Simeão e o Prêmio Simeão - Em 2009, por iniciativa da Fundação Genésio Miranda Lins, iniciou-se o processo de confecção do busto de Simeão. Como já citado, Simeão foi escravo de Agostinho Alves Ramos; Simeão ergueu a Igreja da Imaculada Conceição, um marco importante para história de Itajaí.

Segundo entrevista concedida pelo arqueólogo Darlan Pereira Cordeiro, Superintendente da Fundação à época, notou-se por parte dos educadores que trabalhavam no Museu Histórico de Itajaí um certo "constrangimento" nas crianças que visitavam a exposição referente à etnia negra, pois a mesma apresentava apenas objetos de tortura, do período da escravidão, remetendo o negro a uma condição submissa.

Pensou-se então em confeccionar o busto e colocá-lo ao lado de personagens bem conhecidos da história da cidade que já haviam sido homenageados com bustos expostos no referido museu. Ainda segundo o entrevistado, a reação do público foi bem positiva, principalmente, pela etnia negra, a qual se viu representada por Simeão na formação da história de Itajaí. Hoje o busto faz parte do acervo do Museu Histórico de Itajaí.

Graças a iniciativas como esta, a etnia negra começa a sair da invisibilidade. Depois das pesquisas realizadas para confecção do busto de Simeão e sua repercussão nacional, foi criado, em 2011, também na cidade de Itajaí, o Prêmio Simeão. A indicação ao prêmio ocorre por meio do Conselho Municipal de Desenvolvimento da Comunidade Negra de Itajaí e ocorre no mês de novembro, mês da consciência negra.

Este prêmio tem como finalidade homenagear pessoas que, de alguma forma, contribuem ou contribuíram para a preservação e divulgação da cultura negra da cidade

ou ainda a pessoas que de alguma forma lutaram pela promoção da igualdade racial, como foi o caso de Paulo Caramuru da Silva, que recebeu em homenagem póstuma o Prêmio Simeão 2014.

#### REFERÊNCIAS

ADAMI, Saulo. **Jornaes de Ontem:** Manuel Ferreira de Miranda e o Primeiro Diário de Itajahy. Itajaí: S&T Editores, 2010.

BUENO, Eduardo. **Brasil, uma história:** Cinco séculos de um país em construção. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

CABRAL, Gabriela. **Candomblé: Os rituais do Candomblé**. Disponível em: http://www.brasilescola. com/religiao/candomble.htm. Acesso em 09 de novembro de 2103.

CORDEIRO, Darlan Pereira. Entrevista concedida a Tânia Garbari em: 19 nov. 2014.

CORDOVA, Tânia. **História da África**. Indaial: Grupo Uniasselvi, 2010.

COSTA, Moacir da; SILVA, José Bento Rosa da. **Negros na História de Itajahy:** da invisibilidade a visibilidade. Mais de 150 anos de história. Itajaí: Casa Aberta, 2010.

D'ÁVILA, Edison. **Pequena História de Itajaí**. Itajaí: Funda cão Genésio Miranda Lins, 1982.

EDUCAÇÃO, Secretaria de. Prêmio Simeão. Disponível em: http://biblioteca.itajai.sc.gv.br. Acesso em 03 dez. 2013.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. 51. Ed. São Paulo: Global, 2006.

GONÇALVES, Graziela Cristina (Org.). Plano Municipal da Promoção da Igualdade Racial de Itajaí. Itajaí: Progressiva, 2011.

GONÇALVES, Karoline. **Kizomba**. Disponível em:<a href="http://educacao.itajai.sc.gov.br/">http://educacao.itajai.sc.gov.br/</a> >. Acesso em 29 nov. 2013.

LENZI, Rogério Marcos (Org.). **Itajaí, outras histórias**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 2002. PIAZZA, Walter F. **A Escravidão negra numa Província Periférica**. Florianópolis. Garapuvu, 1999. ROMÃO, Maria Jeruse (Org.). **A África está em nós**: História e Cultura afro-brasileira: Africanidades

Catarinenses. João Pessoa: Grafset, 2009.

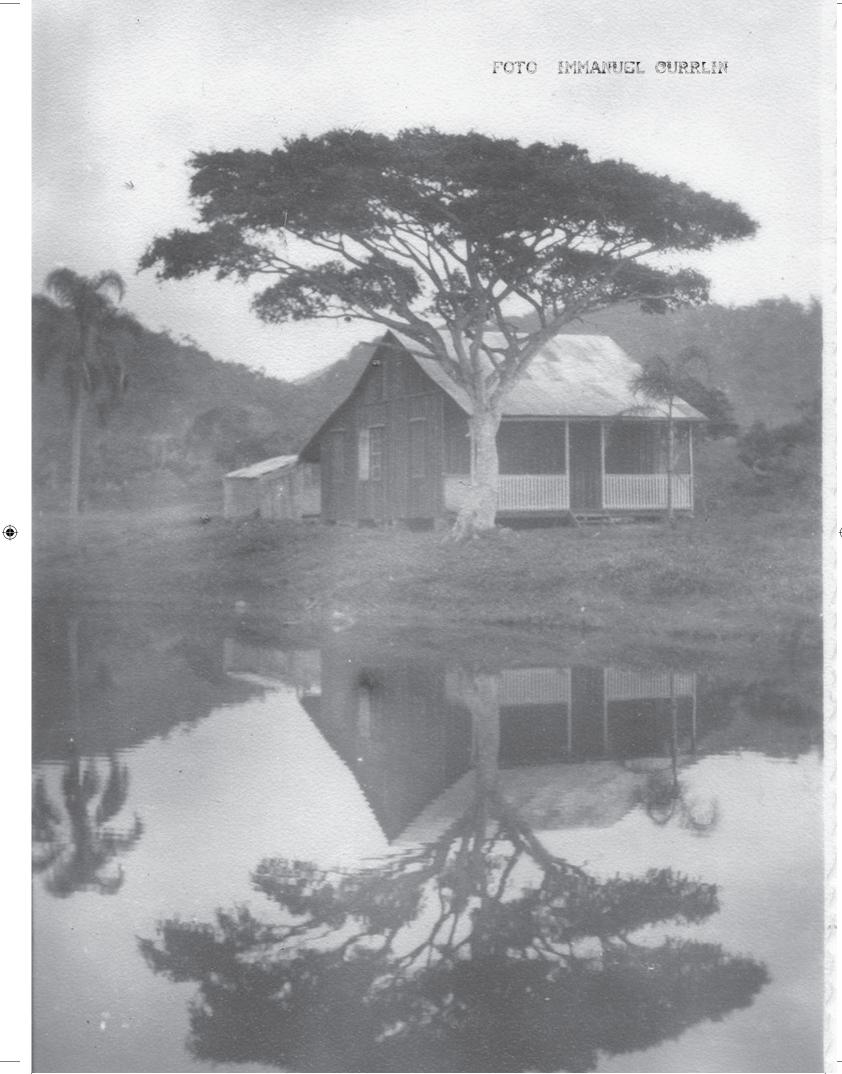
SAINT-HILAIRE, August de. **Viagem a Curitiba e a Província de Santa Catarina**. São Paulo: Universidade de são Paulo, 1978.

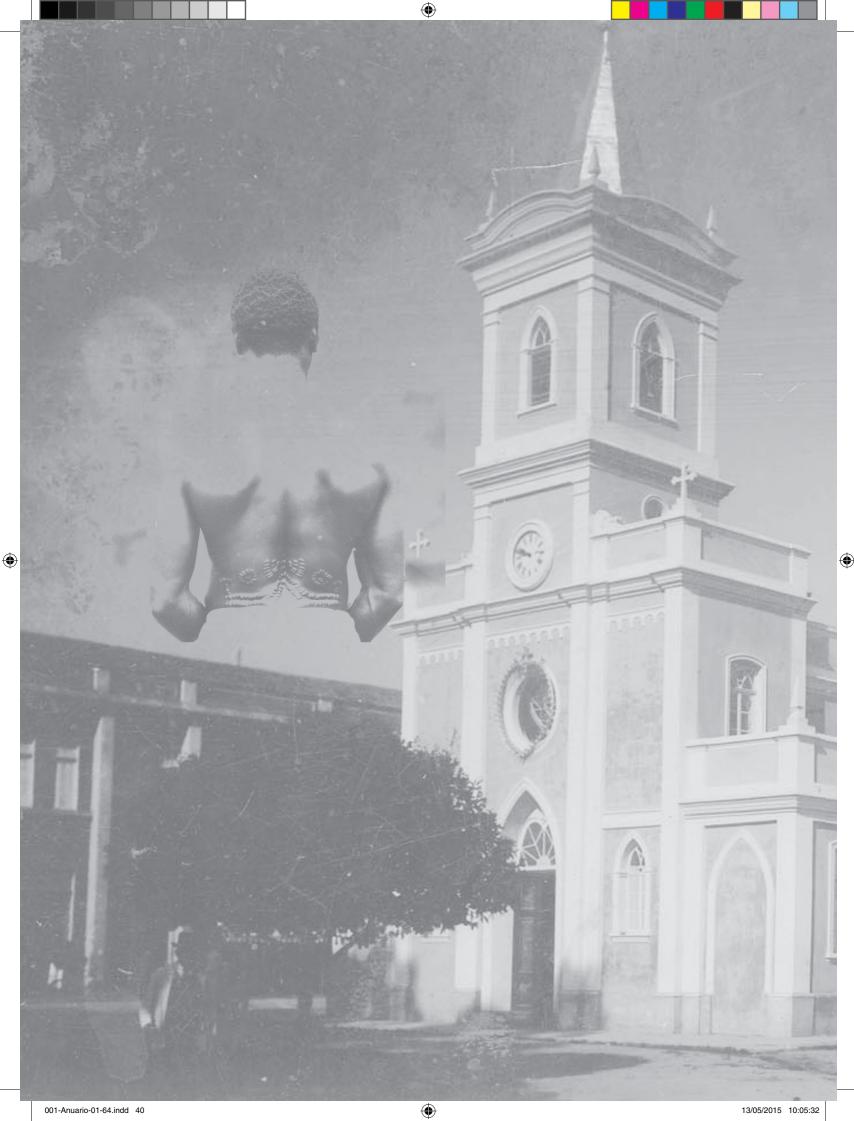
SERPA, Ivan Carlos. **Entre o Rio e o Mar:** História da administração pública municipal de Itajaí entre 1950 e 2000. Itajaí: S&T Editores, 2010.



São Benedito. Disponível em: http://saobeneditoavare. com.br/wp-content/uploads/2012/05/Sao\_Antigo\_ Benedito\_antigo.jpg









# Afrodescendentes em Itajaí

reflexões sobre a aplicação da Lei 10.639/2003



OBJETIVO DO TEMA É REFLETIR sobre a construção de um patrimônio cultural coletivo na história de Itajaí, através da análise dos discursos provenientes de vários segmentos da sociedade em relação ao respeito e visibilidade, em especial, da cultura afro.

Pretende registrar a importância dos Movimentos Sociais na luta contra a discriminação na construção da história local, além de identificar as ações afirmativas para o cumprimento da Lei 10.639/2003, a partir da criação de Políticas Públicas nas esferas federal, estadual e municipal. A escolha do tema tem relação pessoal por eu ser uma afrodescendente e, também, no decorrer da minha vida profissional, de testemunhar a dificuldade nas relações interpessoais quando se trata de discutir o preconceito, além de perceber a necessidade de destacar o espaço escolar como local de debate na busca de soluções que visem à valorização da cultura africana.

O enfoque é justamente este, que seja discutido nas famílias, nas escolas, nas universidades, nas associações de bairros periféricos, nos grandes centros, nas empresas, na mídia a luta contra toda forma de preconceito para que juntos possamos construir um Brasil mais comprometido com a igualdade social.

Início de um debate com o negro no legislativo itajaiense: "Zatelli, pequeno grande homem"

Durante o ano de 2007, a Secretaria Municipal de Educação, na Gestão Municipal, divulgou que estaria oferecendo aos professores da Rede Municipal de Itajaí um curso sobre Diversidade Étnica na Educação.

Naquela oportunidade, uma das tarefas conclusivas da formação continuada foi a produção de um material pedagógico sobre afrodescendentes na cidade. A ideia era pesquisar personalidades que se destacaram em suas atividades na comunidade, produzir um texto e elaborar exercícios para a publicação de uma cartilha. O objetivo era dar visibilidade aos afrodescendentes e suas ações. Os encontros foram realizados no IFES (Instituto Fayal de Ensino Superior) e entre palestras com vários especialistas os professores produziram um material didático bem interessante, mas que não chegou à publicação conforme combinado, devido o término da Gestão Municipal em 2008.



De acordo com a Coordenadora de Ensino do Departamento do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação em 2007, Taysa Jeane Silva, a mesma foi participante do GT da COEPIR – Coordenadoria da Igualdade Racial na Prefeitura, para implementar a Lei 10.639/2003. Foi criado um grupo permanente de estudos composto por membros gestores da Secretaria de Educação, Professores da Rede Municipal de Ensino, Movimento Negro local, Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e Fundação Genésio Miranda Lins (FGML).

Também foi realizada uma parceria com a UDESC na pessoa do Professor Doutor Paulino de Jesus Francisco Cardoso, Coordenador do NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros. Um dos objetivos do NEAB é apoiar as Secretarias de Educação nas suas atividades de formação de professores, o qual vinha nas reuniões do GT quinzenalmente trabalhar a temática. Em um desses encontros, ocorreu a mobilização para a realização da Kizomba: palavra de origem africana que significa encontro, a festa do reencontro nas escolas da Rede Municipal de Itajaí. A Kizomba seria a culminância dos trabalhos realizados pelas escolas.

Tal formação seria de 120 horas de capacitação para 185 professores, sendo Itajaí e Florianópolis as únicas cidades catarinenses a receberem este recurso na época. Os palestrantes responsáveis pela capacitação foram: Prof. Dr. José Bento Rosa da Silva (UNIVALI); Prof. Doutorando José Nilton de Almeida (Núcleo do Estudo Negro); Prof<sup>a</sup>. Doutora Renilda Costa de Liz; Prof<sup>a</sup>. Mestre Jeruse Romão (Militante antiracista). Foram abordados os seguintes conteúdos: 1 - Currículo, escola e relações étnico-raciais/Construção de Identidades e práticas pedagógicas. 2 - Geografia e História Pré-colonial da África/Geografia e História colonial da África. 3 - A escravidão no Brasil/ O negro em Santa Catarina/ Itajaí e Políticas Inclusivas/Legislação sobre Diversidade.

Deste trabalho realizado com os professores da Rede Municipal, uma das personalidades entrevistadas para a produção textual foi o ex-vereador José Zatelli. Chamo a atenção do subtítulo acima que o qualifica como "pequeno" por ser um homem com pouca estatura, porém, "grande homem" nas suas ações junto à comunidade.

"Zézinho", como foi carinhosamente apelidado, filho de mãe negra e pai italiano, tem também na sua árvore genealógica presença de ancestrais indígenas. Sua família trabalhava na roça quando decidiram migrar para a "cidade" e com muito sacrifício o jovem Zatelli concluiu seus estudos, formando-se no ensino médio e chegando à graduação no curso de Ciências Contábeis.

Esculturas/Objetos . Título : Exin Awo Keji - Lança Misteriosa II. Artista : Mestre Didi- Deoscoredes Maximiliano dos Santos - Mestre Didi, 1996. disponível em http://www.catalogodasartes. com.br/Lista\_Obras\_Biografia\_Artista.

asp?idArtista=3231

Envolvido na Igreja com grupos de jovens, logo se destacou para ser Presidente de Associação de Moradores no bairro Cordeiros/Votorantim, o

001-Anuario-01-64.indd 43 13/05/2015 10:05:35

que contribuiu para que em 1992 fosse candidato a vereador, sendo

eleito com 546 votos pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

Sua trajetória de lutas e conquistas o levou, como membro afrodescendente no legislativo, em parceria com o Movimento Negro local a apresentar o PLO Nº 025/1993. Tal projeto abria a discussão na Rede Municipal de Ensino sobre a inserção na grade curricular do conteúdo sobre a cultura afro-brasileira. Sua atuação como vereador foi determinante para que a de Lei Municipal nº 2.830/93 fosse aprovada e sancionada pelo Prefeito Arnaldo Schmitt Júnior, pois expressava um desejo coletivo na defesa da luta de um povo. De acordo com documento pertencente ao acervo da Câmara de Vereadores de Itajaí, o PLO Nº 025/1993 foi assinado por José Zatelli, seguido pelos vereadores Volnei José Morastoni e Manoel Jesus da Conceição.

Aquele menino franzino que veio do interior e da periferia se tornou uma liderança na comunidade demonstrando dignidade e respeito em relação a sua origem, servindo de referência para as crianças afrodescendentes da cidade.

Hoje, Zatelli está longe do cenário político por uma questão pessoal, mas quando perguntado sobre esta experiência, entre conquistas e desencantos com a política partidária, comenta ter satisfação da sua passagem pelo legislativo itajaiense, principalmente em relação à primeira Lei Municipal que, segundo ele, "pela sua magnitude, se tornaria um marco referencial na luta contra o preconceito nas escolas de Itajaí" (ZATELLI, 2007).

Ação Educativa no Museu Histórico de Itajaí anos 2008/2009: onde

Durante as décadas de 70, 80 e 90 do século XX, através de conferências internacionais. discussões buscaram definir a função social dos Museus, principalmente

- ESPIRITO DE AVARÉ. Artista : Mestre Didi- Deoscoredes Maximiliano dos Santos - Mestre Didi, 1998. disponível em: http:// catalogodasartes.com.br/Avaliacoes2.as p?Pesquisar=1&cboArtista=Mestre%20 Didi-%20Deoscoredes%20Maximiliano%20 dos%20Santos%20-%20Mestre%20 Didi&sPasta=@Obras&rdTipoObra=2



no que diz respeito à necessidade de uma maior interação com o público visitante, voltada para uma reflexão crítica da sociedade através dos processos educativos.

Em se tratando de ensino formal, Ramos (2004 apud JACINTO 2007, p. 75), na publicação da obra "A Danação do Objeto", percebe como tais instituições museológicas podem contribuir para o ensino da história. Segundo ele: "Se antes os objetos eram contemplados ou analisados, dentro da suposta neutralidade científica, agora devem ser interpretados".

Com isso, vemos claramente a possibilidade de transformar um museu-templo em museu-fórum de discussões, viabilizando a releitura do cenário-exposição e consequentemente o campo do aprendizado.

Portanto, dentro das Ações Educativas do Setor de Educação Patrimonial do Museu Histórico de Itajaí, durante os anos de 2008 e 2009, quando se apresentava a Galeria de Bustos dos ilustres fundadores de Itajaí, foi lançada a problematização com o seguinte questionamento ao público estudantil: *Agora respondam onde está o Simeão?* 

Esta pergunta levaria a olhares curiosos, gerando novas perguntas como, por exemplo: Quem é esse Simeão? Por que ele deveria estar aqui? Por que ele não está? E a partir disso encontrar as respostas, entender o processo que levou a exclusão do Simeão. Pois ele era tão ilustre quanto o comerciante que pediu a construção da 1ª capela ao Bispo, o pároco que fez as primeiras celebrações, pois foi com a força de trabalho das mãos do escravo Simeão que a capela foi erguida. E por fim levar os estudantes a refletirem sobre o que podemos fazer enquanto comunidade para reescrever esta história.

O trabalho educativo do Museu Histórico foi a ponta do "Iceberg" ao proporcionar um momento tão significativo, pois a instituição Museu, com esta problematização, estava sendo chamada ao debate e a reformulação da "Galeria de Bustos". Afinal, alguém mais pertenceu ao grupo dos pioneiros que ajudaram na fundação da Vila com a construção do "Curato do Santíssimo Sacramento" em 1824.

Isto gerou diálogos internos entre os funcionários e gestores da FGML sendo necessário levar o debate para o âmbito externo. Nesta perspectiva, o Movimento Negro foi convidado pela equipe do Setor Educativo do Museu Histórico, do qual a Prof<sup>a</sup>. Rosete Pereira também fez parte, para em conjunto com a Diretora do Museu, Sr<sup>a</sup> Beatriz de Oliveira, e Superintendente da Fundação Genésio Miranda Lins (FGML) Sr. Darlan Pereira Cordeiro, o responsável pela Reserva Técnica e então acadêmico de Museologia Marco Antonio Figueiredo Ballester Júnior, organizarem as reuniões descritas nas atas pela secretária *ad-hoc* Sr<sup>a</sup> Vera Lúcia de Nóbrega Pecego Estork, Diretora do Centro de Documentação e Memória Histórica, no sentido de futuramente fazerem a intervenção na "Galeria de Bustos". O objetivo era promover o debate, a seleção do artista plástico e a apresentação do busto do personagem Simeão

à comunidade. Foram marcadas seis reuniões registradas em Ata sobre a Semana da Consciência Negra: Intervenção na Galeria de bustos, do Programa Ação Educativa e Cultural: Homenagem à Simeão. A primeira foi realizada em 1º de setembro de 2009 às 17h30min horas, sendo o local o Salão Nobre Rui Barbosa do Palácio Marcos Konder, no Museu Histórico de Itajaí.

A proposta apresentada seria a representação do "povo afrodescendente" na construção de parte da história da cidade. Nos encontros que se sucederam, foi definida a tomada de preço com planilha de três orçamentos para a confecção do busto. E nesta concorrência, coube ao artista plástico Silvestre João de Souza Júnior a honra de dar um rosto ao personagem Simeão. A confecção do busto contou com a presença dos funcionários da FGML e membros do Movimento Negro local para apreciação de cada etapa concluída.

Eme-mail enviado pela Diretora do Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí (CDMHI), Sra. Vera Lucia de N. Pecego Estork, ao Historiador Prof. José Bento Rosa da Silva, foi solicitado ao pesquisador dados sobre a origem do Simeão. Sendo que o historiador informou o seguinte:

> Simeão era um bantu, portanto as características dele são as dos bantus que podemos encontrar, sobretudo, na obra de Eugênio Marcondes: Travessia da Kalunga Grande, SP: Edusp, onde há registro de 300 anos de fotografia sobre africanos e seus descendentes na condição de escravos. Não se tem nenhuma descrição física do mesmo, no entanto, há uma descrição sobre a atividade do mesmo, que coloquei no meu último livro (Itajaí do século XIX), na página 18. Sugestão: o artista plástico inspirar-se nas iconografias que retratam os bantus, grupo composto de: angolas, moçambiques, rebolos, cabindas, quiloas, cassange. Segue em anexo algumas iconografias do referido livro. (VERA LUCIA, 2009).

A arte-educadora Claudia Regina Telles também contribuiu com informações fazendo um levantamento iconográfico, sendo a pesquisa posteriormente apresentada no evento "XI Cidade Revelada", realizado pela Fundação Genésio Miranda Lins em 2009.

Na busca da definição das características físicas do possível rosto do "Simeão", foi constatada a sua origem como sendo do

com pesquisa de historiadores locais. Com base nestas características e semelhanças,

grupo étnico africano "Bantu", de acordo Esculturas/Objetos. Título : Opa Nilá Baba Igi. Artista: Mestre Didi- Deoscoredes Maximiliano dos Santos - Mestre Didi, 2003. Disponível em: http://www.catalogodasartes.com.br/Lista\_ Obras\_Biografia\_Artista.asp?idArtista=3231

correspondentes ao nariz e a boca, o Sr.Manoel Vital Alves foi convidado a ser "referência" na realização da obra do escultor. O artista plástico Silvestre João de Souza comentou sobre esta experiência gratificante depois de vencer a concorrência pública, acrescentando:

Procurei ir ao mais fundo de meu âmago buscar inspiração e a sensibilidade suficiente para representá-lo com a maior dignidade possível e isto começou a materializar-se quando pesquisei o contexto histórico da época e procurei trazer até a atualidade, através de um fio formado pelos construtores afrodescendentes, até chegar ao Sr. Manoel Vital Alves, da Barra do Rio, em Itajaí, já com seus 80 e poucos anos (SOUZA, 2014).

No dia 20 de novembro de 2009, às 15 h e 30 minutos, foi realizada uma solenidade na frente do pátio do Museu Histórico de Itajaí para inauguração do busto do Simeão, apresentação de artistas locais e apreciação da comunidade no que se refere à divulgação e atividades pertinentes a "V Semana da Consciência Negra". Discursaram gestores da Administração Pública Municipal, como o Prof. Edison d'Ávila, naquela oportunidade Chefe de Gabinete, representando o Prefeito Municipal Jandir Bellini, além de funcionários da FGML, sendo também homenageados os fundadores do Movimento Negro local "Tio Marco", criado em 1988, sendo oferecida a eles uma placa personalizada. Em seguida, todos puderam entrar no Museu para de fato testemunhar a aquisição do busto como uma parte do quebra-cabeça que faltava para compor a galeria dos personagens que contribuíram para a fundação e construção da primeira capela de Itajaí.

Com certeza todo este processo desencadeou uma ação inclusiva, reafirmando a aplicação da Lei 10.639/2003, no sentido de dar visibilidade na reescrita da história e valorização da comunidade afrodescendente que, ao entrar atualmente no Museu, vê um representante do seu grupo étnico em situação de igualdade.

Aplicação da Lei 10.639/2003 no cotidiano escolar: aspectos positivos e negativos

Na Educação Pública Brasileira, até meados do século XIX, a exclusão (mesmo para negros libertos) vem da legislação existente. Isso constata-se em documentos oficiais relativos ao ensino público. No Livro de Primitivo Moacyr, sobre a Lei de 1837, determina: "São proibidos de frequentar as escolas públicas: 1º: as pessoas que padecerem de moléstias contagiosas; 2º: os escravos e pretos, ainda que sejam livres ou libertos" (MOACIR, 1940 apud FONSECA, 2007, p.18).

Além do "negro" ser colocado em comparativo às pessoas portadoras de doença contagiosa, mais adiante no Decreto nº 1.331 de 1854 a instrução para adultos negros dependeria da disponibilidade de professores. Além de outros entraves estabelecidos em outros decretos como, por exemplo, o Decreto nº 7.031-A, de 06 de setembro de 1878, que estabelecia que os negros só poderiam estudar no período noturno; diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares (BRASIL, 2004, p. 123).

Com a abolição da escravatura através da Lei Áurea em 1888, essa prática foi mantida ainda que sutilmente camuflada. Desta maneira, isto foi um "rótulo" que identificava a falta de oportunidades para uma parcela da população como algo natural naquele contexto, porém, na nossa sociedade é fundamental reverter este imaginário legitimado na nossa cultura.

No início do século XXI, algumas experiências foram realizadas na medida em que a legislação foi dando abertura às Políticas Públicas que favorecessem a descontinuidade dessa ideia de "raça inferior" difundida na sociedade europeia por Carolus Linaeuss (século XVIII) e que serviu de referência na construção do "preconceito" que ainda permeia os bastidores da nossa sociedade contemporânea.

Diante disso, novos conceitos, novos olhares apontam a necessidade de promover o debate sobre processos discriminatórios buscando novos caminhos, novas perspectivas.

Entre os dias 20 e 24 de novembro de 2007, a UFRJ, em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional e a UFF, coordenou o III Encontro de Professores de Literaturas Africanas. O intervalo de quatro anos, desde o último evento, é significativamente revelador do crescimento e afirmação dos estudos das literaturas africanas. De acordo com Secco (2010, p. 17)

Busto de Simeão. Palácio Marcos Konder, 2009. Acervo: FGML/CDMH. Sempre me espantou, dada à importância da África na formação do Brasil, a sua quase completa ausência, até a pouco, da nossa literatura de criação da nossa poesia, do nosso romance, do nosso teatro, do nosso conto. Tudo







se passava como se o negro tivesse nascido nu no navio negreiro. Despido de passado e cultura.

Com a obrigatoriedade da Lei 10.639/2003, em 25 de novembro de 2005, na cidade de Itajaí, foi aprovada e sancionada a Lei que instituiu o Programa Municipal de Educação para a Diversidade Étnica Cultural. Foi uma iniciativa que gerou frutos, embates, conquistas e a constatação que haveria ainda muito por fazer.

Alguns anos depois, a cidade de Itajaí assinou o convênio nº 742.290/2010, com a Secretaria de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República, para elaboração do Plano Municipal de Promoção da Igualdade Racial, em conformidade com a Política Nacional de Igualdade Racial.

Conclusão

Trazendo para a realidade do cotidiano escolar nas Unidades de Ensino da Rede Pública de Itajaí, conversando com colegas de trabalho das séries iniciais e finais do Ensino Fundamental, pude obter algumas informações sobre a aplicabilidade da Lei 10.639/2003 dentro da nossa realidade levando em consideração o histórico de lutas que envolveram a cidade na criação de Leis, Programas Municipais etc.

Nesta reflexão, ficou claro que uma trajetória de Políticas Públicas afirmativas sobre o respeito à Diversidade Cultural, teve como consequência alguns avanços dentro do contexto educacional. Porém, essas lacunas no que se refere à aplicação sistemática no cotidiano escolar necessitam ainda serem olhadas com maior comprometimento. Só assim, na medida em que a comunidade é sensibilizada dentro de uma construção coletiva e compartilhada, poderemos de fato contribuir na prática para uma sociedade mais justa e fraterna.

Também destaco, enquanto afrodescendente, historiadora e professora da Rede Municipal de Ensino, que por ser mestiça, testemunhei o preconceito em algumas ocasiões e pela cor clara da minha pele, passando despercebida de muitos, causava espanto quando me declarava de origem negra por conta da minha ancestralidade









materna, da qual tenho muito orgulho. Portanto, defendo que a africanidade não está só na cor da pele, ela se faz presente também quando assumimos a nossa origem; isto justifica minha luta em contribuir para o debate sobre a Galeria de Bustos.

E para tal, uma das ações fundamentais na minha trajetória profissional e familiar foi ter sido convidada a participar e contribuir nos debates para a inserção do Simeão no Museu Histórico de Itajaí onde uma feliz coincidência me uniu a questões relativas à capela que ele construiu.

Sendo minha descendência paterna de origem portuguesa, indígena, espanhola e italiana, a pesquisa sobre minha árvore genealógica revelou que José Coelho da Rocha, doador das terras para a construção da referida Capela, faz parte da 7ª geração (pentavós) do meu pai, Sr. João José Jacinto. A escritura de doação data de 02 de abril de 1824, e foi lavrada a pedido dos doadores, no valor de trinta mil réis ao Santíssimo Sacramento, para nessas terras serem feitas a Capela e um cemitério.

Da mesma forma fiquei imensamente feliz por ver materializada, no esforço de realizar uma ação educativa concernente, uma homenagem que também representava a minha mãe, Maria Marcelino Jacinto, assim como colegas e alunos negros na caminhada da vida (que fazem da luta contra o preconceito uma bandeira diária). Uma necessidade que foi defendida por todos os afrodescendentes, agora representados na figura de "Simeão", mesmo não tendo vínculos de parentesco com ele, mas que, através dele, é possível reunir portadores de um desejo que gerou os esforços de brancos e negros para uma causa em comum. "AXÉ" para todos nós que fazemos parte desta história.

Referências

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Ético-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: MEC/Sepir, 2004.

FONSECA, Marcus Vinicius da; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; PINTO, Regina P. **Negro** e educação: presença do negro no sistema educacional brasileiro. São Paulo: Ação Educativa, ANPED, 2001.

GONÇALVES, Graziela Cristina. **Plano Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Itajaí.** Prefeitura Municipal de Itajaí: Secretaria de Relações Institucionais e Temáticas. Itajaí; Ed. Progressiva, 2011

JACINTO, Elizete Maria. Museu Histórico de Itajaí: Criação, Memórias e Experiências em Educação e Participação Comunitária (Década de 1970-2007) Universidade do Vale do Itajaí/UNIVALI. TCC, 2007.

SECCO, Carmem Lucia Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Org.) **Pensando África: Literatura, arte, cultura e ensino.** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010. **Documentos diversos** 

Ata da 1ª reunião sobre a Semana da Consciência Negra: Intervenção na Galeria de bustos (Fundadores de Itajaí) do Programa "Ação Educativa e Cultural: Homenagem à Simeão". Palácio Marcos Konder: Museu Histórico de Itajaí, 01/09/2009. Acervo do CDMHI/Fundação Genésio Miranda Lins. Correspondência Eletrônica entre Vera Lucia de N. PecegoEstork e Prof<sup>o</sup> José Bento Rosa da Silva.

16/10/2009. Acervo da Fundação Genésio Miranda Lins (FGML).

PLO Nº 025/1993, referente à inclusão de "História Afro-Brasileira" nos currículos das escolas municipais de Itajaí. Acervo do Arquivo da Câmara de Vereadores de Itajaí.

Panfleto da Programação Itajaí rumo aos 150 anos sobre a V Semana da Consciência Negra: Valorização e o Reconhecimento da Cultura Negra. Itajaí, 2009. Acervo do CDMHI/ Fundação Genésio Miranda Lins.

**Planilha orçamentária do Ateliê Cerâmica Alquímica**. Itajaí, 24/09/2009. Acervo do CDMHI/ Fundação Genésio Miranda Lins.

**Gráfico Ahnentafel para João José JACINTO.** Ancestrais de João José Jacinto – pai de Elizete Maria Jacinto. Pesquisa realizada por Telmo José Tomio, Membro do INGESC – Instituto de Genealogia de Santa Catarina e Membro do CBG-RJ – Colégio Brasileiro de Genealogia. telmotomioosm@yahoo.com.br

**E**NTREVISTAS

ZATELLI, José. **Depoimento concedido a Prof<sup>a</sup> Elizete Maria Jacinto**. Itajaí, 09 março 2007. SILVA, Taysa Jeane. **Depoimento concedido a Prof<sup>a</sup> Elizete Maria Jacinto**. Itajaí, 14 abril 2014. SOUZA, Silvestre João de. **Depoimento concedido a Prof<sup>a</sup> Elizete Maria Jacinto**. Itajaí, 09 abril 2014.









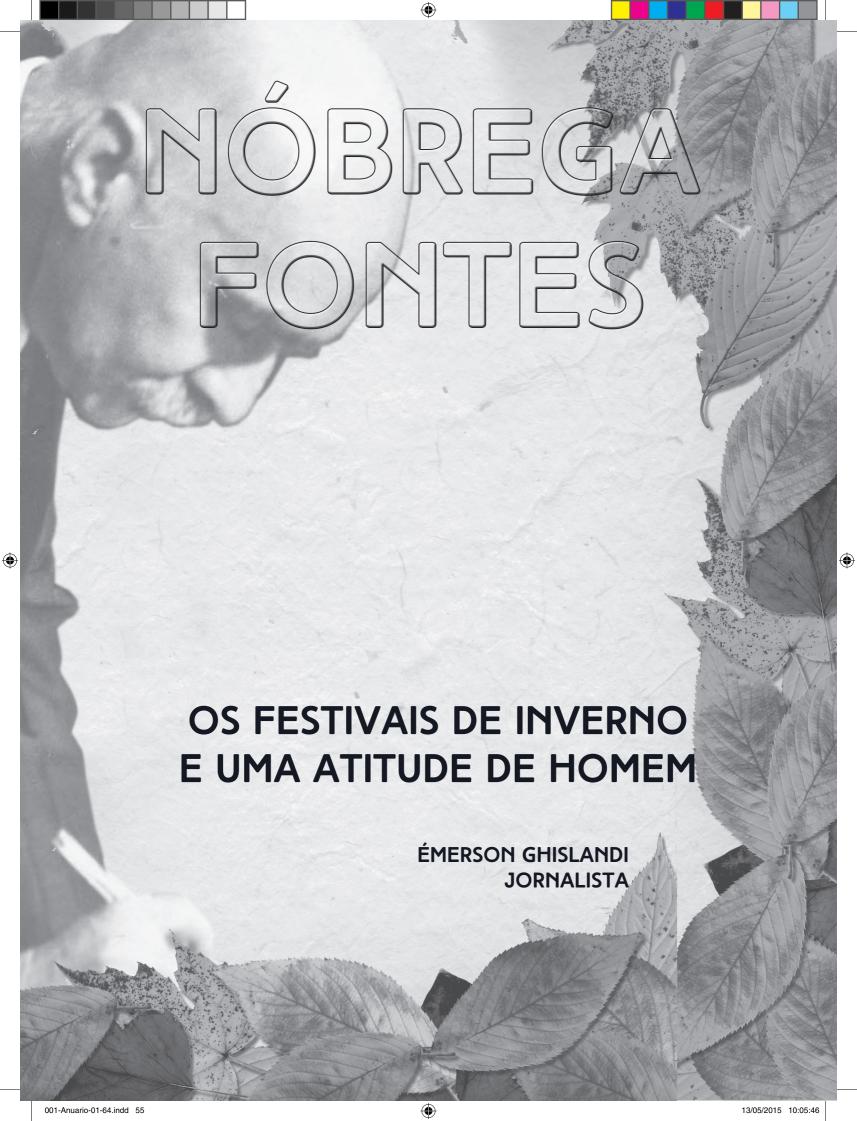


Obras de Mestre Didi. Disponível em: http://www.paulodarzegaleria.com.br/exposicao/mestre-didi-2/









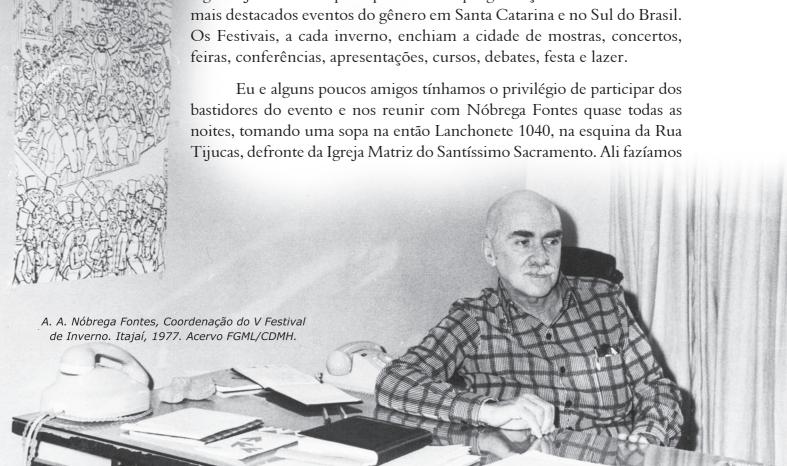
EBULIÇÃO TOMAVA CONTA DOS ESPAÇOS CULTURAIS nos meses de julho. Era o Festival de Inverno de Itajaí, que iniciou em 1973 e durou exatamente uma década. Uma vida relativamente curta, mas vigorosa. As ruas respiravam cultura por todos os poros e o frio, mesmo quando mais intenso, não arrefecia as mentes e corações dominados por uma saudável e agitada emoção.

O teatro, a pintura, a música, a literatura e todas as manifestações artísticas tomaram impulso e alçaram voo durante aquele período, ganhando fôlego suficiente para que muitos desses valorosos artistas ainda hoje se encontram em evidência. Vieram a lume em Itajaí, numa fértil e estonteante década, uma geração de talentos influenciados pelo clima de expansiva criatividade.

O idealizador de tudo isto foi o folclorista e intelectual Antônio Augusto Nóbrega Fontes, um cinquentão que pretendia, com tal iniciativa, fomentar o crescimento cultural e o turismo fora da temporada de verão. Subsistem ainda, como resultado de sua atuação e apoio, entidades como a Casa da Cultura, Associação Coral Villa-Lobos e Proarte de Itajaí.

Irreverente nos pensamentos, sempre à frente de sua época, mas fino e comedido no trato com todos que se aproximavam dele, capitaneava pessoalmente as diversas atividades que eram desenvolvidas nos vários espaços disponíveis na cidade. No início,

> havia os céticos. Sempre os há. Mas a cada ano o festival mostrava mais vigor e já se inseria pela qualidade da programação no calendário dos



a avaliação das atividades do dia, sempre extenuantes devido à pluralidade da programação que o Festival contemplava. E ali ele nos contava de suas viagens pelo mundo, das suas ideias, dos escritores e poetas que apreciava. Destes últimos não escondia

a preferência pelo português Fernando Pessoa, que em célebre frase diz que "tudo vale a pena se a alma não é pequena". E a de Nóbrega Fontes era grandiosa.

Até que, numa das últimas edições do prestigiado festival, Fontes se mostrou incomodado com murmúrios a seu respeito e lá mesmo, numa mesinha do 1040, decidiu: "Vou fazer um discurso no Clube Guarani, onde se reúne a mais fina flor da sociedade itajaiense, e garanto que calarei de vez a voz desses hipócritas", afirmou enfático. Dito e feito. A Sociedade Guarani ficou completamente abarrotada de artistas, políticos e de outras pessoas que queriam ouvir o que aquele homem tinha de tão importante para falar.

Foi um discurso sóbrio, sincero e, acima de tudo, eloquente pela inteligência de cada frase. Nóbrega Fontes assumia, publicamente, uma opção sexual divergente da maioria, justo em uma época de preconceitos ainda sobremaneira arraigados. Mas o fez com tanta dignidade, sensibilidade, coragem e precisão na escolha das palavras, que enquanto falava, o silêncio reinava absoluto no requintado salão do Clube Guarani. Perplexidade pela revelação, quase nenhuma. Mas o respeito pela atitude e pela lucidez plácida do orador eram visíveis. Nóbrega Fontes lavou a alma. Terminou aplaudido de pé. E eu pensei comigo: que homem admirável!

Ainda estava de pé naqueles tempos o Bar Dinamarca, nas imediações do atual ferry-boat. Instalado em 1951 pela brasileira, mas dinamarquesa por adoção, Marta Christensen, o bar se tornou referência obrigatória dos boêmios da cidade e ponto de encontro de marinheiros de todas as partes do mundo. Nas paredes, tinha como decoração predominante as bandeiras de inúmeros países.

Uma das derradeiras vezes em que pude partilhar da agradável e inspiradora companhia de Fontes foi no Dinamarca, um pouco antes de ser demolido para dar lugar a um prédio de muitos andares. Ia ao chão mais um pedacinho da história de Itajaí. Eu e Antônio Augusto Nóbrega Fontes tivemos o privilégio de curtir a última noite de vida do Dinamarca, no final dos anos 70.

Fontes nos deixaria definitivamente alguns anos depois, aos parcos 63 anos de idade. Em meados dos anos 80, ainda tentou-se a ressurreição do Festival de Inverno em uma iniciativa da Universidade do Vale do Itajaí, a Univali, então denominada Fundação de Ensino do Pólo Geo-Educacional do Vale do Itajaí – Fepevi. Mas qual. Ficou apenas numa edição. Sem o brilho e o fascínio exercido pelo entusiasta Nóbrega Fontes, nada mais poderia ser como antes.

#### BIOGRAFIA DE NÓBREGA FONTES

Filho de Emanuel da Silva Fontes e Maria Gomes Nóbrega que ainda geraram suas irmãs, Maria do Carmo Fontes Molleri e Beatriz Nóbrega Fontes. Era sobrinho do Desembargador Henrique da Silva Fontes e do Cônego Tomás Adalberto da Silva Fontes. Nóbrega Fontes ou "Fontes", como era mais comumente conhecido, cursou suas primeiras letras no Colégio São José, em Itajaí, entre 1931 e 1935 e, posteriormente, o antigo ginasial, entre 1936 e 1940, e o Curso Complementar Pré-Jurídico, entre 1941 e 1942, no Colégio Catarinense, em Florianópolis. Iniciou o Curso de Direito na Faculdade de Direito de Santa Catarina em 1943, tendo trancado a matrícula nesse mesmo ano. Frequentou o Tiro de Guerra 40 em Florianópolis em 1941.

Assinou contrato de trabalho como aprendiz com o Banco do Brasil em Joinville em 1943, sendo efetivado como escriturário no ano de 1944. Em 1947 foi morar no Rio de Janeiro. Sem esquecer suas origens, participou ativamente das atividades do Centro Catarinense daquela cidade promovendo a cultura barriga-verde na então capital federal.

O folclore e a cultura eram suas paixões. Colecionador de cerâmica de Mestre Vitalino e amigo de personalidades como Luís da Câmara Cascudo, Maria Bethânia e D. Zoé Noronha de Chagas Freitas, fundou em sua residência, em 1963, em Santa Teresa (bairro do Rio de Janeiro), o Clube dos Amigos do Folclore. Organizou, em 1964, o Festival Folclórico de Santa Teresa. Aposentou-se no Banco do Brasil no ano de 1972.

Em 1973 assumiu a função de membro do Conselho Municipal de Turismo de Itajaí, quando implementou o projeto dos Festivais de Inverno na cidade. Coordenou os festivais até 1978. A série ininterrupta de dez festivais, no total, encerrou-se em 1982.

Em 1975, a convite do Governador Antônio Carlos Konder Reis, assumiu a Diretoria da Unidade de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Santa Catarina, permanecendo nesse cargo até 1979. Coordenou o Festival de Música Erudita de Florianópolis em 1975. Participou do I Encontro Latino-Americano de Educação através da Arte no Rio de Janeiro em 1977. Coordenou os projetos de restauração da Casa dos Açores na localidade de São Miguel, município de Biguaçu, em 1979. Participou da II Conferência Geral dos Museus Brasileiros no Rio de Janeiro em 1982. Participou do XXV Congresso Mundial de Educação através das Artes no Rio de Janeiro em 1984.

Outras atividades em que se destacou: Diretor do Grupo de Estudos Folclóricos da Associação dos Funcionários do Banco do Brasil (AABB) e Diretor Cultural da Federação de Capoeira do Estado do Rio de Janeiro. Subsistem, ainda, como resultado de sua atuação e apoio, entidades itajaienses como: Casa da Cultura, Associação Coral Villa Lobos e Proarte de Itajaí.

### Produção Intelectual

Artigos publicados no Anuário de Itajaí - Centro de Documentação e Memória Histórica da mantenedora Fundação Genésio Miranda Lins; artigos publicados como colunista do Jornal do Povo de Itajaí; artigos publicados como colaborador do Jornal de Itajaí.

#### Títulos, Condecorações e Homenagens

Cidadão Honorário de Itajaí em 1981; Diploma de Amigo Número Um da Capoeira em Santa Catarina; Patrono do Troféu Berimbau de Prata da Federação de Pugilismo do Estado do Rio de Janeiro; Diploma de Benemérito do Grupo Rio Antigo de Capoeira; Patrono da cadeira de número 20 da Academia Itajaiense de Letras, ocupada atualmente pelo Prof. e Mestre em História Edison d'Ávila; Patrono do Auditório da Casa da Cultura Dide Brandão, Itajaí-SC.

#### Referências

Rothbarth, Marlene Dalva da Silva; Silva, Lindinalva Deóla da. Famílias de Itajaí: Mais de Um Século de História vol. II. Itajaí. Ed. Do Autor. 2005.

CD-ROM "Heróis da Nossa Terra". Fundação Cultural de Itajaí; Prefeitura de Itajaí; TECONVI - Itajaí.

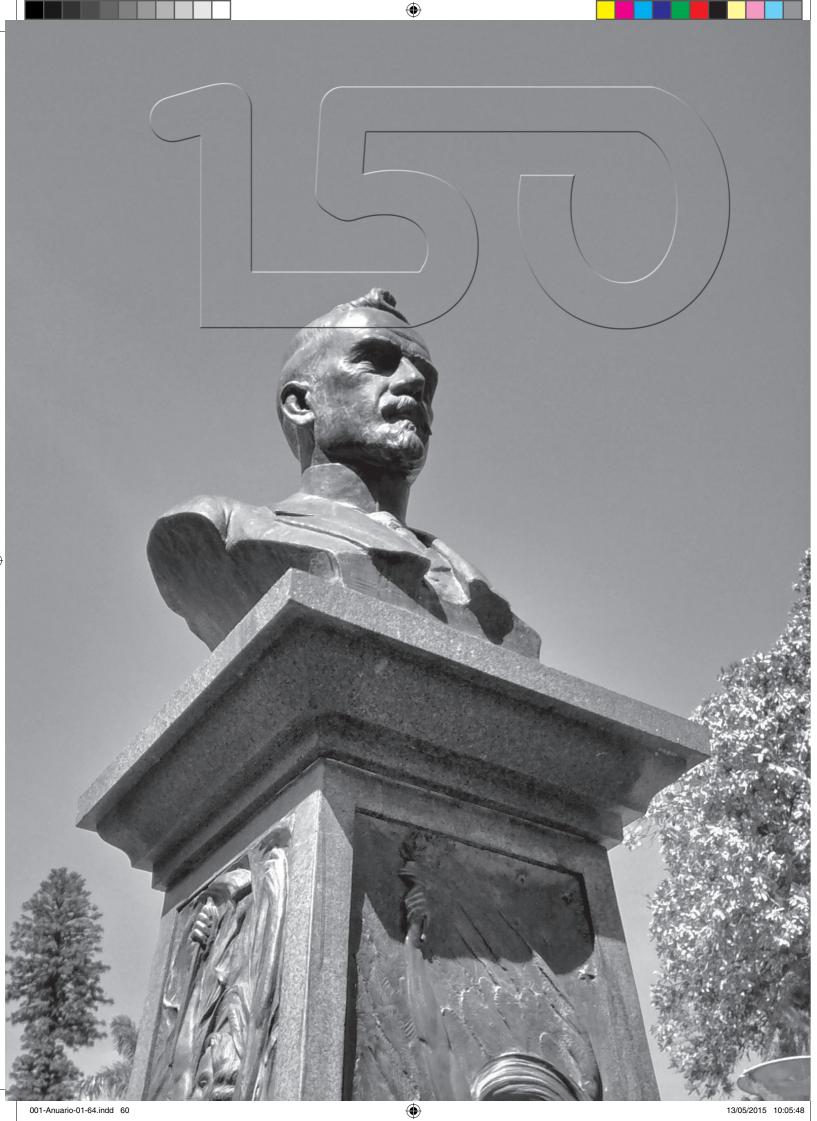


Nota do Editor: o discurso proferido por Nóbrega Fontes na Sociedade Guarani foi publicado no Anuário de Itajaí de 1999.

Fotografia oferecida a Nóbrega Fontes pela Rainha Continental do Café. Rio de Janeiro, s/d. Acervo: FGML/CDMH.







## Lauro Müller - agradecimentos da família

ENHO EM NOME DA FAMÍLIA MÜLLER, sinceramente, agradecer as homenagens concernentes ao aniversário do sesquicentenário de nascimento de meu bisavô, Lauro Severiano Müller.

A iniciativa do Instituto e da Prefeitura de Itajaí, em boa hora, lembram a memória de um brasileiro que dedicou a sua vida pública aos princípios Republicanos, à boa gestão dos negócios de Estado e uma visão rara do destino grandioso de nosso país.

Vindo de uma origem humilde, logo demonstrou interesse pelo estudo. Essa verdadeira obsessão pelo conhecimento o retirou - provisoriamente - de sua Santa Catarina, levando-o a Niterói, capital do antigo Estado do Rio de Janeiro.

A disciplina da Escola Militar lhe foi importante na condução de homem destacado pelas suas realizações que viriam a se concretizar como Governador de Santa Catarina, e também nos cargos de Ministério que exerceu, notadamente a construção da Av. Central e do Porto do rio de Janeiro.

Vale destacar a sua imensa e incansável habilidade, capaz de desatar nó e desfazer vicissitudes. O seu enfrentamento político se dava através da inteligência, abominando a truculência ou pugilato verbal, dissimulado ou mesmo fantasiado de erudição.

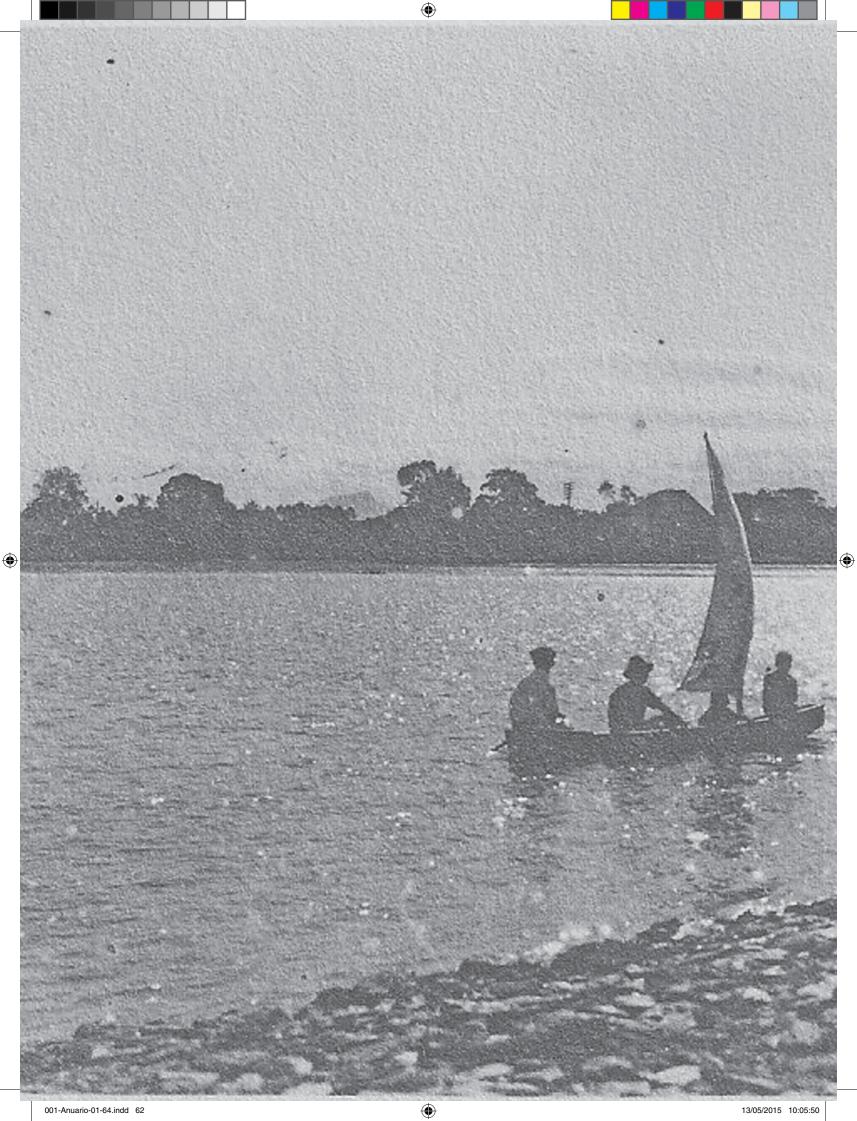
Sua personalidade era a de um estadista. Sem nunca deixar de pensar a sua terra natal, foi um político e um pensador de dimensão nacional. Esses atributos o colocaram em posição de destaque sendo lembrado para a Presidência da República, em uma época em que os interesses do café e do leite prevaleciam como uma sentença irrevogável.

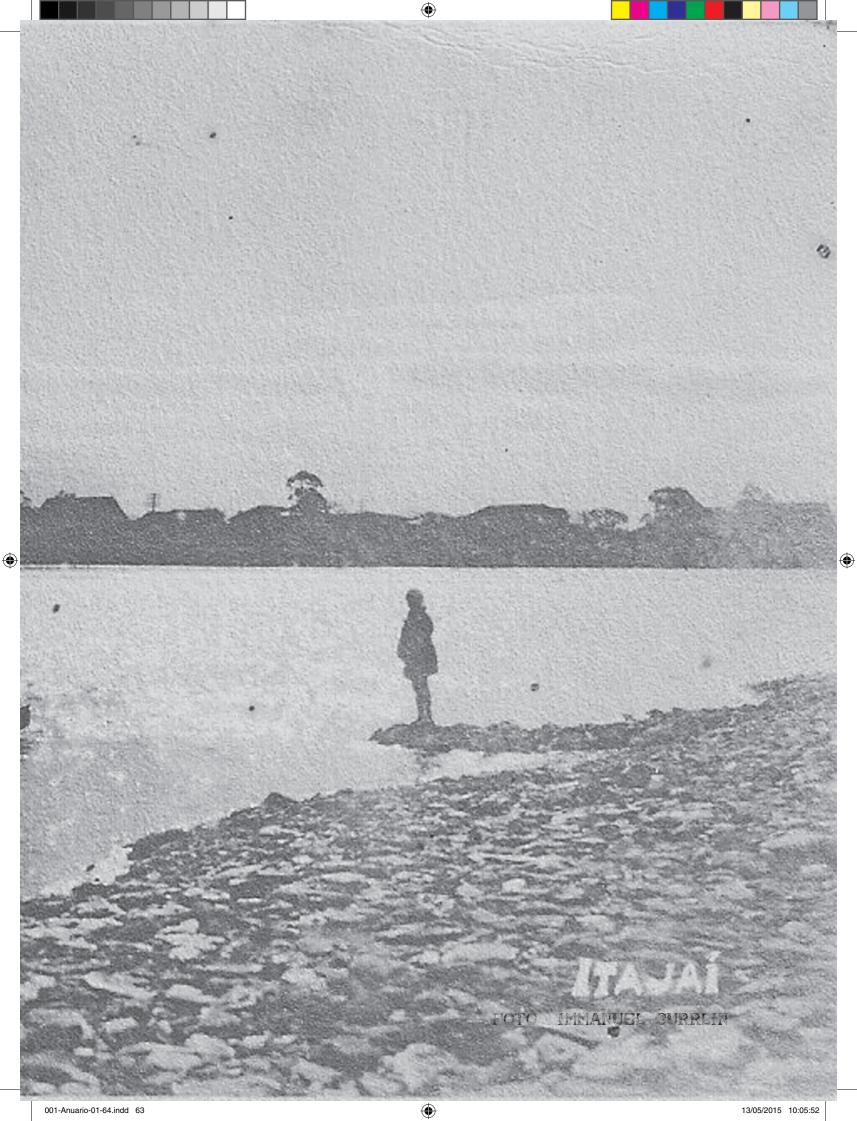
Nos tempos de agora, a recordação do nome de Lauro deve servir para a juventude como um exemplo de respeito ao diálogo e aos mais elevados propósitos da vida pública. Nesse instante em que muitos tentam despolitizar o debate sobre questões que dizem respeito diretamente à vida da população e ao destino do nosso futuro.

Lamento profundamente a impossibilidade que não me deixa estar presente na celebração do legado desse cidadão de Itajaí, dessa personalidade reconhecida pelo seu Estado de Santa Catarina e por esse brasileiro feito de sonhos.

Com os mais elevados protestos de estima e consideração, deixo em nome de todos nós o meu melhor abraço em que cabe toda Itajaí.

Maneco Müller filho (Manoel Bernardez Müller filho) - Rio, 12 de novembro de 2014.

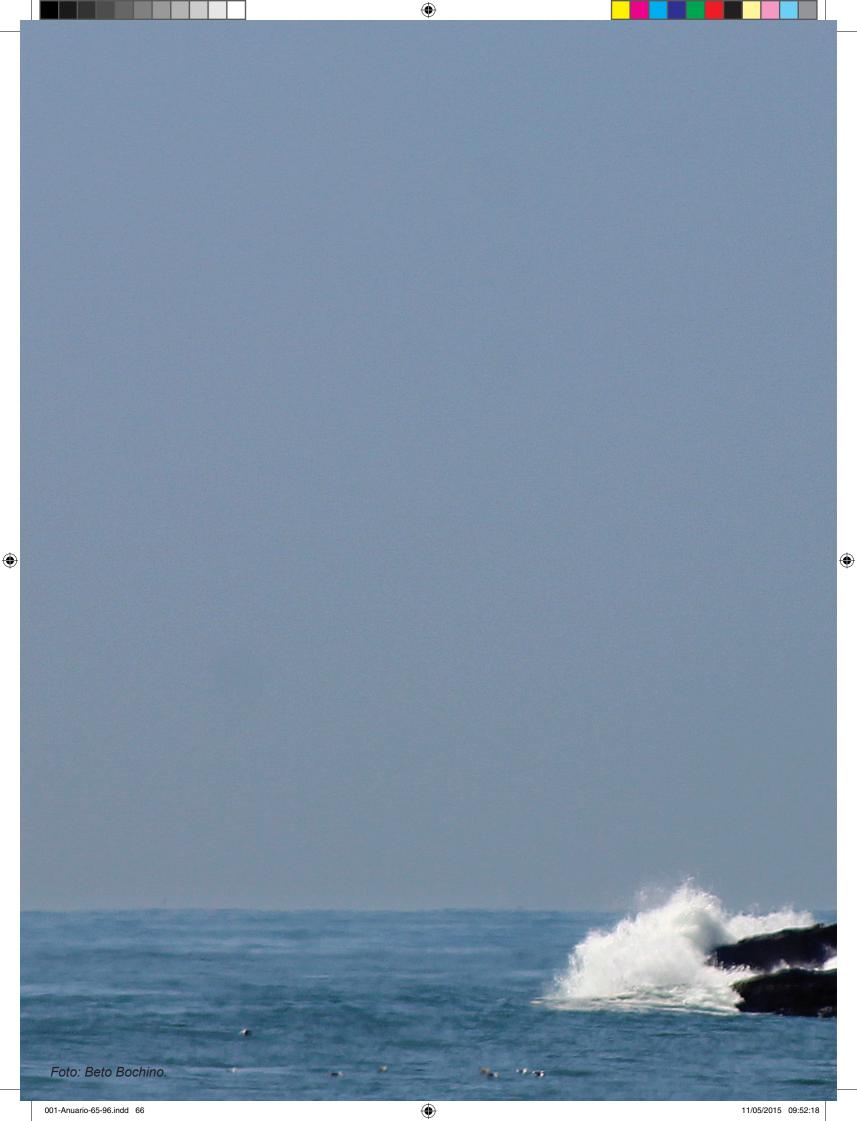






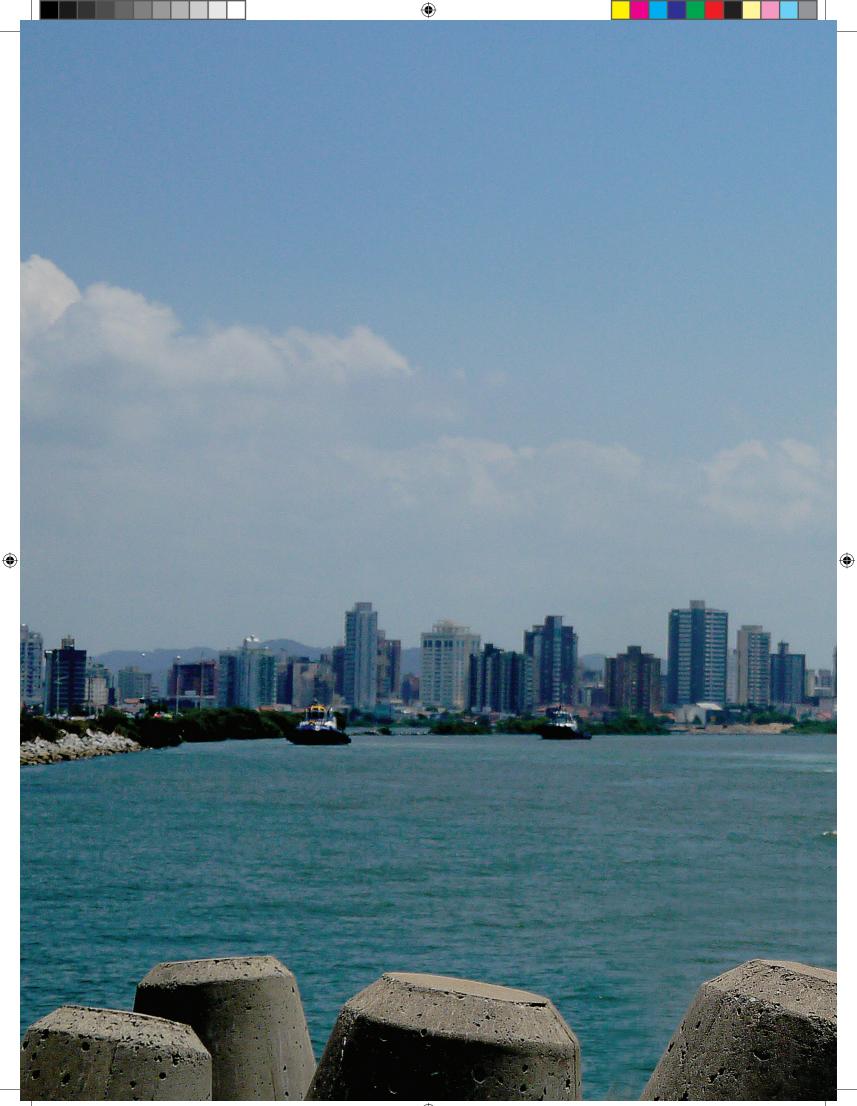




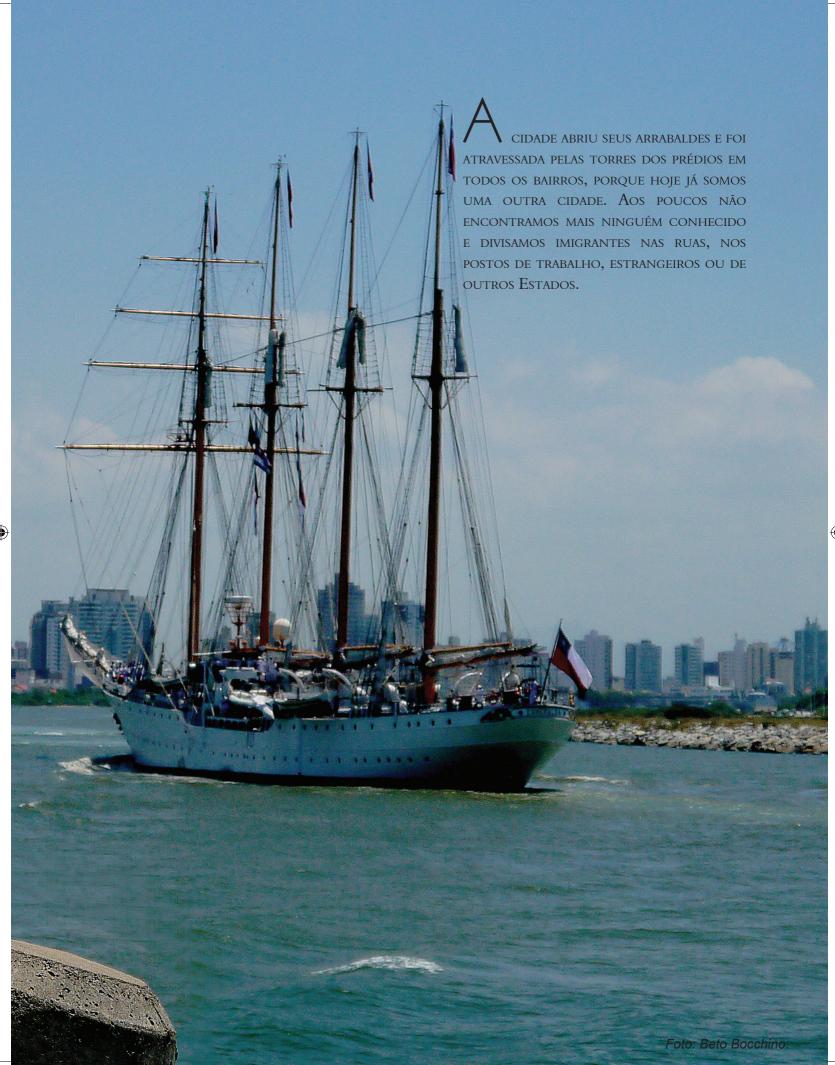






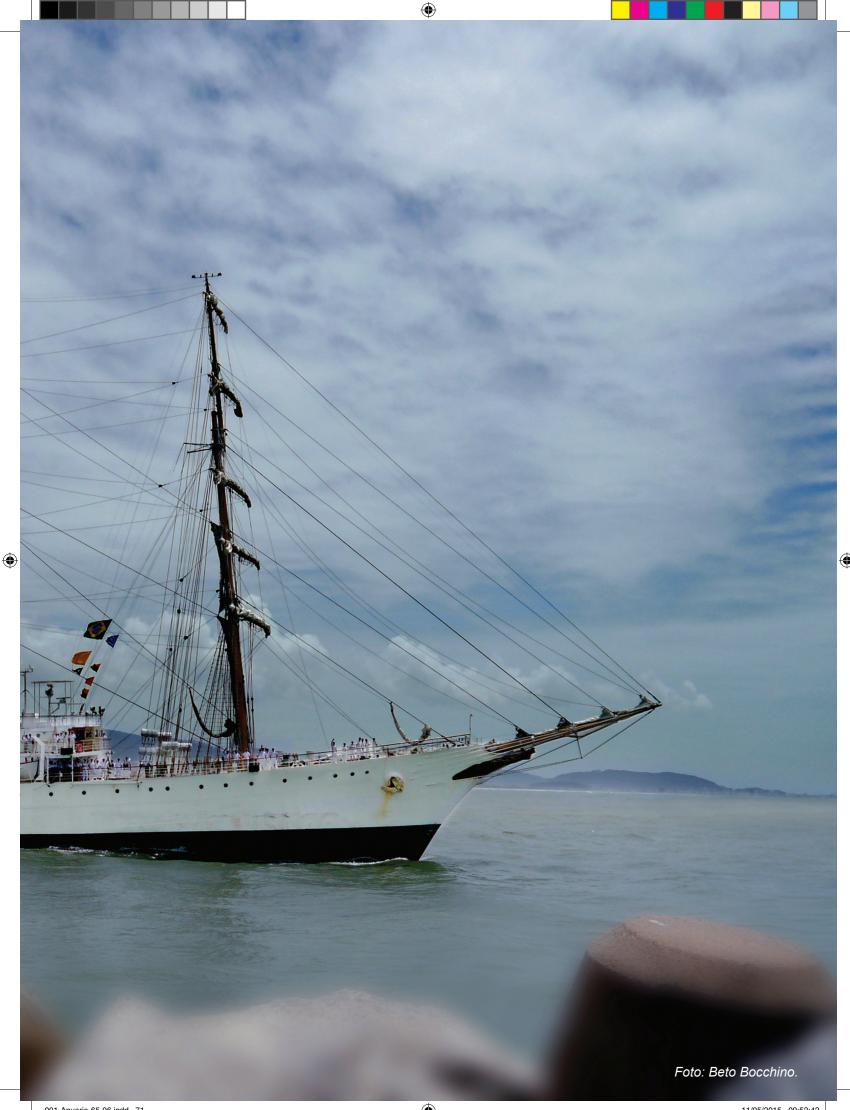


















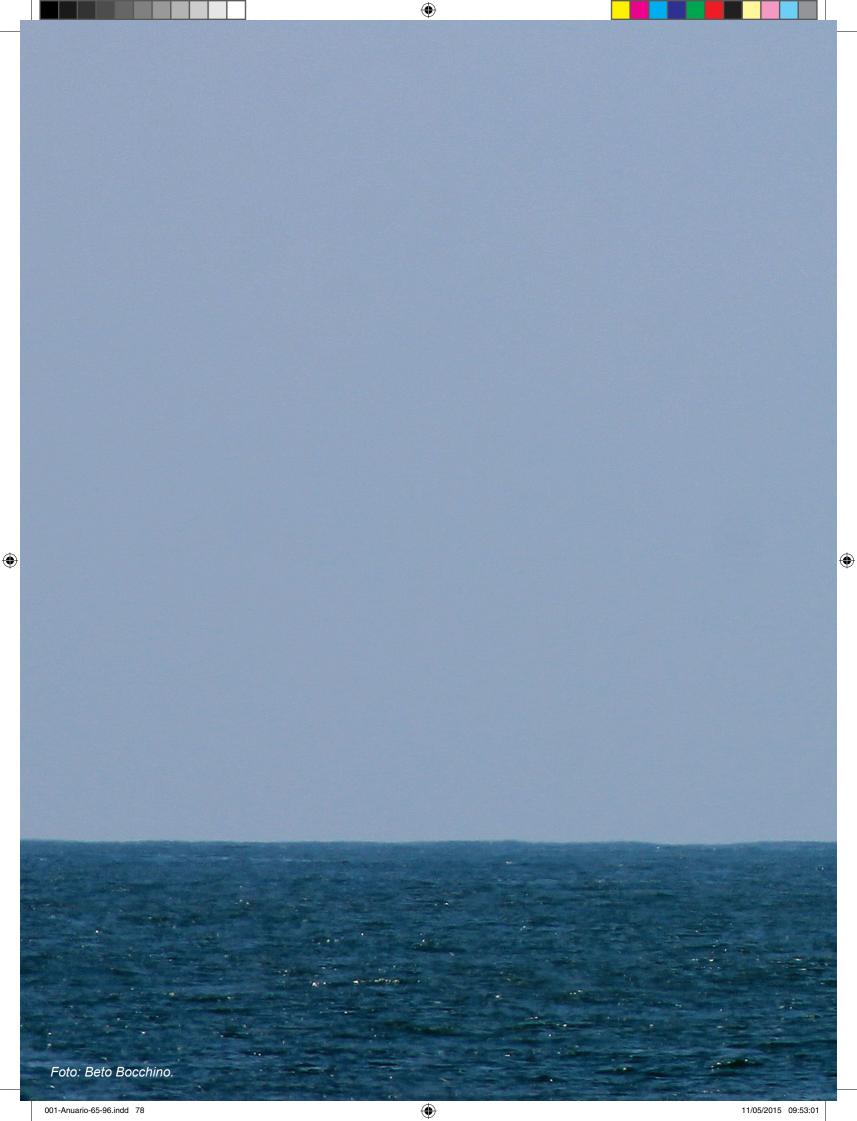


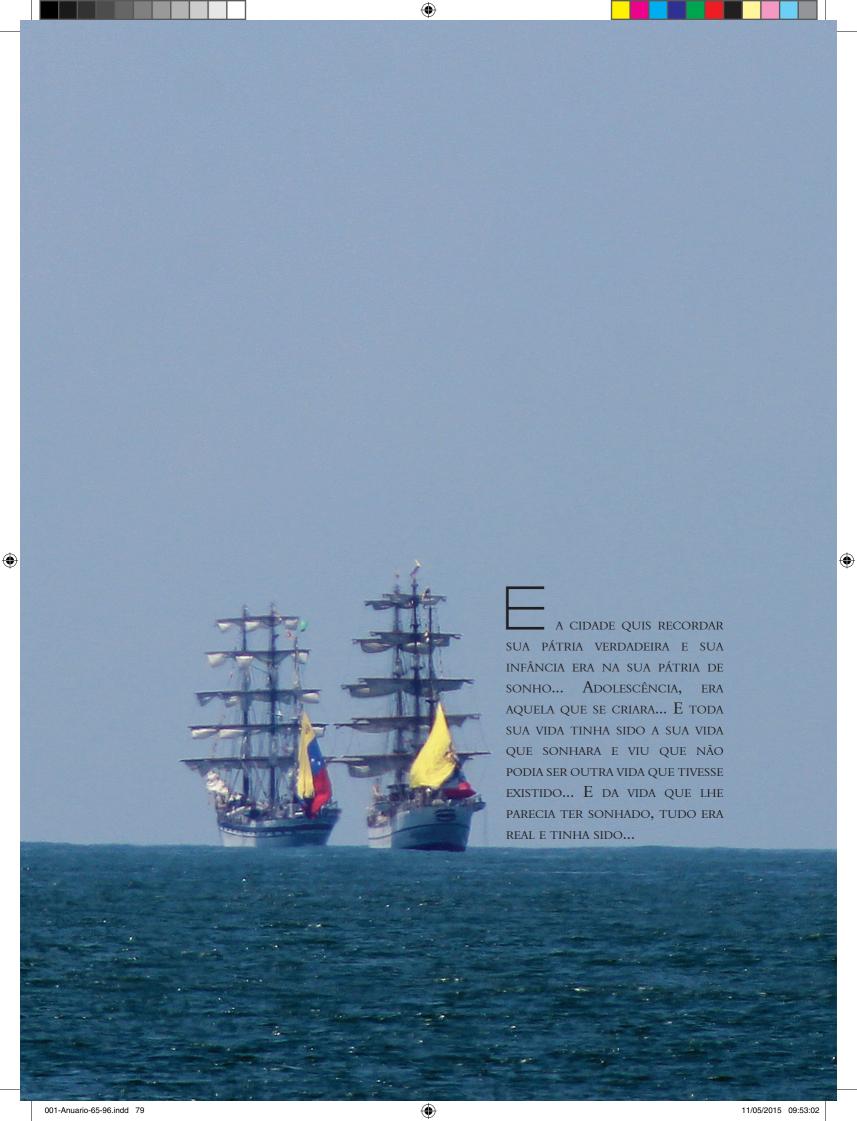


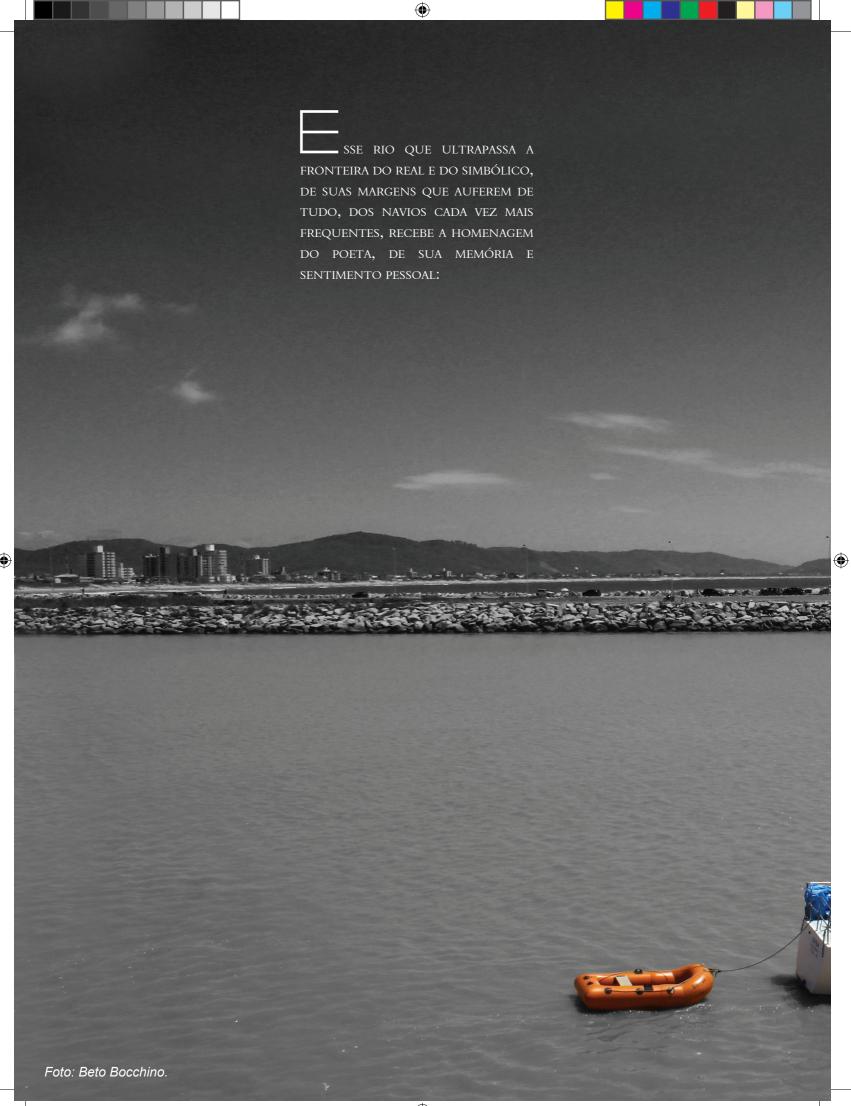








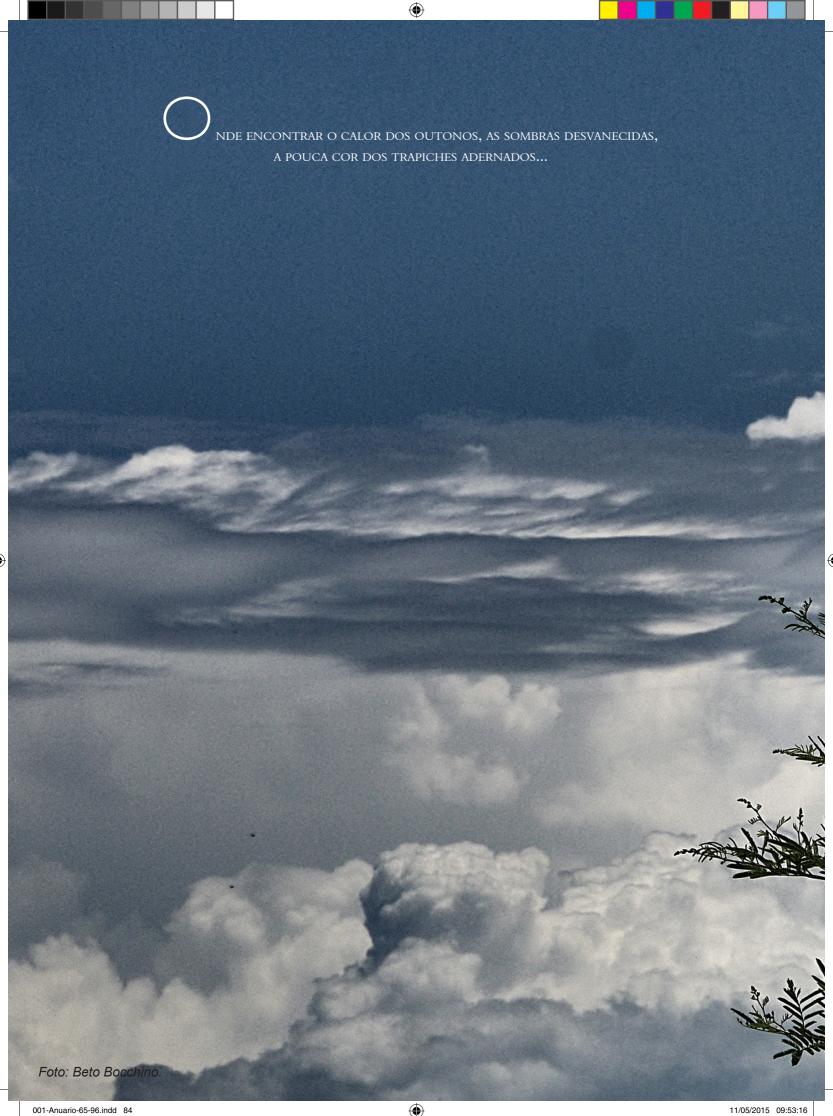


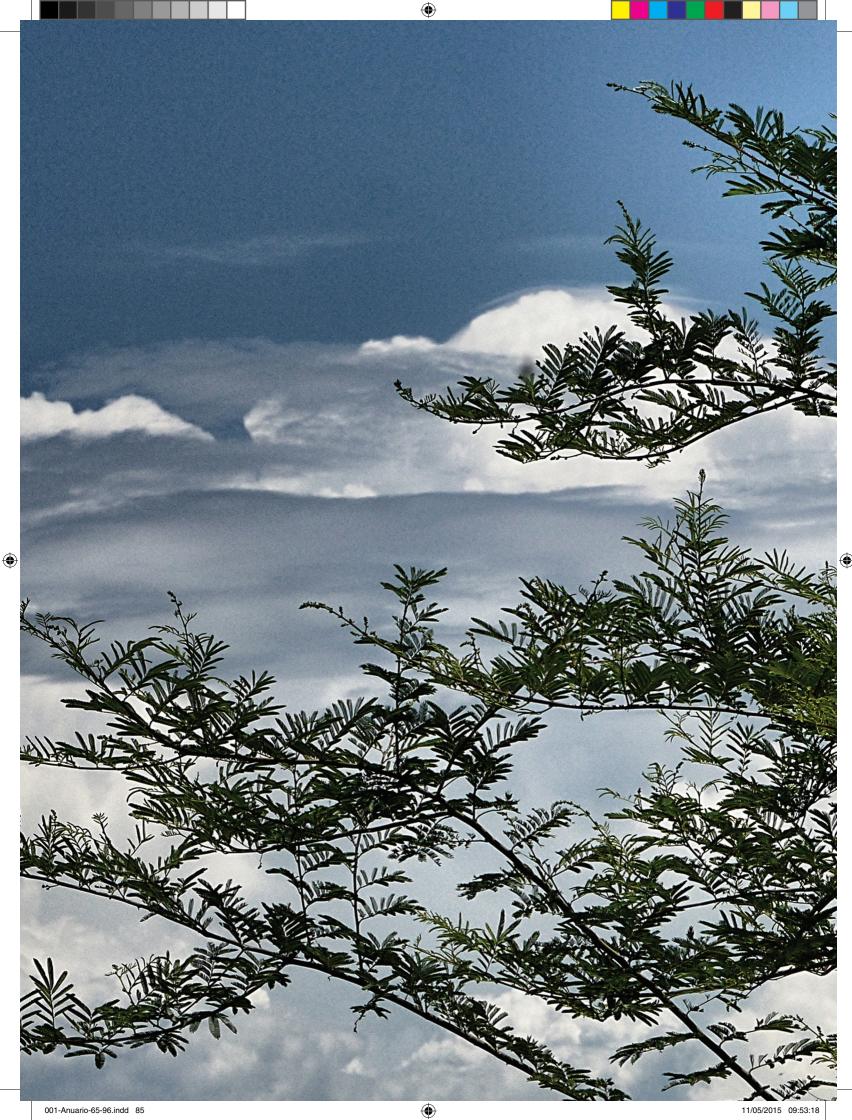


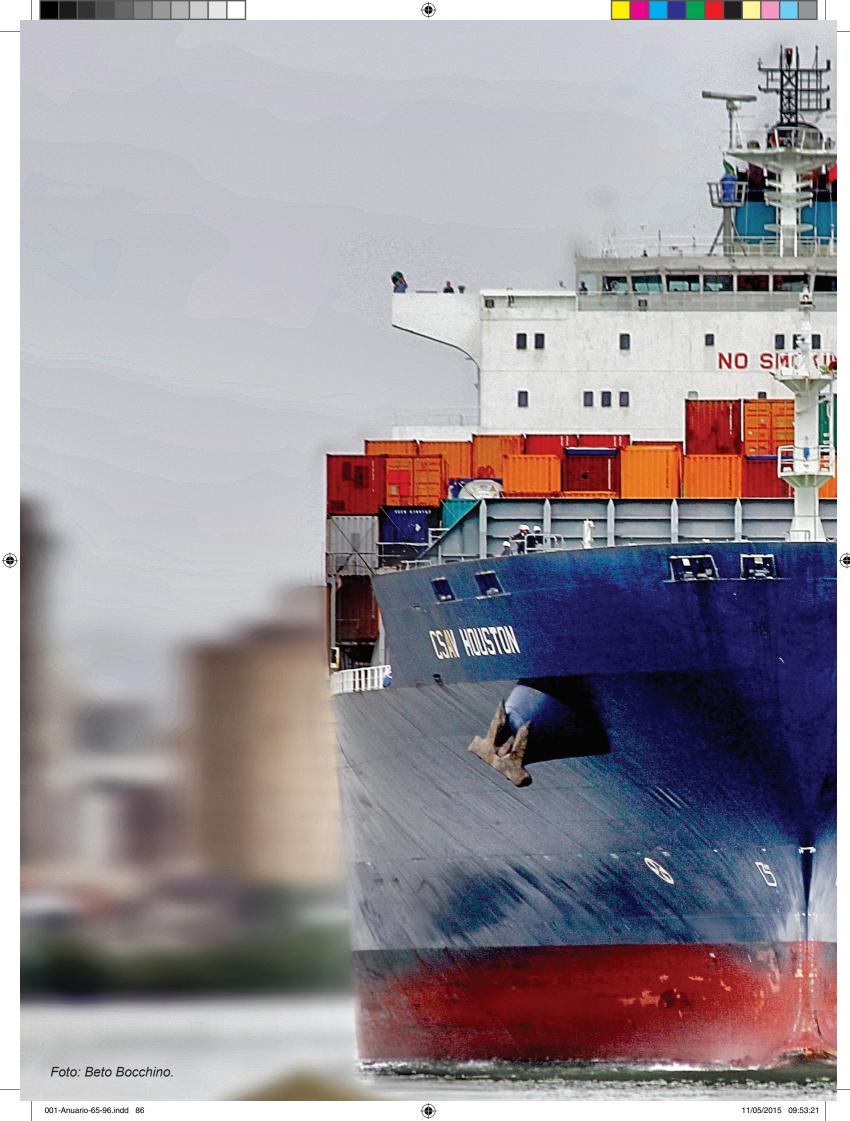


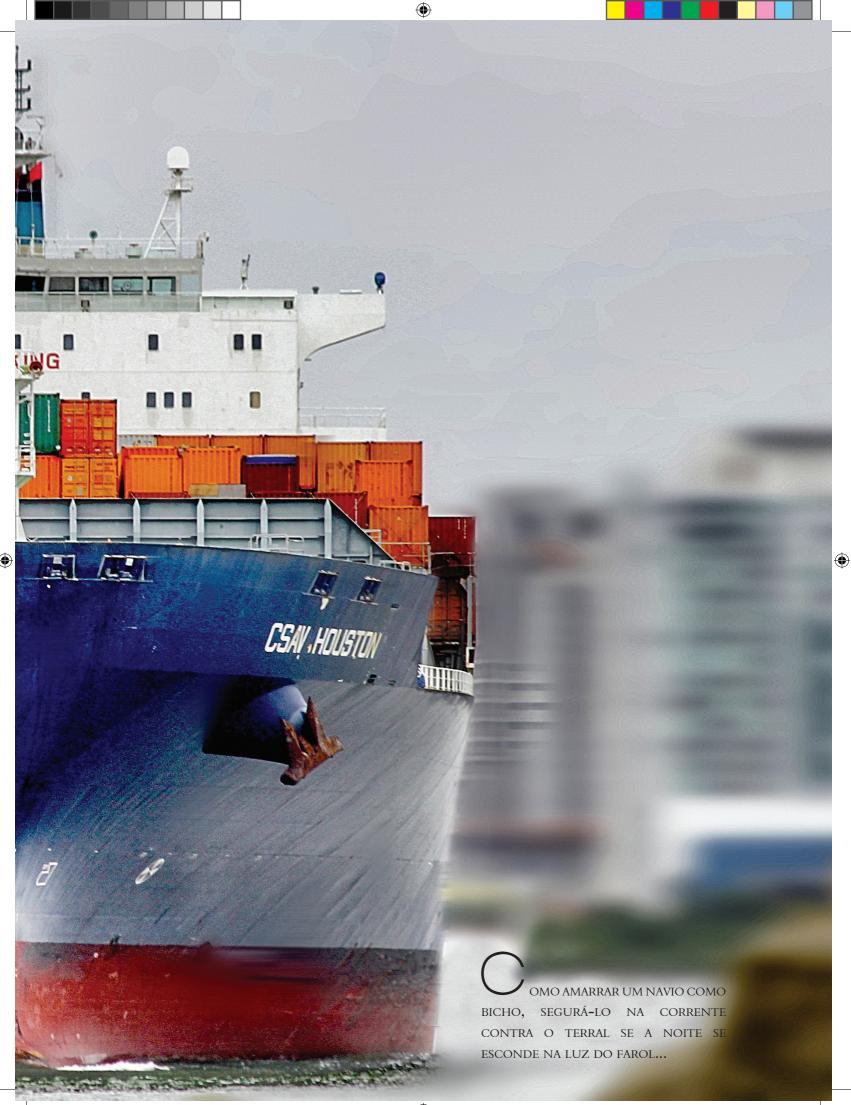




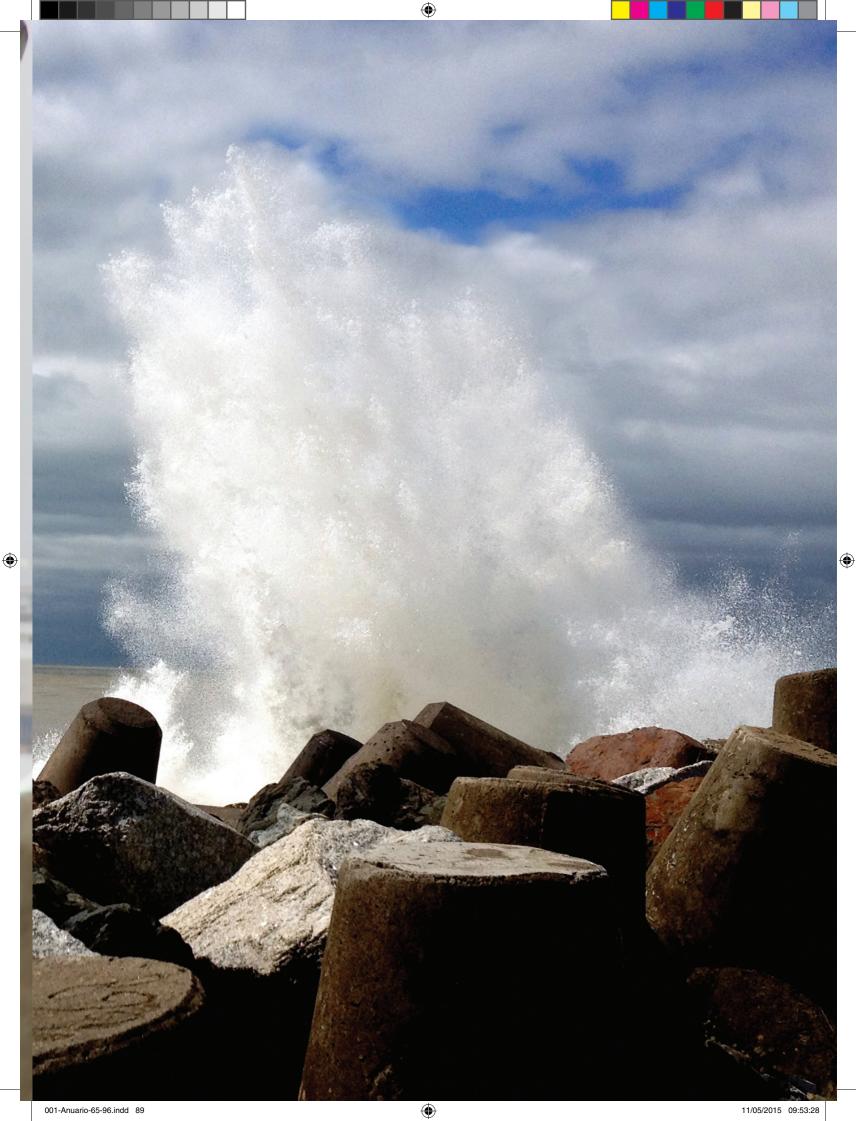


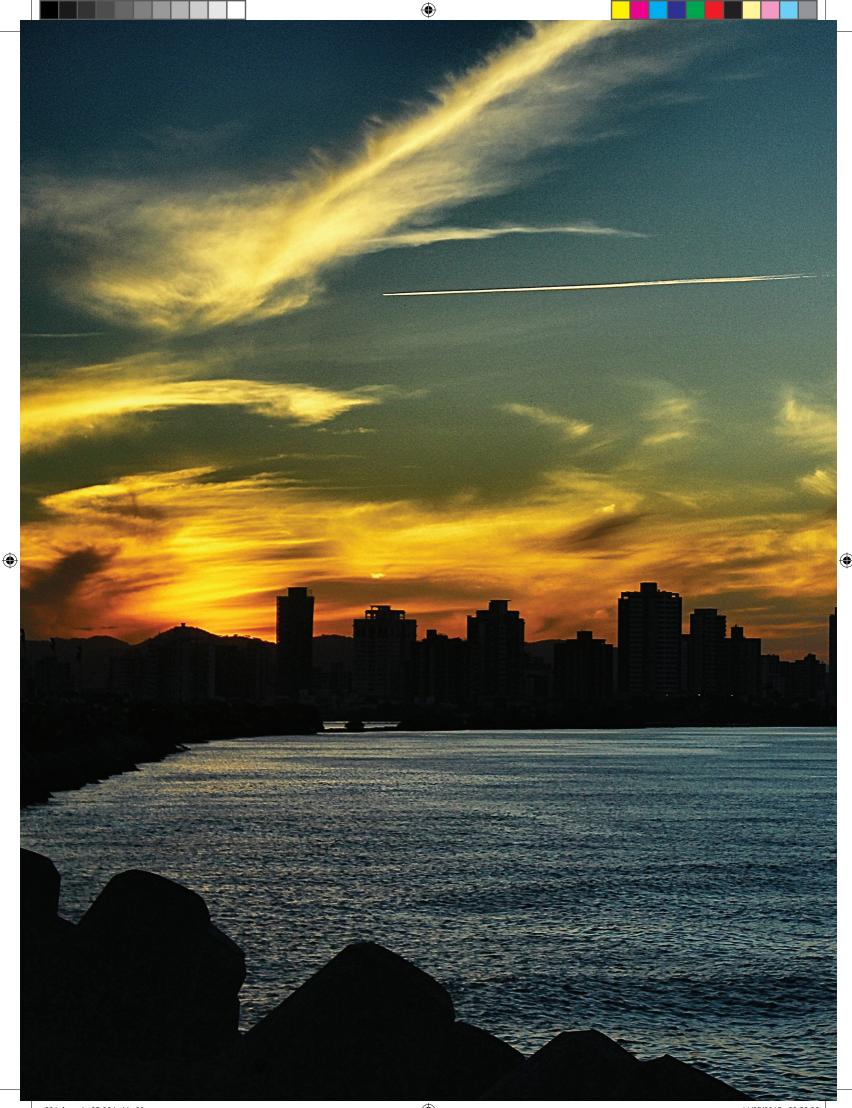




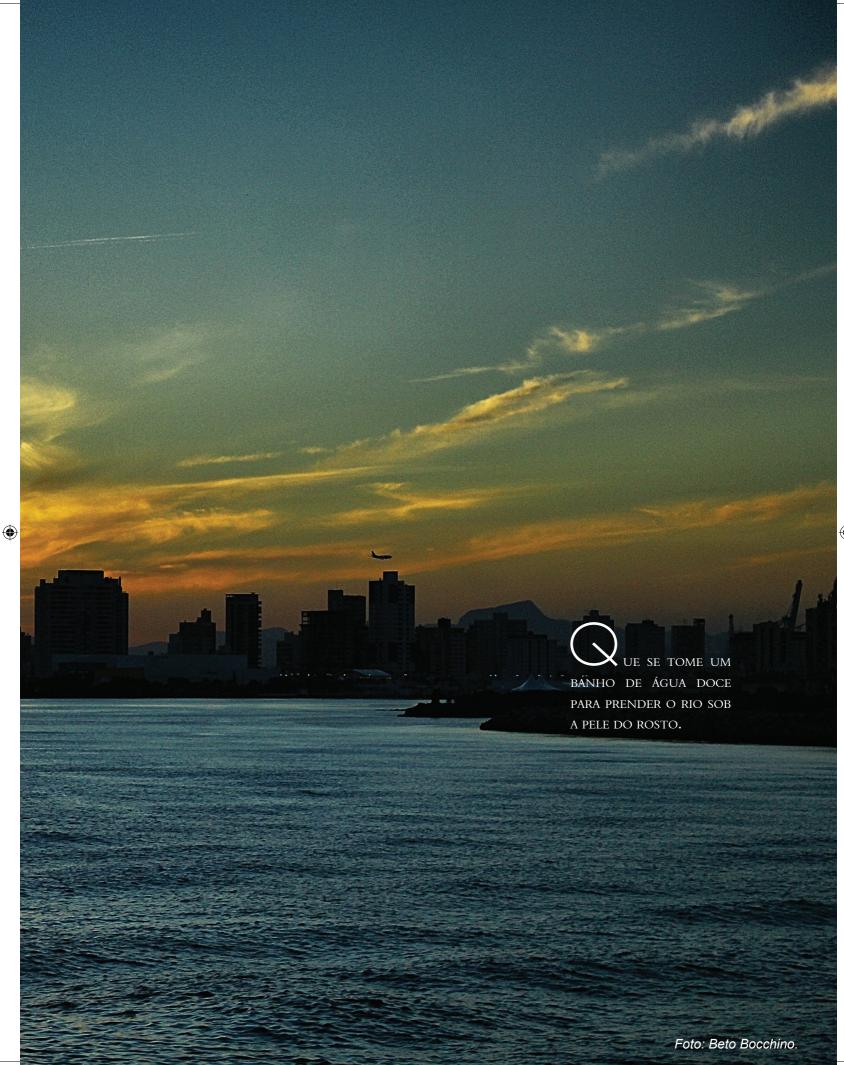


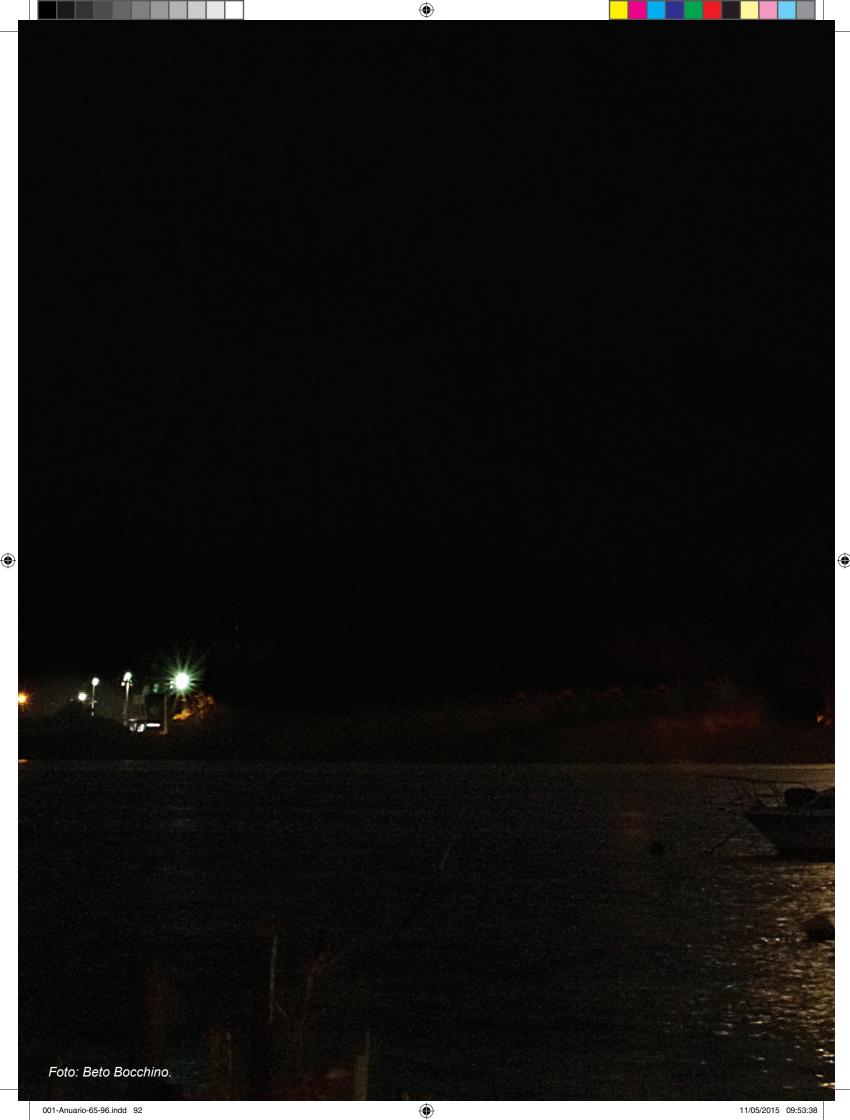




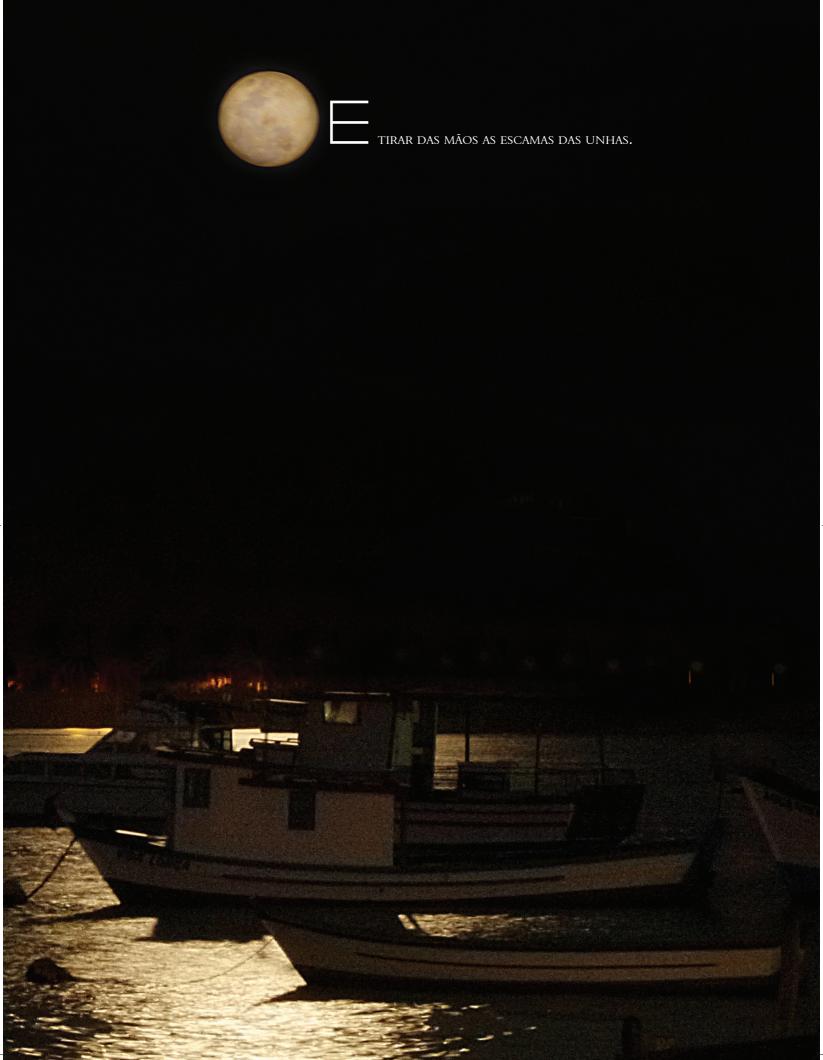




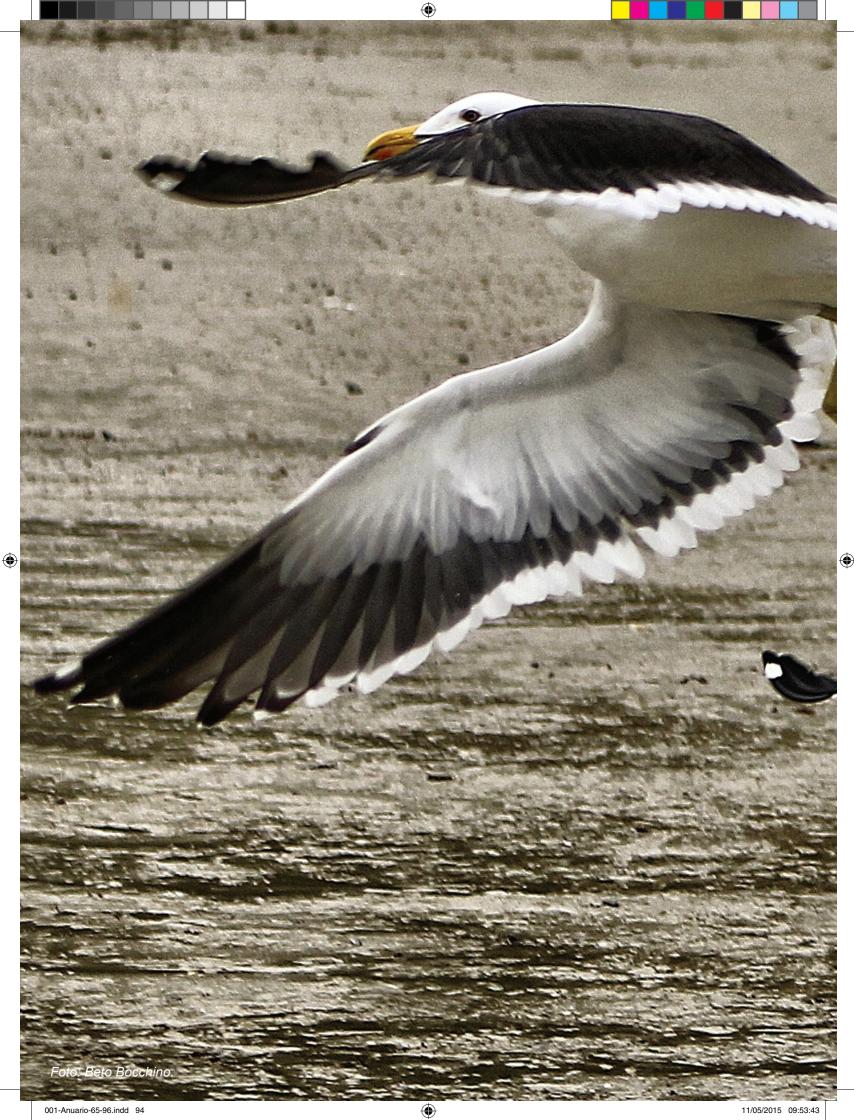








**(** 



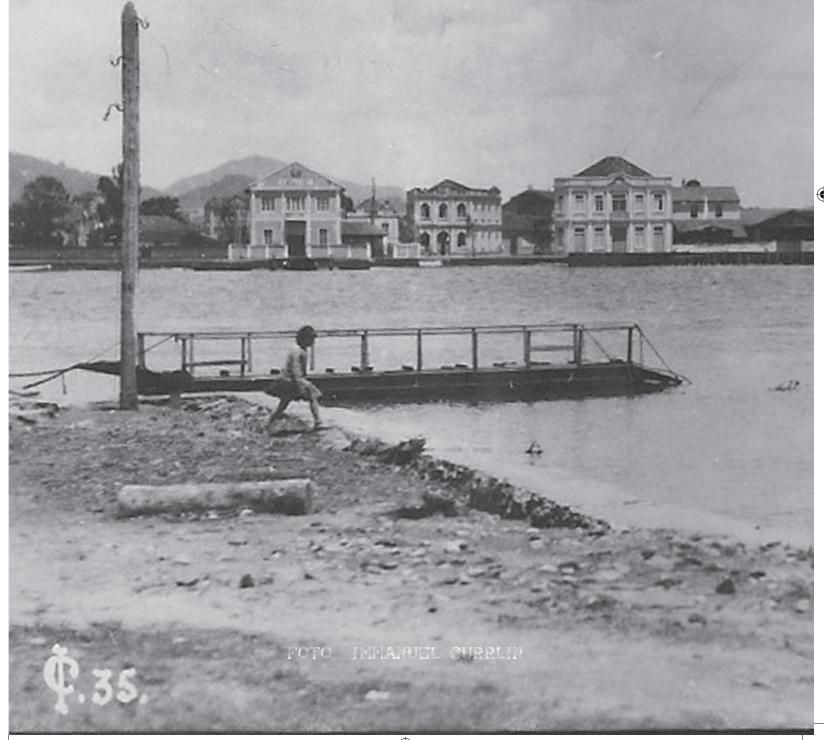






# ALGO MAIS SOBRE O PROFESSOR HENRIQUE GASPAR MIDON

Dr. Carlos Henrique Müller Médico, memorialista e genealogista



ASSADO MAIS DE SÉCULO DA FUNDAÇÃO do Grupo Escolar Victor Meirelles, ocorrida na grande reforma no sistema de ensino em Santa Catarina, realizada pelo Governo de Vidal Ramos, são poucas as informações existentes sobre a biografia e também sobre o trabalho exercido pelo seu Diretor, o Professor Henrique Gaspar Midon.

Henrique era filho de um imigrante espanhol, Antonio Midon Otero, oriundo de Santiago de Compostela, na Província de La Coruña, filho de João Midon e Domingas Otero. Sua mãe, Anna Claudina Gaspar, era filha de Candido Gaspar Martins e de Eulália Eugênia Gaspar, nascida em Jacareí, no estado de São Paulo. Seus pais se casaram na freguesia da Consolação na cidade de São Paulo, em 1877. Eles foram para o Rio Grande do Sul em data desconhecida, e foi onde Henrique nasceu aproximadamente, em 1881, conforme consta em seu registro de casamento. A família deve ter retornado para a capital paulista alguns anos depois, pois ele completou a escola primária na capital paulista.

Aos dez anos de idade, ele já demonstrava grande dedicação aos estudos. Recebeu uma menção especial por parte da banca examinadora, dentre todos os alunos da Escola da Freguesia da Consolação, dirigida pelo Professor Ouriques de Carvalho, por ter sido aprovado com distinção, em todas as matérias. Ele concluiu seus estudos na escola complementar modelo em São Paulo, também com distinção. Na vida adulta, atuando como Professor, ele possuía as características de ser patriota, esforçado, trabalhador, determinado, firme e decidido, conhecedor de suas obrigações e do ambiente em que convivia. Como pessoa, tinha um caráter mais transigente e menos severo, demonstrando mais simpatia.

Em 1898, ele foi nomeado Professor Público, sendo designado como adjunto para o Grupo Escolar de Bragança Paulista. Também nesta cidade, em 1899, participou da





Henrique Gaspar Midon e sua esposa, Izaura da Rocha Midon. Acervo: Carlos Henrique Müller.

fundação da Loja Maçônica "Capitular Brasílica", sendo membro da primeira Diretoria. Começou aí a demonstrar uma habilidade, a oratória, que sempre o distinguiu ao longo de sua vida. Nesta loja, ele também ministrava aulas noturnas, coadjuvado pelo Tenente Adolpho Correa de Barros. Dois anos depois, foi eleito segundo Secretário do Clube Literário de Bragança, se mantendo nesta instituição enquanto por lá viveu.

Em fevereiro de 1902, ele casou com Izaura Rocha, filha do partidor e distribuidor do Fórum da Comarca, Sr. Florêncio Salustiano da Rocha e Silva e de Maria da Luz. Aí também nasceram seus primeiros filhos, Floriano Peixoto em 1903 e Jacyra, em 1904. Permaneceu lecionando em Bragança Paulista até o início de 1907.

Em maio, ele foi nomeado para o cargo de Diretor da primeira escola pública de Avaré, o Grupo Escolar "Edmundo Trench", juntamente com os Professores adjuntos Mathilde Vieira e Pedro Nolasco Viera, entre outros. Lá ele permaneceu por cinco anos. Sua conduta cívica e patriótica ficou marcada em sua passagem por lá. Quase trinta anos após aquele período, ele foi lembrado na campanha nacional de culto à bandeira de Avaré, em 1944, pelo modo que enfatizava o valor do culto a bandeira nacional, que segundo ele, era algo que merecia uma maior atenção possível por parte do corpo docente e que era um dever dos Professores repassar tal valor aos alunos. Naquele tempo, nos feriados nacionais, eram colocadas, na frente de todas as casas dos alunos, bandeiras do Brasil, em mastros improvisados com fitas verdes e amarelas. Um hábito que foi mantido, enquanto ele lá trabalhou e que desapareceu pouco tempo depois dele partir.

No ano de 1912 nasceu sua filha Marina e, ao final do mesmo ano, ele comunicou as suas intenções de seguir para o Sul do país, onde já teria acertado contrato. Assim, em janeiro do ano seguinte, pediu exoneração de seu cargo em Avaré. Assumiu as funções de Professor da Segunda Escola de Bom Retiro, em São Paulo, ainda em 1913, porém, por pouco tempo, pois em setembro daquele ano já estava em Florianópolis, juntamente com outros professores paulistas comissionados em Santa Catarina: Orestes Guimarães, Pedro Nolasco Viera (que fora seu colega em Avaré), Arlindo Lopes Chagas, João dos Santos Areão, Cacilda Guimarães e Luiz Introine; onde ele lecionou no Grupo Escolar Lauro Müller. No início de 1914, seguiu para Itajaí acompanhado da esposa, dos filhos e de sua mãe e assumiu a Direção do Grupo Escolar Victor Meirelles. Fixou residência no centro da cidade, na Rua Vitória, atual Felipe Schmidt.

Também se envolveu nas mais diversas atividades sociais, eventos e participou de sociedades, tais como a loja maçônica "Acácia Itajahyense", a Sociedade Guarani e o Clube de Atiradores, tendo inclusive sido o "Rei do Cervo" nas competições de tiro de 1916, mesmo ano em que nasceu seu primeiro filho itajaiense, chamado Henrique.









Alunos do grupo escolar
Edmundo Trech, em Avaré,
São Paulo. Sob o número
9, em pé, de terno preto, à
direita, o Professor Henrique
Gaspar Midon, Diretor da
escola. Sentada na fileira da
frente, de vestido preto, a
professora Mathilde Vieira.
Local: Grupo Escolar Edmundo
Trech, cidade de Avaré, São
Paulo., 1909. Acervo: Carlos
Henrique Müller.

Os efeitos de sua dedicação, trabalho e empenho junto aos alunos ficaram evidentes quando o seu grupo escolar conseguiu um voto de louvor na exposição escolar estadual de 1915 e, no ano de 1916, a escola de Itajaí conseguiu a primeira colocação à frente das escolas de Joinville e Blumenau, obtendo o primeiro posto na apresentação de trabalhos de língua portuguesa escrita, cartografia, trabalhos manuais, trabalhos de agulha, desenho e geografia. A escola conquistou ainda, o bronze artístico, premiação que nos dois anos anteriores pertencia a Joinville. Os alunos, cujos trabalhos mais se destacaram no evento, foram Marieta Konder, Olga Thieme e Erotides Fontes.

Na inauguração do mercado público em janeiro de 1917, tomou parte do evento de inauguração e fundou a "Caixa Escolar", instituição voltada para auxílio aos alunos oriundos de famílias carentes. Era época do conturbado período da Primeira Guerra Mundial e a imprensa do Rio de Janeiro, através de artigos agressivos, incitava os ânimos dos nacionalistas contra a população de origem alemã no Sul do país. Um destes artigo, afirmava existir, no Estado de Santa Catarina, grande número de batalhões de atiradores alemães que seriam um perfeito exército sob o disfarce de associações de tiro teuto-brasileiras. A Diretoria da Sociedade dos Atiradores, da qual Midon fazia parte, elaborou um telegrama que foi enviado ao Ministro da Guerra, desmentindo as informações da imprensa.

Ele foi um dos fundadores do Tiro de Guerra 301 e um de seus maiores entusiastas, participando de desfiles e manobras, envolvendo seus alunos nestas atividades. Em um destes eventos, participou da solenidade de juramento à bandeira Olympio Falconieri da Cunha, na época, ocupando o posto de Tenente do Exército. No dia quinze de novembro daquele ano, durante as comemorações da Proclamação da República, nasceu seu segundo filho itajaiense. Motivado pela data, escolheu, de imediato, o nome que daria à criança: Deodoro.

Após a assinatura da Declaração de Guerra pelo Presidente Wenceslau Braz, em 1917, muitos moradores da cidade promoveram manifestações, depredando residências e oficinas de alemães. Na Barra do Rio, chefiados pelo Professor Henrique Midon, a

multidão depredou a residência do Sr. Gottlieb Reif, o fundador da fábrica de papel. Voltando à cidade, eles percorreram as ruas principais, gritando palavrões e ofensas. No centro da cidade, invadiram a barbearia e residência do barbeiro Karl Kienzelbauer, um jovem alemão solteiro, salvo da fúria popular por Marcos Konder, que o recolheu a sua casa, e durante a madrugada, o escondeu no porão do Vapor Blumenau, que seguiu a sua viagem na manhã seguinte.

Konder era o Superintendente da cidade e jamais perdoou a péssima conduta de Midon nestas manifestações. O Sr. Reif estava no Brasil há muitas décadas, era cidadão naturalizado e depois daquele acontecimento, ele vendeu sua participação majoritária na indústria e se retirou definitivamente com toda a sua família para Pouso Redondo, onde ele faleceu anos mais tarde. Na mesma época, Midon informou ao Inspetor Estadual de Educação, Orestes Guimarães, que o Vigário de Itajaí e outros padres alemães estariam colaborando para dificultar a matrícula de alunos oriundos das famílias de origem alemã na sua escola. Não é possível determinar até que ponto estes fatos colaboraram para a sua decisão de deixar Itajaí ao final de 1918, no mesmo ano em que a escola complementar fundada por ele conquistou o bronze artístico na Exposição Estadual.

Ele solicitou transferência para Joinville, aonde chegou logo no início do ano de 1919. Tão logo chegou a esta cidade faleceu sua filha Jacyra e, pouco tempo depois, também a sua mãe, Dona Claudina. Lá, ele foi Diretor do Grupo Escolar "Conselheiro Mafra", exercendo suas atividades com a mesma dedicação e seriedade que sempre demonstrou. No primeiro semestre de 1920, terminando o contrato de seis anos para lecionar em Santa Catarina, ele retornou com a família para São Paulo.

Foi nomeado Professor do Grupo Escolar de Capão Bonito do Paranapanema em 1920 e, posteriormente, Inspetor Escolar de Distrito, atividade que exerceu entre os anos de 1921 e 1925. Fora do ensino, neste período, participou de um batalhão na revolução paulista de 1924. Foi nomeado para exercer o cargo de Professor de Geografia na Escola Normal de Casa Branca, em 1925, onde anos mais tarde também foi Diretor Pedagógico. Durante os anos trinta, ele foi chefe do movimento integralista local, constituído em sua maior parte por alunos da escola. Sua filha Marina, na época, chefiava o Departamento Feminino do Núcleo Integralista local. Nesta mesma época, em 1936, sua esposa faleceu em São Paulo, onde estava hospitalizada. Ele se aposentou três anos depois e viveu ainda por mais de duas décadas em Casa Branca, vindo a falecer em 1965, já com mais de oitenta anos de idade.

Ele fez parte de um grupo de normalistas paulistas que, no início do século passado, marcaram época na educação, lecionando em vários estados do Brasil e também em Santa Catarina. O Professor Henrique Gaspar Midon foi uma figura marcante por todos os lugares em que passou. O seu nome ficou perpetuado pelas designações do





Grupo Escolar da Barra do Rio em Itajaí e pela denominação da Rua Professor Midon, na Cidade de Casa Branca.

## REFERÊNCIAS

BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. **Anauê paulista: um estudo sobre a prática política da primeira 'cidade integralista' do Estado de São Paulo (1932–1943).** Campinas, SP, [s.n.], 2004.

DARCANCHY, Raul. **A Germanização de Santa Catharina**. A Razão. Rio de Janeiro, página 2, 15 de março de 1919.

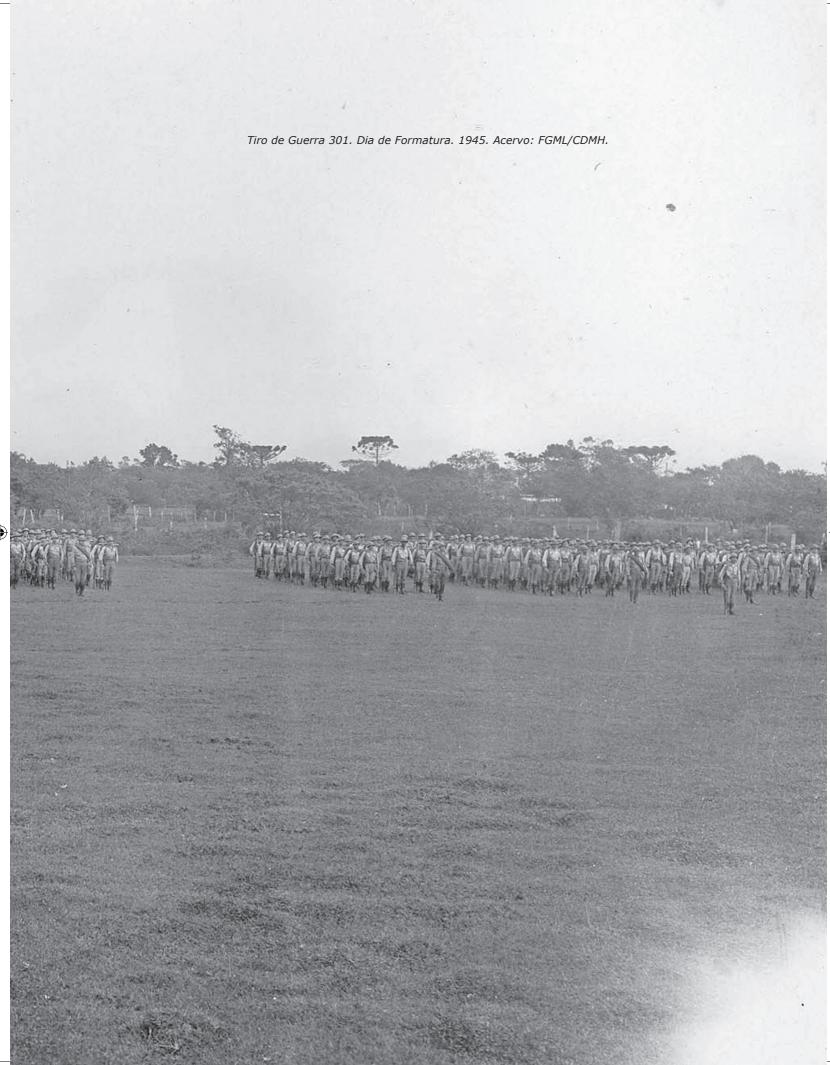
KONDER, Gustavo. **Uma história secreta agora revelada.** Blumenau em Cadernos. Blumenau. Tomo XI, número 6, paginas 104-106, junho de 1970;

LINHARES, Juventino. O que a memória Guardou. Itajaí. Editora da Univali. 329 p, 1997;

MÜLLER, Carlos Henrique. Subsídios para a genealogia e História das famílias Müller, Schneider, Friese e Ehrlich. Arquivo pessoal do autor.





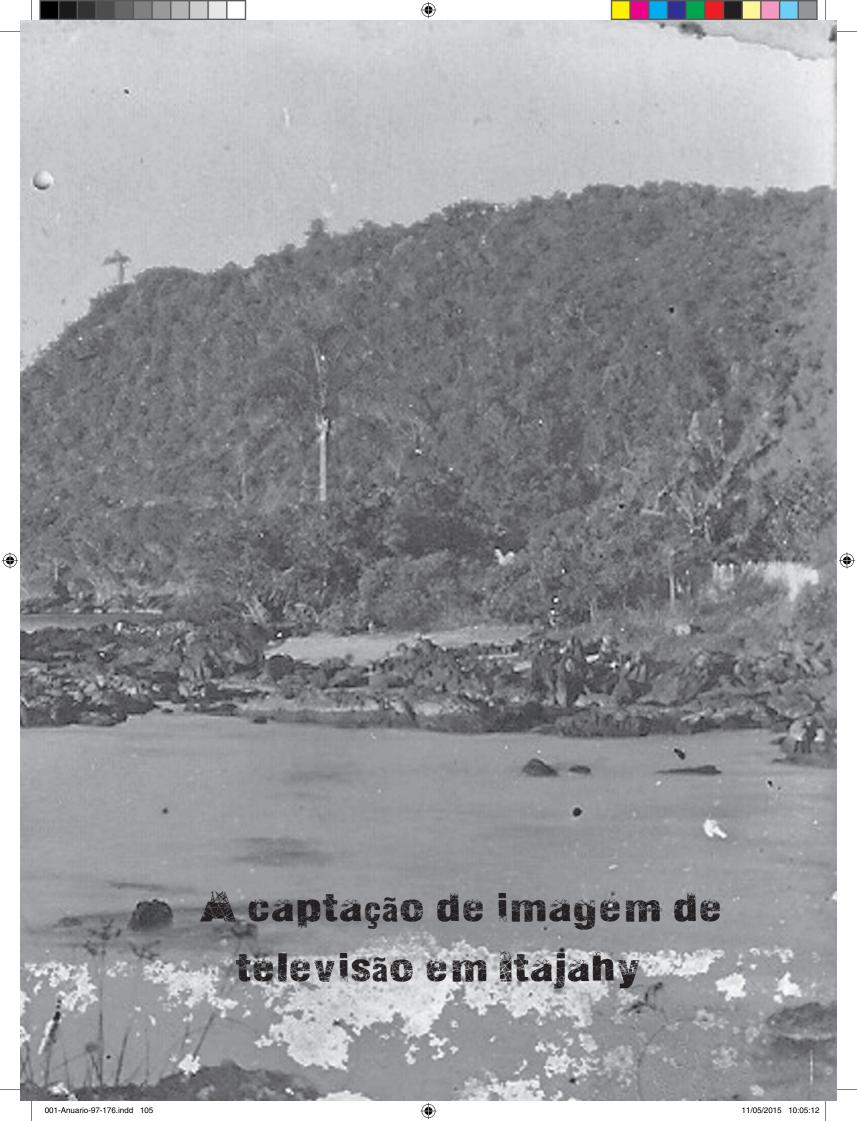




**(** 

Magru Floriano Acadêmico do Curso de História/Univali

FOTO IMMANUEL CURRLIN







EMPRE QUE SURGE UMA NOVA TECNOLOGIA, a maioria das pessoas tem uma tendência natural a não acreditar na sua viabilidade ou praticidade. Uns poucos, geralmente alvos da galhofa dos incrédulos, acabam tomando para si a árdua tarefa de difundir a novidade entre seus pares. Na maioria dos casos, a "excentricidade" desses pioneiros acaba se tornando "normalidade" após anos de muito ensaio e erro, experiências e dedicação à pesquisa em detrimento de suas vidas privadas. Assim ocorreu com a televisão que chegou à Itajahy ciceroneada por Nereu Schiefler e um grupo de amigos radio-amadores a partir de 1961. Foi um caminho árduo que percorreu a fase do chuvisco à imagem de alta resolução; da imagem única em preto e branco a centenas de canais via satélite.

Os itajaienses tem conhecimento sobre a televisão quando o jornal **O Pharol** publica, na sua edição de 03 de outubro de 1928, a primeira notícia sobre sua invenção com o título "As duas maiores novidades scientificas: a televisão e o homem electrico". Nela o executivo Quadros Júnior declara o seguinte sobre a televisão que viu recentemente funcionando nos Estados Unidos: "A televisão já é um facto. Ella se manifesta atravez do radio. Ouvi, num apparelho de radio, uma canção cantada numa cidade distante, e vi também, ao mesmo tempo, num espelho collocado no apparelho, a figura da cançonetista cantando".

A primeira notícia que temos em Itajaí sobre esse tema nos é fornecida pelo jornal **Itajaí**, que estampa na sua edição de 22 de julho de 1961 a manchete:

Televisão em Itajaí TV Tupy Canal 6 – A persistência de Nereu Schiefler – imagem perfeita". Segundo o jornal "Depois de longo tempo de tentativas o sr. Nereu Schiefler conseguiu captar com uma perfeição extraordinária a TV

TUPY do Rio de Janeiro. O fato despertou grande curiosidade em todos os mêios da cidade, já que a distância entre o Rio de Janeiro e Itajaí é enorme [...] O fato entusiasmou o público e já se fala em comprar aparelhos de televisão. Por outro lado a residência do sr. Nereu Schiefler, está agora, frequentadissima pelos tele-vizinhos.

O **Jornal do povo** publica na sua edição de 20 de novembro de 1965 uma longa reportagem sobre o tema com o título "Televisão será realidade" onde garante: "Prosseguem em ritmo normal, as experiências que visam instalar em Itajaí proximamente, uma estação retransmissora de televisão [...]." O esforço da equipe é instalar uma antena no Morro do Gravatá (Penha/Navegantes) para retransmitir os sinais dos canais 6 e 12 de Curitiba.

O jornal **O Sentinela**, na sua edição de 26 de março de 1966, comunica que ocorreu no dia anterior (25 de março) uma reunião no Salão Verde da Sociedade Guarani para tratar da instalação de uma repetidora no Morro da Armação. Nessa data teria sido sugerida a criação da Associação Itajaiense de Telespectadores. A ideia proliferou e a 20 de junho de 1966 foi criado o **Itajaí TV Clube** com o objetivo de reunir apreciadores de televisão na região. O clube recebeu a marca ITAVISÃO. Presidente de honra: Carlos de Paula Seára. Presidente: Francisco José Pfeilsticker [Teca]. Diretores: Saturnino Konze, Norberto Silveira Júnior, Francisco Santana Rodrigues, Aurélio José Dutra, José A. Müller, Nereu Schiefler, Orides Padilha, Honorato Sandri, Nilson Figueiredo, Osny Ern, Arapoty Sampaio, Affonso Rodi.

# A memória de Nivaldo Schiefler

11/05/2015 10:05:13

Nivaldo Schiefler é sobrinho de Nereu e nasceu "nas mãos da Plácida" no dia 13 de março de 1938. Participou diretamente de muitos experimentos com seu tio em busca da captação do sinal de televisão. Para ele, é inesquecível o momento em que Nereu conseguiu captar a primeira imagem de televisão em Itajaí.

Foi em uma noite de muita cerração. Ele pegou a maior vara de bambu que conseguiu, instalou uma antena improvisada por ele próprio em uma das extremidades e pediu para eu e Nestor Schiefler ficar segurando a antena em pé, girando gradativa e sutilmente. Naquela noite pegamos o sinal da TV Tupi do Rio de Janeiro. Vimos uma propaganda da transmissão do jogo Santos versus Milan no Maracanã e depois uma luta de box. Passada essa experiência bem sucedida, que durou dois dias, ficamos quinze dias sem pegar qualquer sinal. O tempo não ajudava. Nereu dizia que tempo bom era tempo com bastante cerração.

A notícia do feito extraordinário e inacreditável dos Schiefler obviamente correu Itajaí de norte a sul, leste a oeste. Como era natural, os curiosos começavam a se aglomerar cada vez em maior número defronte à casa dos Schiefler na Rua Lauro Müller. Chegou a um ponto que foi obrigatório improvisar o rodízio em forma de

sessões. "Desse ponto em diante o Nereu pediu para nós não fazermos mais propaganda pela cidade da televisão dele".

Nivaldo lembra muito bem do passo mais arrojado que Nereu Schiefler tentou dar com a ajuda da Prefeitura de Itajaí. A Municipalidade instalou uma boa estrutura de metal no terreno existente no final da Avenida Marcos Konder, que à época tinha seu fim em um terreno baldio onde atualmente está instalada a sinaleira da Avenida Marcos Konder com a Rua José Bonifácio Malburg (com continuação na Rua Frederico Thieme). "Encheu de gente para ver a experiência do Tio Nereu, mas não pegou nenhum sinal. Depois de um bom tempo ele instalou aquela antena no terreno de sua casa na Lauro Müller e obteve êxito pegando o sinal da TV Paraná novamente".

Estimulado com as experiências, apesar de pouco favoráveis aos olhos dos espectadores, Nereu foi dando passos mais ousados até adquirir a primeira caixa de retransmissão.

Ele comprou um aparelho cheio de válvulas e levou para um ponto "bom" no Morro do Boi (próximo do que é hoje a entrada para a Praia de Taquaras). A caixa tinha um metro e vinte centímetros de comprimento por oitenta centímetros de altura, e era muito pesada. Ajudei ele a colocar tudo dentro do Corcel verde e fomos levando esse equipamento bem devagar, porque a estrada era muito ruim e qualquer solavanco mais forte poderia deteriorar todo o equipamento. Instalado o equipamento ele girou a antena para a direção de Curitiba e a retransmissão do sinal para a direção de Itajaí. Foi aí que conseguimos pegar bem os sinais das tevês Paraná (Rede Tupi) e Paranaense (Rede Globo).

Mas a ousadia de Nereu não estava encerrada. Ele comprou peças avulsas e confeccionou na oficina que mantinha na sua casa na Lauro Müller uma segunda caixa de retransmissão de sinal de televisão. Assim que ficou pronta, novamente contando com a ajuda do sobrinho Nivaldo, levou tudo para o alto do Morro da Cruz de Itajaí. Assim, instalou no local duas antenas e dois retransmissores. Conseguiu captar a imagem de três emissoras.



TV Ariston. Acervo do Museu Histórico de Itajaí. Foto: Magru Floriano.

Nereu era funcionário do Banco Inco e gastava uma parcela do seu próprio salário para confeccionar os equipamentos que lhe possibilitariam captar as imagens dos canais de televisão do Paraná. Com o sucesso da experiência no Morro do Boi, um grupo se reuniu para compor uma associação e cobrir, através de mensalidade, os custos que antes eram cobertos exclusivamente por Nereu Schiefler. Assim surgiu a televisão em Itajahy. "A imagem era muito precária e sempre tinha um que reclamava e lá ia o Tio Nereu trocar peças de sua repetidora".

#### A MEMÓRIA DE MARIA DE LOURDES SCHIEFLER MATHIAS

Lurdinha é filha de Nereu e lembra que ele tinha como inspiração as seguintes palavras do escritor Júlio Werner: "O que o homem pode pensar, pode fazer", Por isso mesmo não media esforços para realizar pesquisas e experiências a ponto de ser denominado de "Professor Pardal".

Meu pai trabalhava no Centro de Controle do Banco Inco e conseguiu a primeira televisão quando um companheiro de empresa veio transferido da agência de São Paulo para Itajaí e trouxe um aparelho com problemas técnicos que passou às suas mãos para o devido conserto. Nereu descobriu um defeito, consertou e durante mais ou menos um ano, todos os dias ele testava a TV e dizia que não sabia se a TV continuava com algum defeito ou se não funcionava, simplesmente porque não se captava sinal de televisão aqui no Estado de Santa Catarina.

Mas essa história mudou em uma tarde do mês de julho quando deu um grito chamando pela esposa Juracy, fazendo depois silêncio prolongado. Juracy e a amiga Celeste, que estava na casa, subiram apressadamente até a oficina, que Nereu mantinha no segundo piso da residência na Rua Lauro Müller, pensando que tinha ocorrido algum problema com ele. Lá chegando viram que Nereu havia captado sinal da TV Tupi – Canal 6 – do Rio de Janeiro.

As pessoas queriam ver uma TV funcionando, então organizavam equipes para subir até a oficina e nossa casa acabava vivendo cheia de gente. A cidade praticamente parou. Era engraçado porque o pessoal ficava até o canal encerrar a programação e no dia seguinte o padeiro não trazia o pão, o leiteiro não trazia o leite, porque todos iam dormir muito tarde para os padrões daquela época e de manhã não acordavam para o serviço.

Mas o sinal, assim como apareceu, sumiu. Essa situação desagradável se repetiu muitas vezes a ponto de se espalhar pela cidade muitas teorias. Chegaram a cogitar que o sinal entrava apenas quando tinha navio no porto. Mas, a única interferência positiva que Nereu constatou na ajuda à captação de imagem foi a incidência de cerração. No dia de cerração a imagem melhorava muito.

Mesmo com todas essas dificuldades técnicas, o pessoal começou a comprar aparelhos de televisão e toda vez que ocorria algum problema na captação da

11/05/2015 10:05:13

imagem mexia-se indevidamente nos botões de ajustes. Quando o sinal voltava os aparelhos apresentavam problemas de regulagem e acabavam todos trazendo as TVs para o Nereu fazer os devidos ajustes.

Mais adiante, ele conseguiu com o Dr. Antônio Carlos Konder Reis um pequeno avião para fazer pesquisas sobre onde poderia ser colocada uma antena que captasse o sinal e enviasse para Itajaí. Ele e o Odemar Costa promoveram estudos e descobriram que na Ponta da Armação seria o lugar ideal para a instalação da antena repetidora porque o sinal a ser captado viria de Curitiba.

A repetidora funcionou muito tempo nesse local. Tinha um relógio que era programado para ligar a repetidora na hora que a estação de TV iniciava a programação e desligava no final. De segunda a sexta-feira funcionava assim, mas aos sábados o Nereu ia ligar a repetidora mais cedo, retornando ao local no domingo para reprogramar o equipamento para o horário da semana. Essa antena ficava na casa de um senhor oriundo de Blumenau que cobrava apenas o consumo da energia elétrica gasta na retransmissão do sinal. A Prefeitura de Itajaí e lojas que vendiam os aparelhos de televisão contribuíam com um certo valor para a manutenção do sistema. Ele não fazia o serviço por dinheiro. Fazia simplesmente porque gostava muito de tudo aquilo.

#### A MEMÓRIA DE YVONNE LUCY KORMANN REBELLO

Yvone nasceu a 08 de julho de 1931 e trabalhou ao lado de seu esposo, Pedro Paulo Rebello, na empresa responsável pela produção dos televisores de marca ARISTON. Segundo Yvonne:

Nereu Schiefler era amigo da família e não saía da nossa fábrica de televisores porque vinha conversar com o engenheiro Luiggi Zilli e o técnico César Rebelo acerca de detalhes para melhorar a captação de imagem. Zilli e César também forneceram muitas peças para Nereu montar suas repetidoras ou deram informações de como adquiri-las em Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro. Os técnicos da empresa tinham muita boa vontade com Nereu porque consideravam que suas iniciativas beneficiavam de forma direta o trabalho deles. No final todo mundo ganhava nessa troca de informações técnicas.

Nossa empresa iniciou em 1960 como revendedora de televisores ARISTON (que significa PERFEIÇÃO) e passou a produzi-las aqui mesmo em Itajahy a partir de 1963. Por este motivo vieram para Itajahy o engenheiro elétrico/eletrônico paulista Luizzi Zilli - que permaneceu na cidade por seis meses repassando as informações para o técnico em eletrônica César Rebelo, vindo do Rio de Janeiro. Zilli e César conversaram muito com Nereu.

Como eu era responsável pelo departamento comercial da empresa, usava um "fuque" (Fusca) para fazer as cobranças porque vendíamos também os aparelhos em unidades para particulares. Muitos, querendo fugir da cobrança, alegavam justamente que não conseguiam "pegar" nenhuma imagem e, portanto, o aparelho

11/05/2015 10:05:13

#### 111

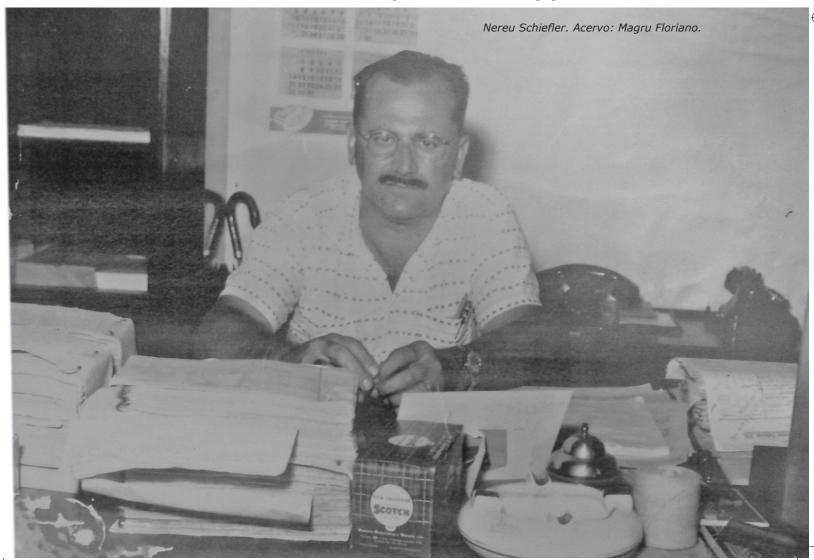
comprado não funcionava. Muitas vezes, para receber, primeiro tinha de enviar um técnico até a casa do proprietário do aparelho para ver se o ajudava a "pegar" melhor a imagem da televisão. Era o tempo do "chuvisco" e de ficar mexendo o tempo todo na antena externa para buscar a "posição" ideal de captura da imagem.

#### A MEMÓRIA DE PAULO ROGÉRIO MAES

Paulo Rogério Maes tem memória privilegiada a ponto de escrever semanalmente para o jornal "O Tempo" crônicas baseadas em suas recordações. Na edição do dia 11 de agosto de 2012 ele escreveu uma crônica intitulada "**A TV em Itajaí**".

Lá por volta de 1963, começaram a aparecer em Itajaí as primeiras imagens de televisão, muito precárias, recebidas diretamente do Paraná. É que no Estado vizinho, foram implantadas repetidoras para trazer as imagens geradas em Curitiba até os balneários do Sul daquele Estado e a aproximação do sinal com o Norte de Santa Catarina fazia com que aparelhos aqui instalados, providos de potentes antenas, pudessem captar esses sinais.

[...] fora instalada pelo senhor Nereu Schiefler, com patrocínio das lojas que viam um segmento de mercado promissor, a venda de aparelhos e antenas de televisão. As dificuldades técnicas e políticas foram muitas [...] houve até interferência

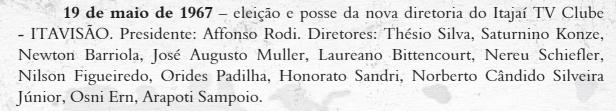


do Governo Federal decretando o fechamento da repetidora, pois diziam que era clandestina, mas como a força política de Itajaí na época era muito forte, o problema foi resolvido e voltamos a ter televisão.

CRONOLOGIA

- **03 de outubro de 1928** O jornal **O Pharol** publica a primeira notícia sobre transmissão de televisão nos Estados Unidos.
- **22 de julho de 1961** o jornal **Itajaí** noticia que Nereu Schiefler consegue captar imagem de televisão em sua residência à Rua Lauro Muller.
- 13 de agosto de 1961 o Jornal do Povo anuncia que Nestor Schieffler proferiu recentemente palestra acerca da capitação de imagem de TV em Itajaí.
- 13 de novembro de 1965 circula pela cidade durante a semana uma equipe técnica visando à instalação de uma retransmissora de televisão.
- **20 de novembro de 1965** O **Jornal do Povo** estampa manchete garantindo que "Televisão será realidade. Equipe de técnicos itajaienses, bastante otimista. Experiências em fase final. Tudo indica que o Natal será com televisão".
- **04 de dezembro de 1965** Prossegue o movimento visando instalar um retransmissor de sinal de televisão no Morro do Gravatá [Navegantes]. Um grupo de cotistas adquire aparelhagem que é colocada em teste durante a semana. A iniciativa conta com o apoio de grandes lojistas de Itajahy, destacando Rafael Dutra da empresa Dutra & Cia.
- **18 de maio de 1966** chega à Itajaí a aparelhagem repetidora do Canal 6 TV Paraná de Curitiba e instalada no dia 19 de maio de 1966 na Ponta da Vigia em Armação.
- **20 de junho de 1966** promovida primeira reunião para criação do **ITAVISÃO** que tem como objetivo reunir apreciadores de televisão na região.
- **30 de julho de 1966** o Jornal do Povo anuncia resolução do Contel Conselho Nacional de Telecomunicações que proíbe o funcionamento da repetidora de televisão instalada na Armação pelo Itavisão Itajaí Tevê Clube. Itajaí fica sem televisão novamente.
- 10 de setembro de 1966 Ganha destaque na imprensa regional a campanha da Câmara Júnior e Itavisão para trazer a Itajaí imagem e som do Canal 12 de Curitiba.

001-Anuario-97-176.indd 112



- **01 de setembro de 1969** entra no ar a TV COLIGADAS com transmissão oficial da Rede Globo, passando em janeiro de 1980 para a RBS-TV.
- **01 de agosto de 1971** Itajahy recebe com perfeição a imagem da TV Cultura [canal 6 Florianópolis]. A empresa fica representada em Itajaí pelo empresário Albery Narciso Finardi.
- **05 de maio de 1979** itajaienses reprovam a unificação realizada entre a TV Cultura [canal 12] e TV Coligadas de Santa Catarina [canal 3] retransmissores da TV Tupi. Antes da unificação os dois canais passavam a programação da TV Tupi em horários diferenciados.
- 19 de maio de 1979 Iniciadas as obras para montagem de antena repetidora no Morro da Cruz visando receber sinal de televisão retransmitido pela TV Catarinense de Florianópolis.
- 19 de abril de 1980 Itajahy fica sem o sinal da TV Tupi. A cerca de dois meses a antena tombou durante um forte vendaval e os proprietários do terreno não autorizaram novas obras no local. Impasse envolve a direção da TV Cultura, empresários Cidio Sandri e Alcides Pereira, Prefeitura Muncipal de Itajaí.
- **25 de abril de 1980** chegam à Itajaí técnicos visando religar a repetidora da TV Cultura Florianópolis instalada no Morro da Cruz.
- **05 de julho de 1980** o itajaiense Antonio Patiño, artista que trabalha na Rede Globo de Televisão, no Rio de Janeiro, escreve ao Jornal do Povo garantindo que intercedeu junto à direção geral da empresa no Rio de Janeiro visando resolver problemas na qualidade da imagem captada em Itajaí retransmitida pela TV Catarinense.
- **20 de dezembro de 1980** Itajaí ainda não recebe o sinal da TV Eldorado que retransmite de Criciúma a programação da TV Bandeirantes. Criciúma, Florianópolis, Blumenau e Joinville já receberam retransmissoras e a de Itajaí havia sido prometida para o mês de outubro.
- **21 de março de 1981** O prefeito Amilcar Gazaniga anuncia que recebeu portaria do DENTEL Departamento Nacional de Telecomunicações outorgando

permissão à municipalidade para promover o serviço de retransmissão de televisão no Morro da Cruz pelo Canal 13. O canal deverá ser destinado para a retransmissão da TV Bandeirantes pela TV Eldorado de Criciúma.

- **05 de abril de 1986** proprietários do edifício Genésio Miranda Lins questionam a viabilidade técnica da Rede de Comunicações Eldorado instalar na cobertura do imóvel uma torre de transmissão da TV Vale do Itajaí Canal 10, com estúdios no próprio edifício.
- **20 de setembro de 1986** Anunciado o início das operações da TV VALE DO ITAJAÍ com instalações no Edifício Genésio Miranda Lins [Redondo]. Profissionais que integram a primeira equipe da TV: Eládio Cardoso, Luciene Cruz Michels, Renilda Santos, Jackie Rosa.
- **01 de setembro de 1995** a TV Vale do Itajaí passa a integrar a Rede Record de Televisão com a desintegração da RCE Rede de Comunicação Eldorado.
- **02 de agosto de 2000** inicia a transmissão da TV BRASIL ESPERANÇA sob as lideranças do Bispo Samuel de Oliveira Francelino e seu irmão José Carlos Francelino.
- 17 de abril de 2002 a TV Univali inicia transmissão pela VIACABO TV canal 17. O sistema de comunicação da Univali foi idealizado pelos professores Sidney Schead dos Santos, Édison Villela, Magru Floriano, iniciada com a Rádio Educativa Univali FM.
- **08 de dezembro de 2009** assinado o convênio nº 012/2009 permitindo o compartilhamento de sinal entre a TVAL TV da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina com a TV Câmara de Itajaí.
- **02 de fevereiro de 2010** entra em operação com transmissão pelo canal 09 da ViaCabo TV, em sinal compartilhado com a TV Assembléia Legislativa, a TV Câmara Itajaí.
- **22 de junho de 2011** entra em caráter experimental o sinal da ENTV canal 06 Viacabotv. A tevê pertence ao grupo MLO que edita o jornal Manchete do Vale.
- 10 de outubro de 2012 entra no ar o canal 6 pela Viacabotv de Itajaí MCA TV (do grupo religioso Missão Comunhão de Adoração MCA).



#### Referências para pesquisa

FLORIANO, Magru. Calendário Histórico de Itajaí: datas para compreender nossa história. Itajaí: Brisa Utópica, 2010 [edição eletrônica].

ROTHBARTH, Marlene da Silva; DEÓLLA, Lindinalva da Silva. Famílias de Itajaí: mais de um século de história. Itajaí: aut., 2005.

HEMEROTECA da Fundação Genésio Miranda Lins.

Jornais pesquisados: Diário da Cidade, Jornal do Povo, Itajaí, O Pharol, Novidades, Commércio, O Popular, O Libertador, O Tempo,

Entrevistas:

NIVALDO THEODORO SCHIEFLER concedida no dia 10 de julho de 2012.

LUIZ DA SILVA concedida no dia 20 de junho de 2013 e 06 de junho de 2014.

MÁRCIO MOREIRA concedida no dia 10 de dezembro de 2013.

YVONNE LUCY KORMANN REBELLO concedida no dia 05 de junho de 2014.

OSMAIR MAIA MOREIRA FILHO [Maíco] concedida no dia 06 de junho de 2014.

MARIA LOURDES SCHIEFLER MATHIAS concedida no dia 30 de julho de 2014.



# Lauro Müller - Líder Republicano

ESTE ANO DE 2014, ano do sesquicentenário do ilustre catarinense Lauro Severiano Müller, não poderia o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, juntamente com a Fundação Genésio Miranda Lins, além de promover esta Sessão Solene, dar ao Estado de Santa Catarina, bem como aos demais Estados da Federação, a publicação que hora lançamos.

Trata-se, pois, de um livro que pretende difundir a memória e a trajetória de Lauro Müller, seja pela retidão com que lidava nas ações em todos os cargos que exerceu na República, seja pela inteligência e perspicácia que a tantos influenciou em seu tempo. Não se reescreve, aqui, apenas a história do homenageado. Voltamo-nos para o ano de 1964, quando das comemorações do centenário de Lauro Müller, cujos tributos ferviam em discursos lidos em todas as esferas do país.

E nesta extensa pesquisa, realizada tanto em Itajaí, Florianópolis, Brasília e Rio de Janeiro, editor e organizador concentraram-se nas preleções daqueles que, de Lauro, tinham o subsídio suficiente para ampliar, à época, seus feitos, dizeres e orientações.

Na primeira parte, além da Ata da Sessão Solene da Câmara Municipal de Itajaí, a fala de itajaienses cujos discursos foram proferidos em rádio e aqui transcritos, e das alocuções feitas em Florianópolis. Do que se proferiu sobre Lauro pelo país afora, cabe à segunda parte desta obra ampliar os preitos ao grande republicano, cuja importância será compreendida à medida que o leitor avançar na leitura e conhecer cada vez mais os feitos e dizeres do maior dos catarinenses.

Aqui também encontraremos o próprio Lauro a nos nortear, face a decisão de publicar, como terceira parte, seu discurso pronunciado a 15 de novembro de 1911, quando Lauro entregou ao Marechal Hermes da Fonseca as insígnias presidenciais, cuja oração relata o estudo dos ideais do regime republicano e, daí, seu título: OS Ideais Republicanos.

Na quarta parte, extensa cronologia do homenageado, resultado de rica pesquisa da vida pública e privada de Lauro, onde o competente cronológico desenha uma linha do tempo fiel e arguta. E encerramos a obra com vasta iconografia, onde os esforços do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, da Fundação Genésio Miranda Lins, através do Centro de Documentação e Memória Histórica, fundem seus acervos junto ao de Carlos Henrique Müller, resultando em belíssima composição visual da vida de Lauro Müller.

Que esta memória impressa sirva de deleite e de reflexão ao nosso futuro, o futuro que construímos.

Rogério Lenzi















Renato Mannes. Acervo: Magru Floriano.

AS ÚLTIMAS TRÊS DÉCADAS DO SÉCULO que passou, tivemos um guru no jornalismo de Itajaí. Chamava-se Renato Mannes de Freitas, um craque na técnica de como redigir uma notícia. O semblante severo, barba um tanto espessa, olhar penetrante, configurava-lhe uma imagem que impunha, a princípio, um certo temor e, mais do que isto, respeito de quem dele se aproximava. Mas era só conhecê-lo melhor e tudo isso se desvanecia. De fala mansa, pausada, postura de mestre, angariava logo a simpatia do interlocutor. Sua formação, bastante esmerada, não se deu nos bancos da faculdade e, sim, na prática cotidiana da reportagem em São Paulo, na sede dos Diários Associados, de propriedade do lendário Assis Chateaubriand, o Chatô, jornalista, empresário, colecionador, mecenas, advogado, político e diplomata.

O império de Chateaubriand teve início em meados dos anos 1920 e, no seu auge, os Diários Associados reuniam, em todo o Brasil, 36 jornais, 18 revistas, 36 rádios e 18 emissoras de televisão, além de bater recordes de tiragem com a consagrada revista "O Cruzeiro". Assis Chateaubriand construiu o maior conglomerado de mídia que o país já viu. Com a morte de Chateaubriand em 1968, as empresas entraram em decadência, culminando com o fechamento da TV Tupi, em 1980.

Era um jornalismo moderno, ousado e de qualidade, que privilegiava a reportagem investigativa. E foi com esta bagagem que Renato Mannes de Freitas retornou a Itajaí para dirigir o jornal "A Nação", também de propriedade do grande magnata das comunicações. De meados da década de 70 em diante não foram poucos os profissionais que tiveram o privilégio de compartilhar dos conhecimentos trazidos por Renato Mannes. Entre eles, este que vos escreve.

No final da década de 70, reinava uma atmosfera positiva em Itajaí e no Brasil, com a gradual derrocada da ditadura militar e das restrições à liberdade de imprensa impostas pelo regime. Com a queda do império de Chateaubriand, o diário "A Nação" deixou de circular e Renato Mannes abriu o "Jornal de Itajaí". Foi neste periódico que iniciei minha trajetória jornalística, permanecendo por pouco mais de um ano como repórter. Um convite me levaria a trabalhar na sucursal de Itajaí do "A Notícia", empresa sediada em Joinville, que ao lado de "O Estado", de Florianópolis, e do "Jornal de Santa Catarina", de Blumenau, formavam o triunvirato das maiores empresas de mídia impressa do estado. Os anos 80 constituíram-se na época de ouro do jornalismo itajaiense, com profissionais de qualidade como Valdemir Chagas, João Carlos da Luz, Terezinha Severino, Alberto Russi, Magru Floriano, Carlos Bittencourt, Jane Cardoso e vários outros, todos estes atuando na mídia impressa como repórteres.

Também se destacavam no colunismo social Nilton Russi e Sebastião Reis, na fotografia Victor Schneider, Ronaldo Silva Júnior e Pedro de Oliveira, além de Ribeiro Luz e Irene Boehmer no rádio. Isso para citar alguns daquela inesquecível década, mas muitos outros profissionais atuaram com dedicação e competência numa época ainda de muita precariedade em recursos tecnológicos.



Redigíamos em máquinas de escrever Remington ou Olivetti, e o texto jornalístico tínhamos que levar até a Agência dos Correios para que fosse novamente digitado e enviado por telex. Sim, telex, uma máquina que à medida que você digitava ia saindo uma fita de papel perfurada. Cada furinho correspondia a uma letra do alfabeto. Ao final, a fita era acoplada numa leitora e o texto enviado assim à sede do jornal. Mais tarde veio o fax, que significou um avanço extraordinário na transmissão das informações jornalísticas.

Mas com o Renato Mannes tive uma passagem hilariante. Fomos a um coquetel em um navio que inaugurava sua rota no Porto de Itajaí e, em clima de final de festa já nos preparávamos para ir embora quando se nos deparou diante dos olhos vários e vários litros de whisky que haviam sobrado, todos enfileirados sobre uma mesa. Um dos garçons, percebendo meu olhar sedento, foi logo oferecendo um litro para levarmos, mas teria que ser escondido, caso contrário, a bebida nos seria subtraída pelos agentes de fiscalização que cuidavam do acesso às dependências do porto. E agora?! Se pelo menos tivéssemos uma daquelas bolsas de fotógrafo, tudo estaria resolvido. A solução que achei foi colocar o litro de whisky na meia. Que situação! Mas fomos em frente e saímos do navio, eu e Renato Mannes, com aquela tradicional cara de paisagem. E o litro, arregaçando a minha meia, fazia enquanto caminhava um "schlap, schlap" esquisito e revelador. Afinal, a inebriante alegria! Passamos livres, leves e soltos pelos agentes, que no momento conversavam distraídos, o suficiente para não perceberem o "schlap, schlap" e o meu andar incômodo de alguém que havia sofrido algum acidente e estivesse, por isso, com a perna inevitavelmente engessada.

Renato Mannes de Freitas veio a falecer muito cedo, em 1999, com apenas 54 anos. Iase um mestre na arte do jornalismo moderno e a ele ainda se faz necessária uma merecida e incontornável homenagem.



Homem de uma inteligência incomum e de grande senso de humor, possuía um estilo singular de escrita e grande habilidade com as letras. Começou sua carreira na década de 60, na Rádio Clube de Itajaí, sendo também, à época,

professor de Língua Portuguesa. Em 1964, trabalhou no jornal "A Nação", quando foi pioneiro na técnica do jornalismo moderno, que veio a servir de modelo para os profissionais da região. Depois montou o "Jornal de Itajaí", mais uma vez inovando ao dar espaço a charges e desenhos no jornalismo impresso. Trabalhou também nos jornais "O Estado" e "Jornal de Santa Catarina". Junto ao jornalista Vladimir Chagas, na década de 80, trabalhou







no "Jornal O Liberal do Vale" e a partir de 1992 no jornal "Diário da Cidade" como editor chefe,onde ficou até 1995.

Desta data até 1999 trabalhou como assessor de imprensa do Hospital Marieta e como editor na Gráfica Bittencourt, de propriedade do jornalista Carlos Bittencourt, a quem considerava um irmão de alma e quem o acompanhou até o último dia de sua vida. Na editora, era responsável por diversos periódicos: "Jornal dos Bairros", "Jornal do Itamirim", "Jornal do Marieta", "Jornal da Associação Comercial e Industrial de Itajaí – ACII", entre outros. Abria-se, assim, um novo espaço: o jornalismo empresarial e corporativo, praticado a partir daqueles tempos e importante até hoje.

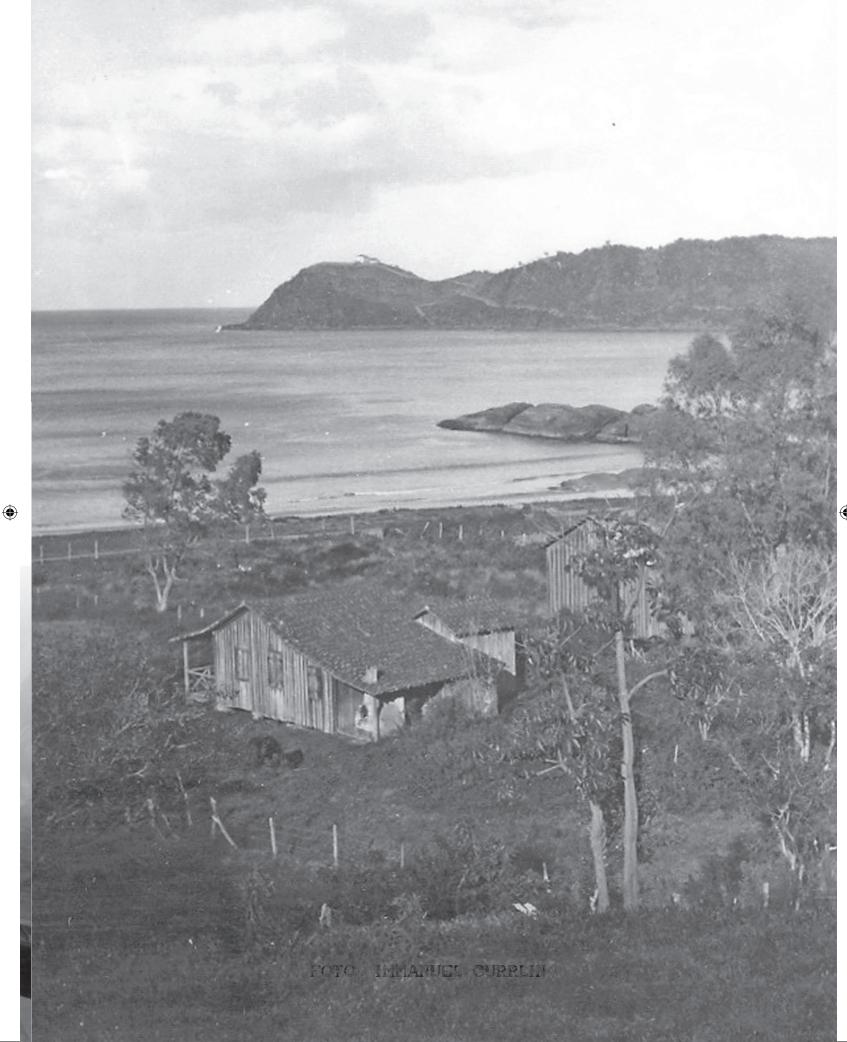
O jornalista Renato Mannes de Freitas foi casado por duas vezes e teve três filhos: Gesiele, Rodrigo e Gabriela, aos quais deixou, além de saudades eternas, um exemplo de honra, fé, honestidade e alegria, pois era um pai incansável, amoroso e, por tudo isso, inesquecível.

Seu legado não pode ser traduzido em obras ou títulos, embora haja inúmeras edições de jornais assinadas por ele. Foi a arte de encantar outros jovens idealistas a seguirem com firmeza os passos do jornalismo a sua maior contribuição social.

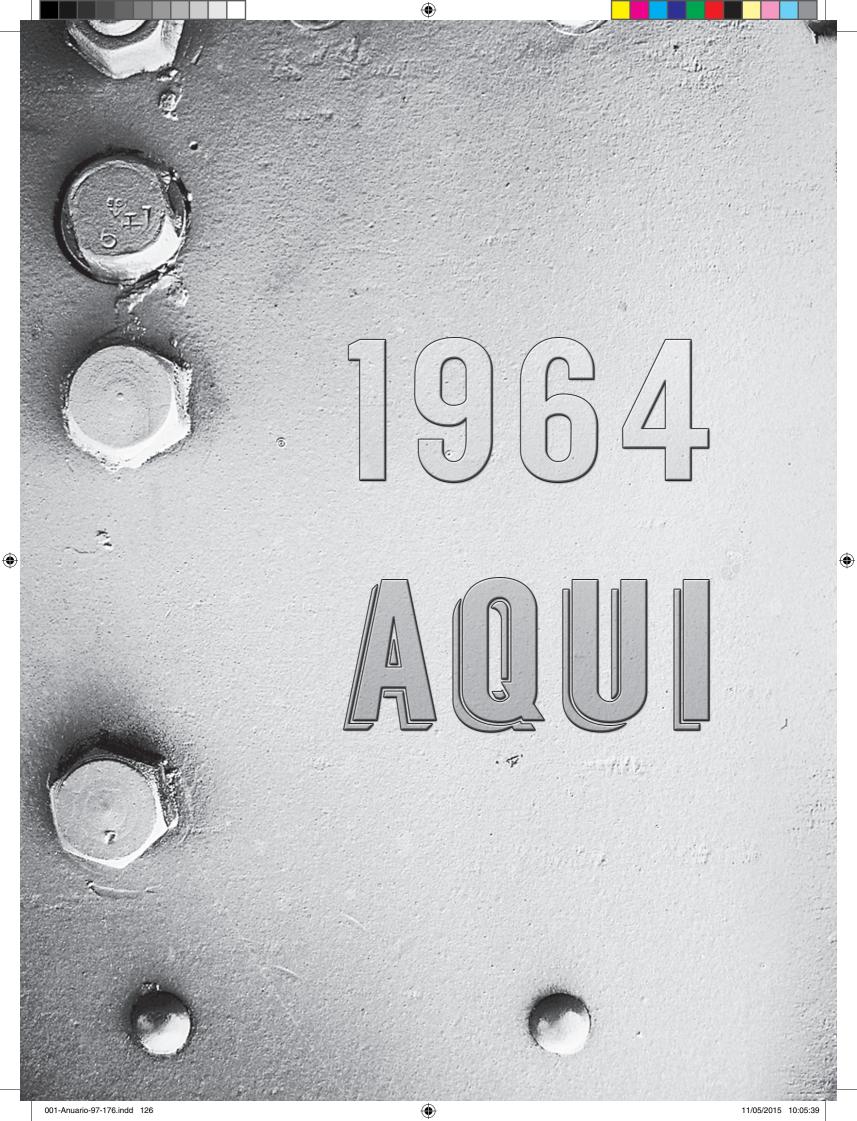
Renato Mannes viveu em uma época em que para ser jornalista profissional não era preciso fazer curso superior, havia uma carteira profissional emitida pela Federação Nacional dos Jornalistas - FENAJ, segundo os critérios da época. Curiosamente, para escrever este texto, foi preciso pesquisar em documentos antigos e um deles foi a carteira profissional dele, expedida pela última vez em 03/08/89 e, para minha surpresa, a data de validade da mesma era 1999, ano de sua morte. Certamente, precisava continuar escrevendo sua história em outros lugares.

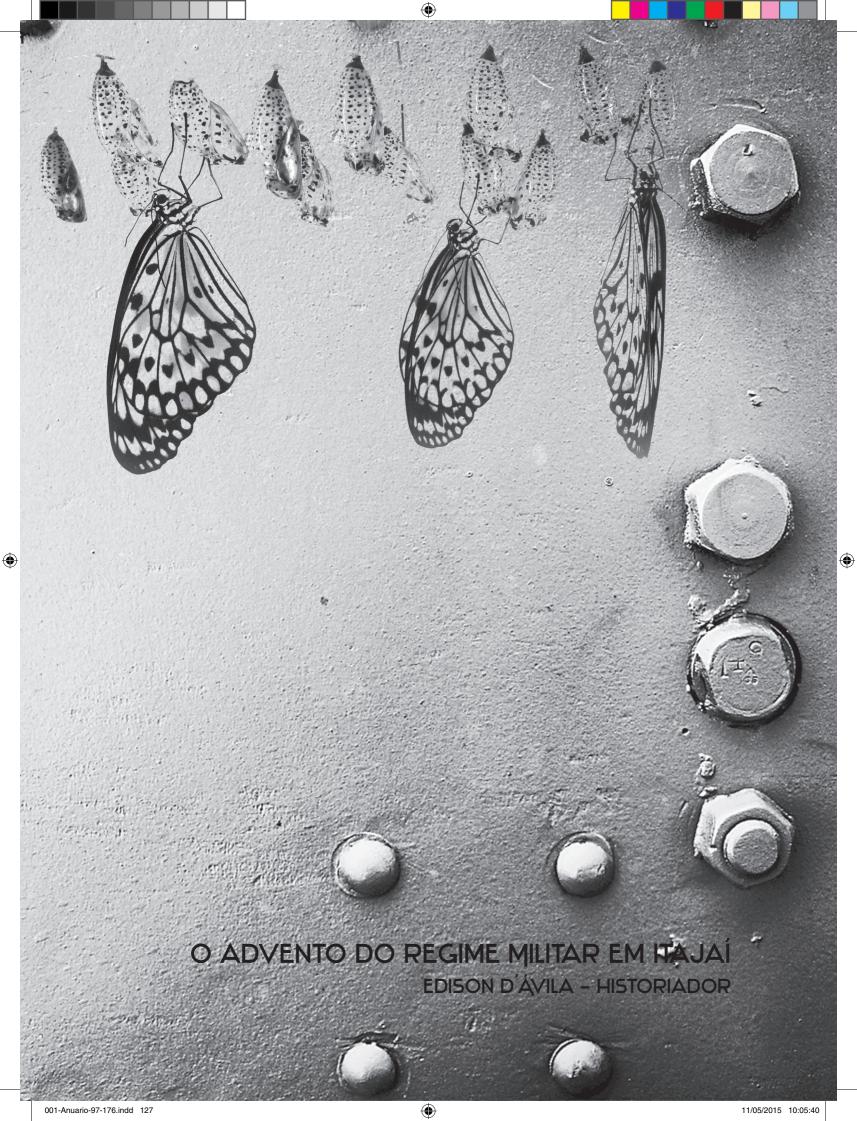






**(** 





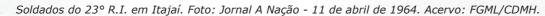
Introdução

s acontecimentos políticos de março de 1964 completaram 50 anos e têm sido contados, refletidos e explicados em todo o país. Neste contar, refletir e explicar, algumas vezes visões sectárias permeiam o processo, porque há ainda muita coisa que se pretende ou não desvelar. Em Itajaí, também estes acontecimentos foram traumáticos para muitas pessoas, grupos, movimentos e entidades da sociedade civil. A história destes acontecimentos na cidade é o que se pretende narrar neste artigo.

Nesta narrativa se dá destaque ao movimento sindical e à esquerda itajaiense, porque estes foram os segmentos mais impactados pela força do Estado Militar implantado pelo novo regime.

O artigo pretende abordar tão somente o começo, a chegada do regime militar em Itajaí. Por isso, depois de um histórico da organização sindical e do surgimento das esquerdas partidárias na cidade, os dois capítulos finais tratam dos dias do Golpe Militar e dos dias seguintes; entendidos estes "dias seguintes" em sentido largo, como semanas ou meses seguintes, conforme demande a conclusão dos acontecimentos que tiveram começo nos dias do movimento militar.

Ver com outros olhares o passado recente de Itajaí, desfazer alguns mitos e conhecer mais sobre a nossa história contemporânea é a proposta deste estudo.





# ORGANIZAÇÃO DOS SINDICATOS, SOCIEDADE BENEFICENTE DOS TRABALHADORES "SANTA CATARINA", UNIÃO INTERSINDICAL, GINÁSIO PEDRO ANTÔNIO FAYAL E AS LUTAS DO TRABALHADOR NOS ANOS 60

CRIAÇÃO DOS SINDICATOS DE TRABALHADORES

Os sindicatos de trabalhadores itajaienses, surgidos a partir da Lei de Sindicalização, de 1931, da Era Vargas, foram precedidos por três associações de trabalhadores urbanos: Sociedade Operária Beneficente de Itajaí (de 1902), Sociedade Beneficente XV de Novembro (de 1906) e Sociedade União Beneficente dos Estivadores de Itajaí (de 1922).

A primeira Sociedade tinha claramente características de associação mutualista, a reunir diferentes tipos de trabalhadores urbanos, sem preocupação com o processo produtivo e sim, com o auxílio mútuo a trabalhadores inaptos para o trabalho. Já as duas últimas, de trabalhadores do porto, sem que se lhes negue o viés mutual, já tinham claramente preocupação com as relações entre trabalho e capital; o que lhes permite atribuir um "estágio de pré-consciência" sindical.

As primeiras categorias de trabalhadores a buscar a sindicalização foram justamente os trabalhadores portuários – arrumadores (terrestre) e estivadores - seguidos dos trabalhadores das indústrias de papel, de açúcar, da construção civil e metalúrgicas; ainda nos anos de 1930. A organização sindical obedecia à política oficial de atrelamento dos sindicatos ao Ministério do Trabalho e, consequentemente, ao Estado, a se buscar uma colaboração entre o trabalhador e o governo para arrefecer ao máximo os choques entre capital e trabalho.

Esta política de "controle sindical" criou as primeiras cisões no interior do movimento operário, entre líderes sindicais de esquerda, críticos da proposta, e líderes sindicais simpáticos a Vargas – os "amarelos"; em Itajaí não foi diferente. Nos anos de 1930 e 1940, a presidência dos sindicatos itajaienses esteve em mãos de líderes sindicais getulistas; em que pese os movimentos reivindicatórios de trabalhadores, congresso operário e greves conduzidos por sindicalistas de esquerda, notadamente no ano de 1935, o chamado "ano vermelho".

O movimento sindical de Itajaí começaria a mudar a partir da década de 1950, quando Getúlio Vargas retornou ao poder através de eleição e iniciou seu governo de marca nacionalista e de apoio às reivindicações dos trabalhadores a se acirrarem as tensões políticas e sociais. Também contribuíram a substituição das antigas lideranças sindicais, que se aposentavam; a criação dos primeiros sindicatos de empregados nas áreas de comércio e serviços: lojas, bancos, seguros, que trouxeram dinâmica nova ao

sindicalismo local; assim como o retorno do protagonismo dos sindicalistas de esquerda, os quais haviam se afastado da atuação nos sindicatos por orientação ideológica.

#### Sociedade Beneficente dos Trabalhadores "Santa Catarina"

As demandas econômicas e sociais da classe operária, visibilizadas sobremaneira no quadriênio do governo Vargas (1950/1954), fizeram recrudescer as lutas dos trabalhadores e renascer entre os líderes sindicais de Itajaí o ideal do auxílio mútuo na área da assistência à saúde, porque a ofertada pelos governos era insuficiente. Sob a liderança do Sindicato dos Estivadores de Itajaí, foi fundada em 15 de novembro de 1954 a Sociedade Beneficente dos Trabalhadores "Santa Catarina", uma sociedade de beneficência, com a finalidade de proporcionar a seus associados e a toda e qualquer pessoa assistência médica, hospitalar, dentária e farmacêutica, remunerada e gratuita. A nova sociedade mutualista - à semelhança da Sociedade XV de Novembro e da União dos Estivadores - esperava, para atendimento de sua finalidade, providenciar a construção, arrendamento ou doação de um hospital.

Presidiu a Sociedade Beneficente Luiz José Medeiros, do Sindicato dos Estivadores; na vice-presidência estava Aurino José da Silva, do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil; na 1ª secretaria, Urbano Pereira da Costa, do Sindicato dos Estivadores; na 2ª secretaria, Lídio Kormann, do Sindicato dos Conferentes; na 1ª tesouraria, Bernardo Petter, do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil; e na 2ª tesouraria, Ângelo Stringari, do Sindicato dos Arrumadores.

Mas as maiores realizações da Sociedade Beneficente passaram a acontecer a partir de 1958, quando assumiu a presidência Valdevino Vieira Cordeiro, presidente do Sindicato dos Conferentes; época em que o sindicalismo de Itajaí passou a viver uma nova era. Valdevino Vieira Cordeiro (1926/1982) foi o mais combativo, operoso e realizador líder sindical de Itajaí de todos os tempos. Tijuquense, homem de ideias progressistas e tocado pela necessidade de resolução das questões sociais, ele era combatido por muitos conservadores da cidade sob a alegação de ser comunista; o que nunca foi. Considerava os comunistas companheiros na construção de uma sociedade

mais justa; por isso, nunca os discriminou e era por eles apoiado.

Sob a presidência de Valdevino Vieira Cordeiro, a Sociedade Beneficente abriu ambulatório médico e farmácia para atendimento aos trabalhadores e seus familiares e, em 1960, através de alteração nos estatutos da Sociedade, que incluiu a assistência alimentícia e

Valdevino Vieira Cordeiro. Acervo: FGML/CDMH.

social, criou açougues e armazém para Reprodução: Anuário de Itajaí - venda subsidiada de gêneros alimentícios Cem anos de Município - 1960. às famílias operárias. Ainda em 1962, através de convênio com o Governo do



Estado de Santa Catarina, a Sociedade Beneficente passou a administrar o Hospital Santa Beatriz, em Itajaí. Estava prestes a assumir a gestão do Mercado de Peixes, em convênio com o Município de Itajaí, quando, em decorrência dos acontecimentos de 1964, as tratativas foram desfeitas.

O funcionamento da rede de assistência social e alimentícia da Sociedade Beneficente, como uma cooperativa de consumo para trabalhadores sindicalizados, à frente da qual estava o seu combativo presidente e, a partir de 1961, com a presença na diretoria de comunistas conhecidos como Carlos Fernando Priess, do Sindicato dos Corretores de Seguros, e Getúlio Manoel dos Santos, do Sindicato dos Metalúrgicos, criou descabida reação, ora velada ora explícita, de empresários da cidade a essas atividades de empreendedorismo sindical.

As tantas realizações de Valdevino Vieira Cordeiro demonstradas nos empreendimentos sociais qualificados à frente da Sociedade Beneficente não foram levadas em conta após sua prisão em 1964. Alguns dias após ser solto, em 19 de junho, para preparar sua defesa, ele mesmo endereçou ofício ao Presidente da Câmara Municipal de Itajaí, solicitando da Casa Legislativa certidão de suas atividades como cidadão itajaiense. Surpreendentemente, os vereadores rejeitaram o seu pedido.

### União Intersindical dos Trabalhadores de Itajaí

A União Intersindical dos Trabalhadores de Itajaí constituiu-se na forma de organização mais consequente e afirmativa dos sindicatos operários. A unidade do movimento sindical foi sempre uma proposta dos líderes de esquerda, mas havia grandes resistências entre dirigentes de sindicatos, por questões de poder. Então, durante a realização do 2º Congresso Sindical dos Trabalhadores de Santa Catarina, realizado em Itajaí, de 5 a 7 de setembro de 1958, líderes sindicais comunistas apresentaram a proposta de criação da união dos sindicatos da cidade. Porque o momento político recomendasse a unidade de luta, ela recebeu aprovação. O congresso escolheu o sindicalista comunista Léo Machado para secretário-geral da Intersindical, a qual veio a se constituir formalmente em julho de 1959, quando assumiu a presidência Valdevino Vieira Cordeiro. Compuseram a União Intersindical dos Trabalhadores de Itajaí o Sindicato dos Empregados no Comércio, Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil, Sindicato dos Estivadores, Sindicato dos Arrumadores, Sindicatos dos Empregados em Estabelecimentos Bancários, Sindicato dos Conferentes, Sindicatos dos Metalúrgicos, Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Papel e Papelão, Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar, Sindicato dos Corretores de Seguros, Sindicato dos Marceneiros e Trabalhadores em Pátios de Madeiras, Sindicato dos Empregados nas Empresas de Seguros Privados e de Capitalização e Sindicato dos Marinheiros, Remadores e Moços em Transportes Marítimos.

A Intersindical se transformou no fórum semanal em que se reuniam os dirigentes sindicais para discutir seus problemas, aparar divergências e encaminhar as soluções; além de ser a representação oficial dos trabalhadores junto às autoridades para quaisquer encaminhamentos de pedidos ou demandas trabalhistas e políticas. A partir da chegada de João Goulart ao poder, em 1961, a Intersindical passou a dar seu total apoio às reformas de base preconizadas pelo Presidente da República; para tanto, trouxe a Itajaí para cursos e debates José Serra, líder estudantil da UNE, e o padre de esquerda Alípio de Freitas. A unidade de luta dos trabalhadores através da Intersindical fez dela uma entidade forte e representativa; todavia, a opção política de esquerda, por outro lado, ficou malvista por muitos patrões e conservadores que a acusavam de ser instrumento a serviço dos comunistas. Nada mais equivocado, porque essa era a opção política consciente dos líderes sindicais, cujo apoio ao presidente João Goulart era inequívoco, e não por se deixarem instrumentalizar pelos comunistas, que com eles faziam coro a favor das reformas.

#### GINÁSIO PEDRO ANTÔNIO FAYAL

A proposta de estender a rede de beneficência social dos sindicatos para a área da educação foi sempre intencionada, mas só começou a se tornar realidade a partir dos contactos mantidos pelos dirigentes sindicais com o presidente da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos/CNEG, Professor Felipe Tiago Gomes. Até o início dos anos 60, em Itajaí não havia ginásio público ou gratuito. Por isso, o início das atividades em 12 de abril de 1962 do Ginásio Pedro Antônio Fayal, sob chancela da CNEG e o patrocínio entusiástico dos sindicalistas Carlos Fernando Priess, Orlando Pereira, Reinaldo França, Osmar Künh, Usmar Carmelino Pereira, Nilo Reig de Souza, Ayrton de Souza, Manoel Nascimento, Valdevino Vieira Cordeiro, considerados seus fundadores, e da Intersindical.



A criação do Fayal gerou novamente as reações conservadoras costumeiras, que viam na presença de líderes comunistas entre os fundadores uma ameaça à educação da juventude; em especial, os dirigentes da educação católica, os quais se viam duplamente ameaçados: a concorrência com suas

Carlos Fernando Priess durante discurso. Reprodução: Memorial dos 50 anos -Colégio Cenecista Pedro Antônio Fayal. Acervo: Edison D´Ávila. escolas e o sempre temido risco comunista. A propósito, Orlando Pereira, sindicalista fundador, em depoimento dado em 2012, confirmou:

Foi uma luta, sobretudo contra preconceitos de ordem política e ideológica, pois a maioria dos fundadores era composta de românticos comunistas que sonhavam com a 'salvação do mundo' a partir de Itajaí, e nem sempre encontravam respaldo nas suas ações humanistas.

A iniciativa, com estes contratempos, mas com a contribuição financeira de voluntários e algum apoio dos governos federal e estadual, seguiu em frente e se consolidou como uma escola referência da educação de Itajaí.

# A ESQUERDA EM ITAJAÍ: PCB E PTB

PCB: POLÍTICA E CLANDESTINIDADE

Os ideais socialistas e comunistas chegaram a Itajaí através do porto, trazidos por itajaienses embarcados em navios que faziam linhas de fora. Na Europa e nos Estados Unidos, travaram contactos com pessoas, tomaram conhecimento da literatura de esquerda e se identificaram com o socialismo, nos anos da 1ª Guerra Mundial e seguintes. Isto se passou nos tempos de evidência e encanto da Revolução Russa de 1917. Destes pioneiros, foram guardados os nomes de Firmino Rosa (1891/1933), Joaquim Lopes Corrêa (1882/1963), Martinho da Silva (1895/1979), Bernardino Maria de Borba (1890/1950).

Os quatro, ao desembarcarem, retornaram para Itajaí, mas Firmino Rosa logo se mudou para Santos e Rio de Janeiro, onde, em 1922, participou da fundação do Partido Comunista do Brasil e servia como elemento de ligação com o grupo daqui. Joaquim Lopes Corrêa e Bernardino Borba passaram a trabalhar no porto como estivadores, lugar em que as ideias comunistas ganharam adeptos e influência. A participação do









Da esquerda para a direita: Firmino Rosa; Joaquim Lopes Corrêa; Martinho da Silva; Bernardino Borba.

Acervo: FGML/CDMH.

grupo na fundação da Sociedade União Beneficente dos Estivadores de Itajaí, a 5 de março de 1922, que deu origem ao Sindicato dos Estivadores, foi destacada, assim como sua participação nas discussões e ações de luta dos trabalhadores portuários nos anos 20 e 30. Firmino Rosa é citado nas atas de reuniões da União dos Estivadores como aquele que "envia a esta casa jornais que relatam artigos do socialismo moderno [...] e que não mediu esforços para o progresso desta Sociedade, de sua fundação".

Ação do grupo comunista seguiu sem agremiação até a realização do 1º Congresso Proletário de Santa Catarina, acontecido em Itajaí, de 15 a 18 de setembro de 1934, com a participação de representações operárias dos principais municípios catarinenses. O Congresso emergira da necessidade de organização da luta operária frente à radicalização política entre direita e esquerda nos anos de 1930 no Brasil. Do Congresso saiu a diretriz para constituição da Liga dos Trabalhadores, presidida por Joaquim Lopes Corrêa e destinada a ser o instrumento político de participação dos operários nas eleições daquele ano, com vistas à eleição de "deputados classistas", previstos na Constituição de 1934, promulgada com a democratização do governo Vargas. A experiência eleitoral da Liga e dos candidatos a deputado por Itajaí, Joaquim Lopes Corrêa (estivador) e Josué Cláudio de Souza (jornalista), ficou muito aquém das expectativas; apesar dos apelos afervorados do manifesto da Liga: "Irmão do Trabalho! Companheiros humildes de todas as lutas e de todas as misérias, coloca a tua independência ao serviço da tua própria causa".

Em 1935, os comunistas voltaram a se agremiar com outros segmentos progressistas, em especial, trabalhadores da Usina de Açúcar Adelaide e de pequenas indústrias e lançaram em meados do ano o comitê municipal da Aliança Nacional Libertadora/ANL. Dele participavam Joaquim Lopes Corrêa e Martinho da Silva, dentre outros. A ANL foi uma frente única capitaneada pelos comunistas, como "uma grande organização nacional revolucionária capaz de sustentar a luta de massas pela instauração de um governo popular nacional revolucionário em todo o Brasil", conforme manifesto escrito por Luiz Carlos Prestes. A imprensa de direita de Itajaí confundiu a criação do núcleo local da ANL com a fundação do PCB aqui, o que não correspondia à verdade, embora os comunistas estivessem participando ostensivamente das atividades da propaganda aliancista.

Aproscrição da ANL logo depois, em 11 de julho de 1935, jogou na ilegalidade seus militantes. Os comunistas passaram também a viver longo período de clandestinidade, principalmente após o levante comunista de novembro de 1935, ocorrido no Nordeste e no Rio de Janeiro. A dura repressão se estenderia até o ano final da ditadura de Getúlio Vargas.

O retorno dos comunistas às atividades públicas se deu quase ao final da 2ª Guerra Mundial, com a anistia em abril de 1945, quando a ditadura varguista já vivia os seus

estertores. No desfile em comemoração à vitória dos aliados contra os nazistas e fascistas, acontecido na cidade a 8 de maio, Rosa Amândia, filha do comunista histórico Bernardino Borba, desfilou com a bandeira da União Soviética; algo impensável, até pouco tempo atrás.

Com a convocação de eleições em maio daquele mesmo ano, os comunistas de Itajaí organizaram pela primeira vez o seu comitê municipal, que ficou assim composto: Juvêncio José d'Ávila, secretário político; Martinho da Silva, secretário de organização; Carlos de Góes Rebello, secretário de massa sindical; Alberto Büchele, secretário de divulgação; Joaquim Lopes Corrêa, secretário sindical. Entre as atribuições de organização partidária afetas a Martinho da Silva, estava a de tesoureiro, por ser ele funcionário da Empresa Força & Luz Santa Catarina, agência de Itajaí, onde exercia a função de cobrador; daí, quando ia arrecadar a contribuição para o partido, ele metaforicamente e por questão de segurança a chamava de conta da "luz do oriente".

O retorno à legalidade se fez na cidade com o ingresso de novos integrantes que buscaram agir, com propaganda e distribuição de publicações, sobretudo tirando proveito da grande popularidade que tinha a União Soviética, que havia derrotado o exército nazista. Com vistas à eleição presidencial, os comunistas lançaram candidato próprio e às eleições estaduais para a Assembleia Legislativa, foram apresentados pelo PCB de Itajaí dois candidatos: Joaquim Lopes Corrêa e Martinho da Silva. Embora tenham tido um acréscimo no percentual de votos, os comunistas não elegeram nenhum de seus candidatos; em Itajaí e nem em Santa Catarina.

Mas os anos de legalidade outra vez foram curtos, porque já em maio de 1947 o Tribunal Superior Eleitoral cassava o registro do Partido Comunista do Brasil e o Ministro da Justiça mandava encerrar as atividades do partido em todo país. O retorno à clandestinidade fez o grupo comunista de Itajaí novamente minguar, a ponto de, no começo dos anos 50, contar entre seus quadros efetivos menos de dez integrantes.



Itajaí em 1953. Acervo: FGML/CDMH.

O revigoramento da atividade política dos comunistas de Itajaí aconteceu a partir da segunda metade de 1950, quando as contradições do governo JK, que pretendia aliar nacional desenvolvimentismo com incorporação de multinacionais ao processo econômico brasileiro, acentuaram os desajustes econômicos e sociais, a ampliar os movimentos de massa no país por melhores condições de vida. Os comunistas, então, depois de se terem afastado de participação na vida sindical, por deliberação partidária, tomavam por diretriz agora integrar as direções dos sindicatos e participar dos movimentos sociais com intensidade.

O Comitê Municipal do PCB, que se reorganizou naqueles anos de 1950, tinha Léo Machado como secretário político; Martinho da Silva, secretário de organização; Nahor José Cardoso, secretário de massa sindical; Alberto Büchele, secretário de divulgação; José Adil de Lima, secretário sindical. O recrutamento de novos quadros renovara o partido para os desafios políticos dos anos agitados que estavam por vir. Na falta de legalidade para o PCB, muitos de seus quadros se inscreveram no PTB, como aconteceu com Carlos Fernando Priess e José Adil de Lima. Aliás, o próprio Luiz Carlos Prestes, na sua famosa entrevista à TV Tupi, em 31 de janeiro de 1964, apoiaria a união de petebistas e comunistas em favor de um governo de esquerda.



José Adil de Lima. Reprodução do Jornal do Povo, 07 de setembro de 1958, p. 7. Acervo: FGML/CDMH.

A diretriz partidária de buscar a unidade do movimento sindical se concretizou durante o 2º Congresso Estadual de Trabalhadores, realizado em Itajaí, em 1958, quando, por indicativo dos sindicalistas comunistas Léo Machado, Carlos Fernando Priess, José Adil de Lima e José de Mattos Dultra (Bahia), fora aprovada a criação da União Intersindical dos Trabalhadores de Itajaí. Neste mesmo ano, o partido participou ativamente do movimento popular contra a carestia, outro indicativo partidário, que se concretizou no protesto popular da noite de 19 de novembro de 1958 contra o aumento do preço da carne verde; em que houve apedrejamento do prédio da Prefeitura e tentativa de invasão do armazém da Casa Vitória. Na chamada "Noite do quebra-quebra", a polícia atirou contra os populares, matando o operário Bruno Silva, de que os comunistas foram injustamente acusados.

Os anos finais do governo Juscelino Kubitschek, quando o PCB passou a gozar de uma semi-legalidade, não sendo mais incomodado pela polícia, foram de florescimento das atividades partidárias em Itajaí. Quadros do partido assumiram a presidência de sindicatos (Carlos Fernando Priess, no Sindicato dos Corretores de Seguros; Nahor José Cardoso, no Sindicato dos Bancários; Getúlio Manoel dos Santos, no Sindicato dos Metalúrgicos) e participação em associações de trabalhadores

(Sociedade Beneficente dos Trabalhadores, Intersindical), onde era possível então desenvolver ampla atividade política e social.

A chegada de João Goulart à presidência da República em 1961 marcaria o auge da participação dos comunistas nas atividades políticas, sindicais e sociais da cidade de Itajaí. Com a ida de Léo Machado para o Rio de Janeiro em 1960, a direção do Comitê Municipal do PCB itajaiense passara a José Adil de Lima. Malgrado as divergências do PCB nacional com o modo de agir político de Jango, a nível local os comunistas se articulavam muito bem com os sindicalistas janguistas e com os políticos do PTB que apoiavam o Presidente da República. Como metas políticas, os comunistas queriam a legalização do PCB e as Reformas de Base; e, no campo das lutas operárias, apoiaram e participaram de todos os movimentos e greves por melhores salários, liberdade e autonomia sindical, previdência social, legislação do trabalho, seguro e acidente do trabalho; enfim, melhoria das condições de vida e do trabalho da classe operária.

A retórica comunista, assim como a de toda a esquerda daquela época, era implacável com seus adversários. A direita, por sua vez, construiu contra os comunistas e esquerdistas um rol de acusações que os apresentava como inimigos da democracia, da religião, da família e do Brasil. Ambos os lados para se acusarem usavam os argumentos radicais daqueles tempos da Guerra Fria, em que o mundo fora dividido



Itajaí, vista parcial, 1953. Acervo: FGML/CDMH.

entre dois pólos irreconciliáveis: o mundo capitalista e o mundo comunista. Desse modo, a direita, assustada com o discurso e a desenvoltura da esquerda, nunca quis ver, na motivação dos comunistas por mudar a sociedade, o sentimento humanista e de solidariedade social que os impulsionava, mas preferia taxá-los de inimigos sociais.

Ao romper o ano de 1964, os comunistas e os sindicalistas de quem eram aliados, apesar do clima político e econômico brasileiro bastante deteriorado, achavam-se estar a cavaleiro da situação e próximos de implantar um governo nacional de esquerda. Esta percepção equivocada, os comunistas e sindicalistas de esquerda daqui a tiveram também, assim como não compreenderam a realidade de Itajaí, uma cidade de porte médio, à época com forte influência da Igreja e predominância da classe média,

apreensiva com relação ao futuro, onde a pregação das ideias de mudanças abruptas não encontrava eco. Os trabalhadores, por sua vez, para quem se destinava a pregação comunista em especial, cresciam em número, mas não tinham ainda unidade política, nem força suficiente para resistir à repressão, se viesse. Esta realidade só foi percebida pelos comunistas e líderes sindicais de esquerda em abril de 1964.

PTB: DO CENTRO PARA A ESQUERDA

O Partido Trabalhista Brasileiro/PTB deveu sua criação a Getúlio Vargas, no final do Estado Novo, quando pensou num partido político que atraísse a classe trabalhadora urbana vinculada aos sindicatos criados a partir dos anos de 1930. O trabalhismo seria também um anteparo político à influência comunista no meio operário, imaginou Vargas.

Osmar Carmelino Pereira;

Carlos Fernando Priess; João Goulart; Ayrton de Souza -1961. Acervo: Edison D'Ávila.

O PTB em Itajaí foi organizado por Aníbal Cesar, Jayme Fernandes Vieira, Camilo Mussi, Osvaldo Dutra, Esperidião Silva, Vicente Tito Filomeno, Aloísio Reiser e outros getulistas e participou das eleições municipais de 1947 com candidatos próprios. Mas foi com a adesão de Abdon Fóes, getulista que abandonara ressentido o PSD depois das eleições municipais de 1947, que o partido ganhou musculatura e passou a ter presença significativa no panorama político da cidade. Abdon Fóes, a partir de sua chegada ao PTB, tornou-se seu presidente e, enquanto imprimia-lhe sua marca pessoal de moderação, expressava apoio político incondicional a Getúlio Vargas e João Goulart. Ao longo dos anos, o PTB se transformou na terceira força da política da cidade, sendo assediado a cada eleição, tanto pelo PSD, quanto pela UDN, mas quase sempre se coligou com pessedistas.

A posse de João Goulart na presidência da República fortaleceu o PTB em todo o Brasil; inclusive, em Itajaí, onde nas eleições municipais de 1962 o partido elegeu três vereadores, tendo depois recebido a adesão de mais um, Dalmo Vieira, que fora eleito pelo Movimento Trabalhista Renovador em coligação com a UDN.

Também a ação do partido se tornaria mais intensa e seu discurso político, mais inflamado naqueles anos de 1960, já denotando a gradual absorção da prática e da linguagem de esquerda. O partido tinha um programa semanal na Rádio Clube de Itajaí, que tratava de orientar e doutrinar sobre teses do trabalhismo, de modo a mostrar o que o PTB pretendia realizar em benefício do trabalhador, do qual participavam principalmente os vereadores mais combativos e os sindicalistas de esquerda.

O PTB de Itajaí, sob a presidência de Abdon Fóes, nunca fez restrições ao ingresso de comunistas ou de sindicalistas de esquerda em seu quadros; nem lhes apôs quaisquer reparos ao trabalho político em favor da legalização do Partido Comunista, das Reformas de Base do governo João Goulart e às lutas sindicais. José Adil de Lima, líder do Comitê Municipal do PCB, inclusivamente, foi candidato a vereador pelo PTB em 1962.

O trabalhismo itajaiense, a funcionar quase como uma frente de esquerda e muito ligado aos atuantes líderes sindicais da cidade, tinha vínculos bastante próximos com líderes nacionais como Doutel de Andrade e o presidente João Goulart. Os trabalhistas daqui, envolvidos na euforia do crescimento partidário e com os apoios políticos que recebiam, surpreenderam-se com os acontecimentos de abril de 1964 e depois com a repressão que sofreriam por conta da proximidade com os comunistas e esquerdistas dos sindicatos.

Esta história, de caminhar do centro para a esquerda, o Jornal do Povo buscaria embaralhar no artigo de fundo que publicou em 2 de maio de 1964 com o título "A Triste Sina do PTB". Aí se reafirmava que o partido fora fundado por Getúlio Vargas justamente para combater o comunismo, mas porque o PTB fosse o único partido em que "os operários poderiam se abrigar seguros de que seus direitos seriam ali sempre defendidos" e porque os comunistas não dispusessem de uma agremiação, eles se infiltraram no partido, porque ele era muito vinculado à classe trabalhadora. Esta fora, segundo o arrazoado do artigo, a "triste sina" do trabalhismo; como se o ingresso de comunistas no PTB tivesse sido à revelia do partido. Evidentemente, uma forma de se limpar a barra de dirigentes partidários locais frente à nova situação política nacional.

# A CIDADE NOS DIAS DO GOLPE MILITAR

A cidade de Itajaí tomou conhecimento da movimentação das tropas do general Mourão Filho, rebeladas contra o governo João Goulart, na manhã de 31 de março de 1964. O noticiário mais disponível era o das emissoras de rádio; os jornais tinham circulação muito restrita.

Ainda naquela manhã, trabalhadores e dirigentes da União Intersindical se reuniram na sede do Sindicato da Estiva para discutir a situação e tirar diretrizes de ação. A reunião foi calorosa com oradores inflamados a discursar em defesa do governo de Jango, contra militares golpistas e a favor da greve geral de solidariedade ao presidente da República. O restante daquele dia tenso os líderes sindicais e de esquerda ocuparam em acompanhar o noticiário pelo rádio e a preparar a greve geral do dia 1º de abril, com manifestações na porta de algumas firmas e indústrias para anúncio da paralisação e críticas à ação militar. Em uma destas manifestações, houve até altercação com o dono de firma madeireira.

As autoridades civis e militares da cidade, por sua vez, ao que parece, permaneciam caladas nesse primeiro dia. Entre a população, aqueles de esquerda tinham certeza de que o movimento militar seria esmagado pelo decantado esquema militar do presidente João Goulart e os de direita a tudo espreitavam tensos e temerosos por não saber o que aconteceria.

Partidos políticos locais logo lançaram manifesto. O PTB manifestou-se nos termos seguintes, a demonstrar disposição de enfrentar a ação dos militares rebelados, com movimento de trabalhadores e do povo na rua em defesa do presidente da República.

O Partido Trabalhista Brasileiro, reunido nesta data para analisar a gravidade da situação nacional e o momento histórico e decisivo que atravessa o nosso país, vem através deste manifesto convocar os trabalhadores, lavradores, estudantes e o povo de Itajaí, para a luta que ora se inicia em defesa da verdadeira democracia e da Constituição da República, da democracia do povo contra o anti-povo; da democracia do explorado contra o explorador; da democracia do camponês contra o latifundiário; da democracia da fome contra o imperialismo estrangeiro. Conclamamos, pois, os trabalhadores e o povo de Itajaí para uma união patriótica, humana e cristã pela luta de libertação nacional representada neste momento pela bandeira empunhada pelo nosso presidente João Goulart, em defesa da Justiça Social, da Constituição, da Liberdade e da sobrevivência do povo brasileiro.

O manifesto da UDN, de seguinte teor, em linguagem ambígua porque as notícias sobre o movimento militar eram desencontradas, por sua vez falava genericamente do apoio aos poderes constituídos, mas insistia na manutenção da ordem, contra qualquer alteração do ritmo das atividades; isto é, contra a greve decretada pelos líderes sindicais de esquerda e seus discursos inflamados, que via como intimidação.

O Diretório Municipal da União Democrática Nacional, representando os anseios de paz da família itajaiense, deliberou dirigir ao povo em geral o seguinte manifesto: Em face da tumultuada situação nacional com a onda de desencontradas notícias alarmantes e considerando a necessidade de calma e serenidade em todos os setores de atividades, CONCLAMAMOS a população itajaiense a manterse em serenidade, não alterando o ritmo de suas atividades e a evitar reuniões e grupamentos prejudiciais à ordem. A família, célula mater da comunidade, não deve ser atingida pela intimidação dos boatos alarmistas. Razão porque os homens de bem devem congregar-se no sentido de que a ordem e conseqüente

bem estar não seja alterada no seio dos lares. Alguns fatos, em evidência, não devem em hipótese alguma influir no comportamento da nossa gente, que deve ocupar-se da preservação de suas tradições de trabalho e ordem em apoio aos poderes constituídos.

Os pessedistas preferiram não se manifestar publicamente, já que o PSD estadual ficara calado.

A tensão dos acontecimentos se estendeu para o dia 1º de abril. Os líderes sindicais fizeram uma passeata pela Rua Hercílio Luz, distribuindo manifesto, com cartazes e palavras de ordem contra o movimento militar e a favor de Jango. A adesão ao protesto foi pequena, assim como à greve que praticamente se circunscreveu aos trabalhadores do porto de Itajaí. A greve no porto mais se deveu à prisão do presidente do Sindicato dos Estivadores, José dos Santos Bernardes, o Zé do Urso, no Rio de Janeiro, onde se encontrava em reunião na sede do CGT. Quando o sindicalista foi localizado, graças à intermediação do senador Antônio Carlos Konder Reis, por solicitação de autoridades e sindicalistas de Itajaí, a greve findou. Houve pouco eco das manifestações entre a população.

A Câmara de Vereadores se constitui na primeira autoridade do município cuja manifestação sobre os acontecimentos é conhecida, porque na ausência de registros nos jornais se desconhece como procederam nos dias 31 de março e 1º de abril o executivo municipal e autoridades militares e policiais de Itajaí. A Câmara Municipal se reuniu extraordinariamente na manhã de 1º de abril e tomou a decisão de seguir convocada em caráter permanente, "em face da situação política que atravessa o país no momento em que as forças armadas divergiram da política do governo federal", conforme se lê na ata da sessão.

Dalmo Vieira.



Nessa sessão, posta a palavra à disposição dos doze vereadores presentes, o vereador Dalmo Vieira, impulsivo líder do PTB, logo propôs o envio de um exaltado telegrama de solidariedade ao presidente da República. A proposta mereceu a aprovação, com emenda moderadora do líder do PSD, José Palmeira Neto, e discurso preventivo do vereador Américo Meinicke, da UDN, que sugeriu aguardar-se o desenrolar dos fatos para depois transmitir o citado telegrama. O presidente da Câmara, Acyr da Silva, ainda solicitou ao vereador Ayrton de Souza, do PTB e presidente de sindicato, que prestasse esclarecimentos à casa sobre a greve convocada para esse dia.

Dá-se a perceber da leitura da ata da sessão, da manhã do dia 1º de abril, que os vereadores não tinham clareza da marcha dos acontecimentos no Rio de Janeiro e em São Paulo e para onde pendera a maioria dos comandantes "das forças armadas que divergiam da política do governo federal". Os vereadores acreditavam na força militar e política do presidente da República e lhe prestaram solidariedade, contando com a derrota dos rebelados. Na verdade, fora no final da manhã desse dia 1º de abril que os acontecimentos se precipitaram em desfavor de Jango. A partir daí, os vereadores não mais tratariam da sorte do governo Goulart, do destino dos líderes sindicais e do movimento grevista, quando voltaram a se reunir sete dias depois.

Na manhã do dia 2 de abril, ante a notícia de que a deposição de Jango se consumara, autoridades civis e militares de Itajaí, a saber, prefeito municipal Eduardo Solon Cabral Canziani; delegado da Capitania dos Portos, delegado regional de polícia, vereadores e outras autoridades reuniam-se na Prefeitura Municipal para tomar conhecimento das últimas notícias, fazer contacto com a Casa Civil do Governo de Santa Catarina e traçar um trabalho conjunto de garantia da ordem pública na cidade. Nas declarações prestadas à imprensa, aquelas autoridades informaram que na cidade e no Estado a situação era de "inteira calma". Já nesse dia, chegou a Itajaí uma Companhia do 23º Regimento de Infantaria, que se deslocara de Blumenau, sob o comando do Capitão Osmar Jacobsen, para ocupar locais estratégicos, como o porto e as entradas da cidade. A ocupação militar de Itajaí se devera a sua situação estratégica, como um dos principais portos do Estado, mas também por causa da atuação política das esquerdas locais; naquilo que o exagero de alguns chegara a considerar a cidade como uma "moscouzinho". Já era também prenúncio das ações repressivas que logo viriam.

As vozes conservadoras da cidade se fizeram afinal ouvidas, assim que a situação político-militar se definiu. Olindor Ribeiro de Camargo, seu principal porta-voz, diretor da Rádio Difusora de Itajaí e apresentador diário da crônica "Janela Indiscreta", na crônica de título "Minha Cidade Bonita", anunciou satisfeito e distenso:

O sol voltou a brilhar depois que se manteve escondido por durante quarenta e oito horas. Eu me congratulo com você, Itajaí, pela calma e serenidade conservadas em benefício da ordem, apesar da gravidade das horas vividas...

Abraço espiritualmente através desta visita, a todos os lares, a cada um chefe de família, ordeiro e trabalhador, que não suspendeu seus afazeres e não se impressionou com a onda de intimidação... Não há invasores, não há inimigos e não há combates. Por isso reina calma e paz nas ruas da cidade.

A metáfora do sol escondido por quarenta e oito horas comprova o quanto os dias 31 de março e 1º de abril foram dramáticos, tanto para a direita quanto para a esquerda.

A força militar do Exército, que tomou conta da cidade, somou-se ao contingente da Marinha e ao da Polícia Civil. A maior autoridade no município e região, em questões de segurança e ordem pública, passou a ser o delegado da Capitania dos Portos, Capitão-de-Corveta Sérgio Lima Ypiranga dos Guaranys. A ele cabiam agora as decisões como maior autoridade militar; dele emanavam as ordens, cumpridas pelo efetivo do Exército sob o comando do Capitão Jacobsen ou pela Polícia Civil, sob a direção do delegado regional Arnaldo Martins Xavier. Instalou-se, portanto, em Itajaí, nos dias seguintes ao golpe também um tempo de exceção, não necessariamente de calma e de paz para todos. Dias que o jornalista Francisco Rangel, na sua crônica "Escrevendo Alguma Coisa", do jornal A Nação, de 4 de abril, chamou "de medo, de insegurança e apreensões".

## A CIDADE NOS DIAS SEGUINTES

Prisões e Temores

Se a situação na cidade era de "inteira calma", como haviam declarado as autoridades militares e civis responsáveis pela ordem e segurança pública, por que foram desencadeadas prisões de líderes sindicais e de esquerda e feitas intervenções em sindicatos e organizações em que eles tinham presença? Itajaí verdadeiramente se

mantivera calma o tempo todo. Só resta uma explicação. As ações repressivas de um lado se constituíram numa revanche contra a esquerda, que precisava ser anulada; de outro, foram fruto da crença em boatos de que os líderes sindicais e de esquerda dispunham de armas e que estariam articulados para uma reação.

A própria imprensa disseminou esses boatos. O jornal A Nação, edição de Itajaí, por exemplo, em 9 de abril informava: "As autoridades policiais e militares seguem se movimentando visando deter maior número de pessoas, ou ligadas a um movimento subversivo que deveria ocorrer ou então de tendências esquerdistas". Mais adiante, a matéria continuava



Cap. Sérgio Lima Ypiranga dos Guaranis. Acervo: Edison D'Ávila.

com esta nota final e incrível: "ÁRVORES & NOMES Segundo consta muitas das árvores das praças itajaienses já teriam nomes. Caso o movimento da esquerda fosse vitorioso, comenta-se, muitas pessoas seriam vítimas dos vencedores." Custa crer que jornalistas sérios acreditassem em tamanhos disparates, mas eles compuseram o imaginário de muitas pessoas naqueles tempos radicais e se prestaram para justificar arbitrariedades. Ainda mais que os fuzilamentos levados a cabo por castristas em Cuba, a cerca de quatro anos atrás, ainda estavam vivos na lembrança de muitos.

As prisões começaram a acontecer a partir do dia 3 de abril e visaram a líderes sindicais de esquerda e membros do Partido Comunista Brasileiro. Os primeiros presos políticos foram levados à Delegacia Regional de Polícia. Mas, como o número deles cresceu com o passar dos dias, foi preciso requisitar uma ala da enfermaria do Hospital e Maternidade Marieta Konder Bornhausen para recolhê-los presos. Não se conhece uma relação completa dos presos políticos daquele período. No entanto, dos registros da imprensa e da memória de presos e seus familiares foi possível compor a seguinte lista: Nahor José Cardoso (presidente do Sindicato dos Bancários e comunista), Sérgio Martins Lemos (presidente do Sindicato da Construção Civil), Deodato Siebiack Fernandes (Gerente da Cacex/Banco do Brasil e comunista), Anildo Luchetta (bancário e simpatizante comunista), Dr. Dirceu de Senna Madureira (médico da Sociedade Beneficente dos Trabalhadores), Maurício de Senna Madureira (diretor do Ginásio Pedro A. Fayal), José de Mattos Dultra (o Bahia, marítimo aposentado e comunista), Valdevino Vieira Cordeiro (presidente do Sindicato dos Conferentes, da Intersindical e da Sociedade Beneficente dos Trabalhadores), José dos Santos Bernardes (Zé do Urso, presidente dos Sindicato dos Estivadores, preso no Rio de Janeiro e depois transferido para Itajaí), Josué Cardoso (representante comercial e comunista), Everaldo Brodebeck (securitário e comunista), Joel de Castro Fernandes (ex-pracinha e comunista), Carlos Vogel (metalúrgico e comunista), Nely Cauduro



Delegado Regional de Polícia, Anacleto Martins Xavier. Acervo: Edison D´Ávila.

Picolli (dentista e simpatizante comunista), José Adil de Lima (líder sindical comunista), Edésio Ferreira (escriturário de firma madeireira e comunista), Alberto Büchele (ferroviário e comunista), Carlos Fernando Priess (presidente do Sindicato dos Corretores de Seguros e comunista), Armando Nicollazzi (administrador do Porto de Itajaí e simpatizante comunista), Nilson Gondim (gerente da Caixa Econômica Federal e simpatizante comunista), Getúlio Manoel dos Santos (presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e comunista), Valdeci de Souza (Tesoureiro do Sindicato dos Metalúrgicos). O veterano comunista Martinho da Silva, de 69 anos, por intercessão do deputado Nilton Kucker e do jornalista Silveira Júnior junto ao Delegado da Capitania dos Portos, foi posto em prisão domiciliar.

Quando as prisões começaram a acontecer, alguns sindicalistas e líderes de esquerda buscaram se resguardar; contudo, em vão. Alguns foram presos em casa, como Anildo Luchetta e José Adil de Lima, na frente da família; outros, ainda, entregaram-se espontaneamente, como Alberto Büchele e Carlos Fernando Priess. Sobre a prisão de Priess, ele mesmo escreveu este depoimento.

No dia 8 de abril de 1964, escutando pelo rádio, que meus companheiros estavam sendo presos, resolvi também me entregar. Pedi para minha mãe e minha mulher para convidarem o Dr. Afonso Celso Liberato e o Dr. Dalmo Vieira, para chegarem na casa de minha mãe, ao lado da minha, onde me encontrava. Eles foram e levaram um susto, pois diziam que a maioria se encontrava numa mata preparando uma guerrilha. Loucura da época, naturalmente. Eles prontamente aceitaram em me levar na Capitania dos Portos. Perguntou o Capitão Sérgio Ypiranga Guaranys: por que cheguei acompanhado? Prontamente, o Dr. Afonso foi quem respondeu: Estamos entregando o Priess, vivo e são. Sou um médico e o Dr. Dalmo, advogado. Fiquei com essa dívida para com os dois. Demonstraram coragem e amizade.

À imprensa, as autoridades militares apresentaram três razões básicas para as prisões políticas que estavam sendo feitas: evitar perturbações da ordem pública criadas por aqueles que orientavam massas trabalhadoras; proteger líderes esquerdistas da própria população, que poderia ser levada a atos de violência; e conhecer o pensamento dos detidos para soltá-los imediatamente, desde que se comprometessem à observância da ordem e a não praticar qualquer agitação. Com certeza, eram razões arranjadas para aquele momento de temores exacerbados e arbítrios despropositados.

Também por militares e polícia foram realizadas buscas com invasão das casas de presos políticos, em especial daqueles notoriamente ligados ao Partido Comunista, como Alberto Büchele e Carlos Fernando Priess. Na casa de Büchele, a polícia fez procura até dentro do piano da família e, na residência de Priess, foram arrancadas tábuas do assoalho da casa na busca de armas e material subversivo em pretensos esconderijos secretos.

Enquanto as prisões e buscas ocorriam, o Delegado da Capitania dos Portos, a "manu militari", destituía as direções de sindicatos, da Sociedade Beneficente dos Trabalhadores "Santa Catarina" e do Ginásio Pedro Antônio Fayal, estes considerados "aparelhos" do PCB e focos de subversão, nomeando para dirigi-los Juntas Governativas. Tiveram suas diretorias destituídas os sindicatos dos Estivadores, dos Conferentes, dos Bancários, dos Corretores de Seguros, dos Metalúrgicos e da Construção Civil, sob a alegação de que eram comunistas ou atreladas à esquerda brasileira.

As autoridades militares demonstraram então uma extrema repulsa àqueles ex-dirigentes sindicais e não lhes poupavam críticas e acusações severas. O Capitão

dos Portos e Delegado do Trabalho Marítimo em Santa Catarina, Capitão-de-Mare-Guerra Paulo Antoniolli e o Delegado da Capitania dos Portos em Itajaí, em 1º de maio, divulgaram o "Comunicado à Imprensa Nº 06/64", em que chamavam os sindicalistas depostos de "ex-ditadores sindicais", integrantes de "diretorias vermelhas, meras delegações das cúpulas bolchevistas do ex-todo-poderoso CGT"; razão pela qual se congratulavam com os trabalhadores "pela libertação conseguida com a vitória da Revolução Democrática, da opressão que inúmeros deles sofriam de diretorias comunistas de certos sindicatos". Todo o extenso comunicado explica porque a mão forte do Estado Militar caíra sobre a cúpula do sindicalismo de esquerda de Itajaí: dali para frente o pensamento de esquerda era visto como anátema.

A Câmara Municipal, que se declarara em reunião permanente desde 1º de abril, voltava a se reunir no dia 9, "especialmente para discutir a situação nacional". O Vereador Dalmo Vieira, por carta, pedira a transferência da sessão para outra data, mas seu requerimento foi rejeitado. A sessão continuou com sete vereadores do PSD, UDN e PTB tecendo elogios à "ação dos militares e democratas" por ocasião dos recentes acontecimentos nacionais. Por fim, foi aprovado o envio de telegramas de apoio e congratulações ao Presidente Ranieri Mazzilli, aos Ministros Militares, a diversas outras autoridades federais e estaduais, ao comandante do 23º Regimento de Infantaria, ao Delegado da Capitania dos Portos, ao Capitão Jacobsen e às emissoras de Rádio e ao jornal A Nação de apoio à Passeata da Família com Deus Pela Liberdade.

O Poder Legislativo Municipal aderira, portanto, à nova ordem política implantada e seria posto à prova algumas semanas depois. No dia 28 de abril, o Presidente do Legislativo recebeu correspondência do Comissário de Polícia, Lourenço Caliri, na qual eram solicitadas cópias do ofício pelo qual, em maio do ano anterior, a Câmara convidara o então Deputado Federal Leonel Brizola para fazer uma conferência no seu Salão Nobre e do telegrama, na versão original, sem a emenda moderadora, que no dia 1º de abril fora encaminhada a solidariedade dos edis ao então Presidente João Goulart, ambos por proposta do Vereador Dalmo Vieira. Na sessão desse dia, então, armou-se enorme confusão porque todos logo entenderam aonde a polícia queria chegar e o presidente confessou que "o assunto era sumamente delicado, na atual situação política do país". Alguns vereadores não queriam deliberar, pretendendo deixar a decisão à presidência. Mas o próprio Vereador Dalmo Vieira concordou que se fornecessem os documentos à polícia; as lideranças de bancada "democraticamente consideraram questão aberta" e o pedido da polícia foi atendido por unanimidade. Sete dias depois, o presidente da Câmara de Vereadores leu em plenário ofício do Delegado da Capitania do Porto, dando conhecimento de que fora preso, em caráter político, o Vereador Dalmo Vieira.

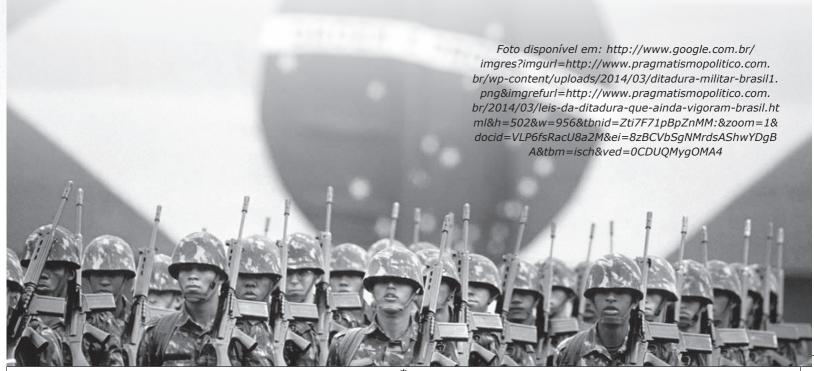
A prisão do vereador, único preso político itajaiense com mandato eletivo, mereceria duas manifestações no plenário da Câmara Municipal. O Vereador Ayrton

de Souza, do PTB, líder sindical, fez sentir seu pesar e teceu considerações sobre a vida profissional do advogado Dalmo Vieira; já o líder do PSD, Vereador José Palmeira Neto, apresentou um relato da personalidade e do modo de agir do vereador preso; quem sabe a querer dizer que tudo se devera aos modos afoitos do vereador. A prisão política do Vereador Dalmo Vieira não completou um mês, pois em 27 de maio ele já compareceria à sessão da Câmara Municipal; não se lhe revogando o mandato eletivo. Nem ele, nem nenhum outro vereador teceu mais consideração alguma sobre o episódio da prisão; pôs-se uma pedra em cima.

REVOLUÇÃO: MILITARES E TAMBÉM CIVIS

O movimento militar, logo chamado de "Revolução de 31 de Março", teve na imprensa local da época sua principal apoiadora. As rádios Difusora e Clube, assim como o jornal A Nação, da cadeia dos Diários Associados, fizeram-se entusiásticos apoiadores, enquanto o Jornal do Povo se autocensurava.

Coube às rádios e aos jornais A Nação e Jornal do Povo, por exemplo, encomendar missa de ação de graças pela vitória do movimento militar, para a qual se convidou autoridades e toda a população. Também foram as mesmas emissoras de rádios e jornais que promoveram em 14 de abril a edição itajaiense da "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", que reuniu cerca de 30.000 pessoas na caminhada pelas ruas centrais de Itajaí, de acordo com a notícia da imprensa. Durante a Marcha, discursaram a poetisa Ester Laus Bayer, da Rádio Clube, representante dos meios de comunicação; Drª Geni de Souza Liberato, representante da mulher; Arno Cugnier, em nome dos homens da Liga Católica; o médico Juarez Queirós Campos, representante dos profissionais liberais; Dr. Eduardo Santos Lins, representando o empresariado; Padre Hilton Rovere, em nome da Igreja Católica; Luiz Borini, líder



evangélico da Assembléia de Deus; Prefeito Eduardo Solon Cabral Canziani, em nome das autoridades municipais. Todos expressaram a crença nos princípios democráticos, repudiaram o comunismo ateu e elogiaram as Forças Armadas. É difícil não considerar o grande apoio que naquele momento teve o movimento militar em Itajaí, assim como no resto do país. A Marcha fora bem uma demonstração de que parte significativa da população se sentia aliviada com o fim das tensões de um governo isolado e assediado pela esquerda, e esperava um novo tempo melhor; embora não se soubesse ainda para onde se caminhava.

Outros exemplos a manifestar apoios. Cerca de trinta dias após o término do movimento militar, o Rotary Clube de Itajaí, que reunia líderes políticos, empreendedores e profissionais liberais da cidade, dentre outros, em reunião de costume, na quarta-feira, prestou homenagem às Forças Armadas, na ocasião representadas pelo Delegado da Capitania dos Portos, Capitão-de-Corveta Sérgio Lima Ypiranga dos Guaranys. O orador principal foi o rotariano e ex-prefeito Paulo Bauer, que enalteceu a atuação dos militares na "salvaguarda do regime democrático" e o Capitão Guaranys falou da responsabilidade que pesava sobre os ombros de todos os que integravam as Forças Armadas naquela conjuntura, dizendo da necessidade de os homens de bem se unirem em benefício do país. Ao final, o empresário Guido Miranda, presidente do Clube, brindou o militar homenageado que foi aplaudido com vibração. A Junta Governativa que assumiu a direção do Ginásio Pedro Antônio Fayal, após a intervenção determinada pelas autoridades militares, fora composta por Nivaldo Detoie, Alberto Bernardes e Milton Tolentino. Todos eles, destacados líderes maçônicos da cidade, o que deixa entrever o apoio pelo menos tácito da organização a que pertenciam à ação dos militares.

A imprensa local não questionou a quebra da legalidade constitucional e as prisões políticas. O Jornal do Povo, porta-voz do PTB, partido que tinha presos membros do seu diretório municipal, nada noticiava; apenas em 18 de abril, sob a chamada "Liberdade para os inocentes", repercutiu uma nota dos bispos nordestinos preocupados com prisões sem aparentes culpas.

Enfim, não houve instituição da sociedade civil organizada de Itajaí que se contrapusesse à maré montante do anticomunismo e da força militar, que se apresentava como "salvação nacional".

# QUATRO MULHERES E UM DESTINO

Dias, semanas e meses se passavam sem que a situação dos presos políticos de Itajaí tivesse solução. A imprensa se limitava a informar que as autoridades policiais, militares e da marinha "estão dispensando aos presos um tratamento especial conforme manda a lei de prisões políticas". Mas o Código da Justiça Militar previa o prazo

máximo de 50 dias para aquelas prisões.

Por outro lado, presos de Itajaí haviam sido transferidos para Florianópolis, ficando detidos na Penitenciária do Estado. Vários que aqui ficaram ainda não tinham sido ouvidos pelo Tenente Danilo Vieira Martins, encarregado do IPM/Inquérito Policial Militar, instaurado para apurar os imputados crimes políticos. Tanto tempo e as famílias dos presos políticos se afligiam; algumas já em situação financeira de sérias dificuldades. Mulheres de presos políticos indagavam do Delegado da Capitania dos Portos e do Tenente Martins, mas não obtinham respostas. Foi quando Hilda Gonzaga Büchele, esposa de Alberto Büchele; Irene Rosa Priess, esposa de Carlos Fernando Priess; Agília Balland Cardoso, esposa de Nahor

Foto: Alessandra Lobo-Curitiba/PR.

José Cardoso, e Rosa Cordeiro, esposa de Valdevino Vieira Cordeiro, tomaram uma decisão inaudita. Iriam até o Comandante da 5ª Região Militar, em Curitiba, com um destino: reclamar a libertação de seus maridos. A viagem, fariam num velho jeep e dirigido por um cunhado de Hilda. Na noite anterior à viagem, o Deputado Nilton Kucker, num gesto de solidariedade, raro naquela época, apresentou-se com seu automóvel e o ofereceu, porque, segundo ele, não era possível que quatro mulheres, estando uma grávida, viajassem num desconfortável jeep. As quatro mulheres saíram de Itajaí a uma hora da madrugada. Numa viagem pela antiga estrada de barro, em que pneus furaram por quatro vezes, chegaram a Curitiba pelas nove horas da manhã. Para a audiência com o General Comandante, elas não deixaram de combinar entre si um mise-en-scène. As professoras Hilda e Agília deveriam ser as porta-vozes, enquanto Irene, grávida, deveria expor convenientemente seu estado de gravidez adiantada e Rosa, muito emotiva, lamentar-se-ia em choro sentido. A chegada inesperada de quatro mulheres de presos políticos à sede da 5ª Região Militar, logo cedo, a querer falar com o Comandante, causou frisson nas antessalas dos gabinetes militares. Todavia, elas foram bem atendidas enquanto se aguardava a chegada do General Dario Coelho. Este, ao chegar, logo as atendeu e quis saber a razão de elas estarem ali, de tão longe. Ouviu com atenção os questionamentos firmemente expostos pelas professoras Hilda e Agília, mostrou-se contrariado com a situação por elas descrita, concordando que os presos de Itajaí não deveriam mais estar detidos; ele fez contactos telefônicos na hora. Ao final, garantiu que todos seriam imediatamente soltos; depois, despediu-se gentilmente delas, não deixando de consolar dona Rosa que ainda soluçava. O fato é que, ao chegar de volta, algumas delas já encontraram em liberdade os maridos; outras os tiveram libertados no dia seguinte; tantos os detidos em Itajaí, quanto os que estavam presos em Florianópolis.

LIBERDADE, MESMO TARDIA

Era 14 de junho, quando o jornal A Nação noticiou: "Presos Políticos foram Postos em Liberdade", e continuava a notícia:

O Tenente Danilo Vieira Martins, que em nossa cidade presidiu o IPM, terminou ontem o seu trabalho retornando ao seu batalhão de origem, 23° R.I. de Blumenau. Falando a nossa reportagem, ao comunicar ter completado seu trabalho, o Tenente Martins declarou que todos os prisioneiros políticos detidos em nossa cidade foram postos em liberdade, sendo que alguns deles continuam respondendo pelo respectivo processo, que foi instaurado a fim de apurar atividades subversivas e participações em movimentos ideológicos contrários aos princípios democráticos.

As atividades subversivas sindicadas nos interrogatórios levados a efeito com os presos, conforme constam dos autos dos inquéritos, versavam sobre acusações de propaganda desenvolvida por eles para modificar a ordem social e política pretensamente por meios violentos; de incitação às classes sociais à luta pela violência; de instigação de trabalhadores à greve. A participação em movimentos ideológicos contrários aos princípios democráticos queria dizer no Partido Comunista. Contra alguns dos indiciados, como Valdevino Vieira Cordeiro, foram levantadas acusações de responsabilidade nos episódios da "Noite do Quebra-Quebra", em 19 de novembro de 1958, fazendo remontar a inquirição a fatos antigos da vida sindical da cidade, com o objetivo de a alguns mais incriminar.

Depois, à boca pequena, os presos que estiveram em Florianópolis começaram a relatar primeiramente a familiares a tortura que sofreram nas mãos dos militares. Não no recinto da Penitenciária do Estado, em locais para onde eram levados a sessões de tormentos físicos e morais, cujo objetivo não fora arrancar-lhes confissão alguma, mas tão só humilhá-los e fazê-los sofrer. Priess, que sofreu tortura, confirmou categórico: "Muitos morreram depois em função disso; afetou o sistema nervoso, foi um drama sério". De modo semelhante, sofreram as famílias dos presos políticos. Houve discriminações e assédio moral no meio social, no espaço escolar e de trabalho para mulheres, filhos, pais e irmãos, quando identificados como parentes dos "comunistas presos".

Coclusão

Por fim, o espaço democrático de debate político restara acabado, já que o novo regime desqualificava o pluralismo e reprimiu com violência toda oposição; em especial, as esquerdas. De igual maneira, o sindicalismo de esquerda se viu afastado autoritariamente do meio operário e também desqualificado com a pecha de "vermelho".

A tudo isso assistiu com assentimento boa parte da cidade, imaginando ser purgação necessária pela qual a "Revolução de Março de 1964", notável contradição, construiria um novo país, uma democracia.

#### Referências

BAUMGARTEN, Cristina. Memorial dos 50 Anos: Colégio Cenecista Pedro Antônio Fayal. Florianópolis: HB Editora, 2012.

d'ÁVILA, Edison. Pequena História de Itajaí. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí, 1982.

ESPÍNDOLA, Marcos. Nos Porões da Ditadura. O Drama das vítimas da repressão em Itajaí e região. Projeto Conclusão de Curso/Grande Reportagem (Xerox). Itajaí: UNIVALI, 1997.

FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela de Castro. 1964. O Golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LENZI, Carlos Alberto Silveira. *Partidos e Políticos de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1983. LUCA, Tânia R. de. *O Sonho do Futuro Assegurado*. São Paulo: Contexto, DF: CNPq, 1990.

MACHADO, Léo. Vale a Pena Viver - Memórias de uma sobrevivência. S/local, Edição do autor, 2005.

MARTINS, Celso. Os Comunas, Álvaro Ventura e o PCB catarinense. Florianópolis: Paralelo 27/Fundação Franklin Cascaes, 1995.

REIS, Daniel Aarão. Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SILVA, Laércio Cunha e & FARIA, Roberto Mello. *Itajai – Cem Anos de Município*. Rio de Janeiro, 1960. SILVA, José Bento Rosa da. *Estiva "Papa-Siri": as mãos e os pés no Porto de Itajaí*. Itajaí: Edição do autor, 2004.

Acervos

Arquivo Vereador Luiz Gonzaga Agostinho - Câmara Municipal de Itajaí - SC

Coleção População Afrodescendente. Arquivo Público de Itajaí/Centro de Documentação e Memória Histórica/Fundação Genésio Miranda Lins/Itajaí-SC

Fundo Arquivos da Comissão Geral de Inquérito – CGI – Inquéritos de ex-Presos Políticos de Santa Catarina 1964/1988. Arquivo Público de Itajaí/Centro de Documentação de Memória Histórica/Fundação Genésio Miranda Lins/Itajaí-SC

### Periódicos:

A Nação, edição Itajaí – Itajaí-SC – Arquivo Público de Itajaí/Centro de Documentação e Memória Histórica/Fundação Genésio Miranda Lins/Itajaí-SC

Jornal do Povo – Itajaí-SC – Arquivo Público de Itajaí/Centro de Documentação e Memória Histórica/Fundação Genésio Miranda Lins/Itajaí-SC

Tribuna de Itajaí – Itajaí – Arquivo Público de Itajaí/Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí/Fundação Genésio Miranda Lins/Itajaí-SC

**ENTREVISTAS** 

AVELINO BINI (Major), 94 anos, realizada em Balneário Camboriú-SC, em 12/8/2014.

ÁLVARO LUCHETTA, 70 anos, realizada em Itajaí-SC, em 17/9/2014.

FÉLIX ALBINO GOMES FÓES, 79 anos, realizada em Itajaí-SC, em 22/9/2014.

CARLOS FERNANDO PRIESS, 80 anos, realizada em Itajaí-SC, em 20/11/2014.

HILDA GONZAGA BÜCHELE, 89 anos, realizada em Florianópolis, em 10/12/2004.

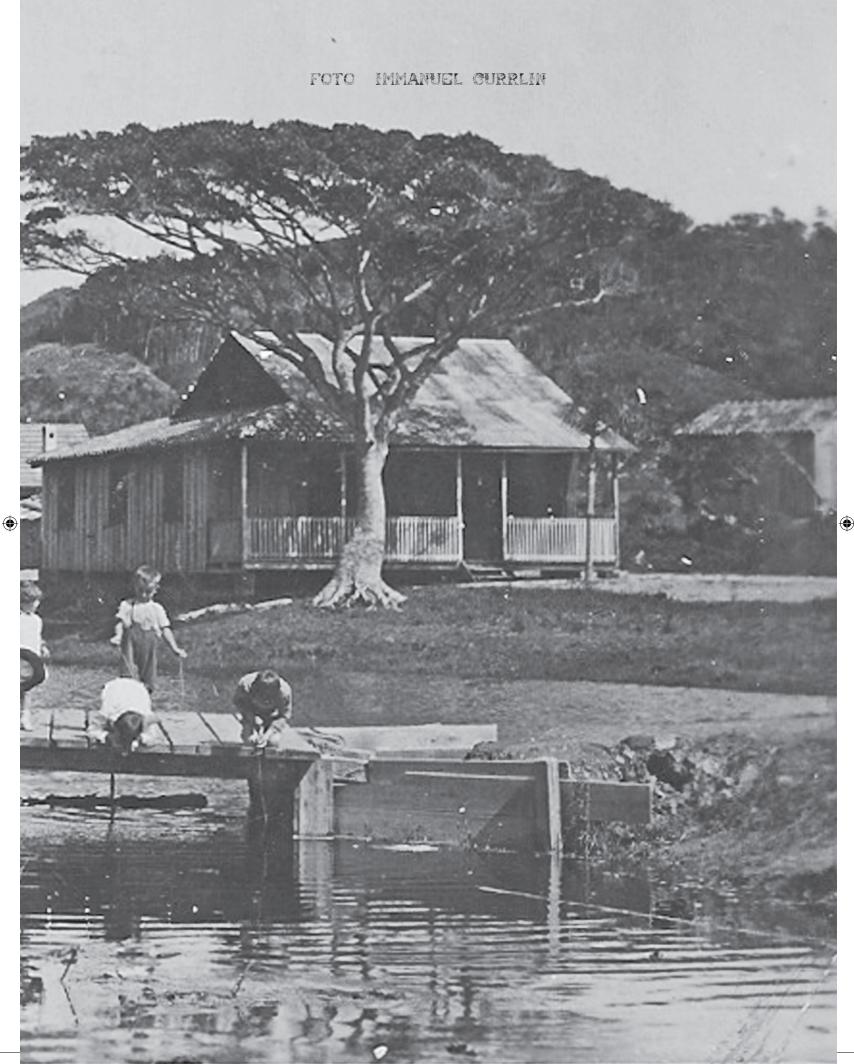
IRENE ROSA PRIESS, 80 anos, realizada em Itajaí-SC, em 16/12/2014.

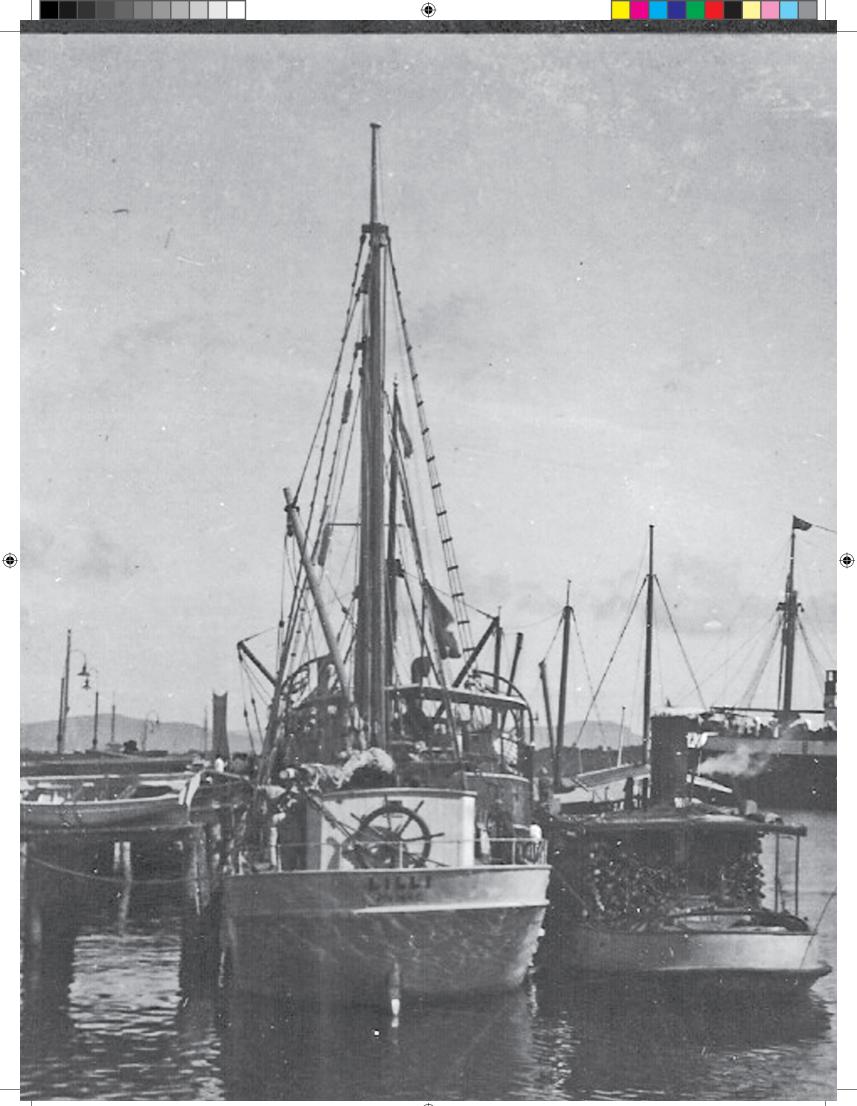
MARIA VERÔNICA BORBA CONINCK, 81 anos, realizada em Itapema-SC, em 23/01/2015.

JOSÉ DE GÓES REBELLO, 87 anos, realizada em Itajaí-SC, em 19/01/2015.





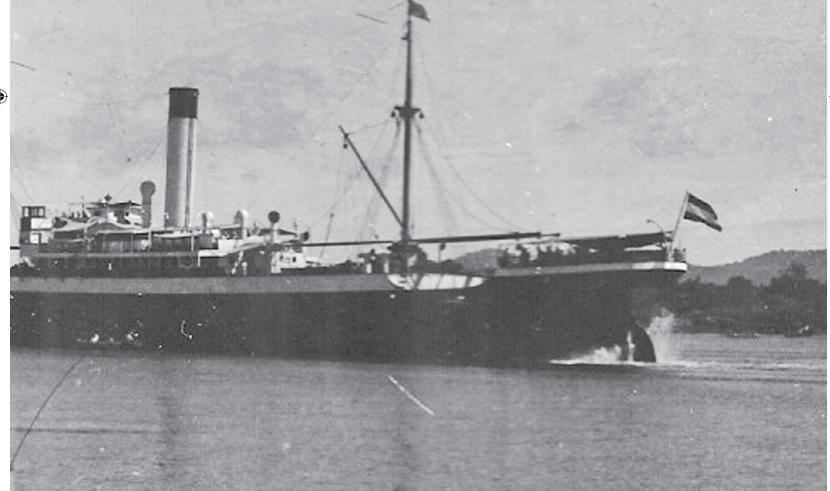






# ALEXANDRE KONDER

Literatura e História do Vale do Itajaí



MAGRU FLORIANO ACADÊMICO DO CURSO DE HISTÓRIA DA UNIVALI

FOTO IMMANUEL GURRLIN

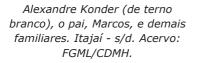
Á MUITO TEMPO HISTORIADORES E INTELECTUAIS vem desgastando-se no debate acerca da utilização da literatura como fonte de pesquisa histórica. Apesar de um número expressivo de historiadores já aceitar, sem restrições técnicas, informações contidas em peças literárias (romance, novela, dramaturgia, conto, crônica, sermão...), a polêmica está cada vez mais viva no circuito acadêmico. No nosso entendimento, devido à licenciosidade só permitida a quem escreve sob o manto da ficção, muitos feitos e fatos acabam sendo contados de forma sincera nos romances enquanto são completamente encobertos pela imprensa e pelos textos oficiais mais suscetíveis aos filtros tradicionais de nossa sociedade, inclusive a censura.

Para ilustrar a contribuição da literatura na pesquisa histórica, vamos analisar o romance "Os Halifax" - escrito por Alexandre Marcos Konder e publicado pelas Organizações Simões, Rio de Janeiro, no ano de 1952 – visando salientar sua contribuição à história do Vale do Itajaí.

# 1 - QUEM FOI ALEXANDRE KONDER?

Alexandre Marcos Konder nasceu em Itajaí no ano de 1904, filho de Marcos Konder e Maria Corina Régis Konder (Dona Sinhá); aprendeu as primeiras letras com a professora particular Alzira Palumbo (prima de Lauro Müller) e na Escola Alemã de Itajaí. Entre os oito e catorze anos permaneceu no internato do Ginásio Catarinense em Florianópolis. Ainda muito jovem matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo onde engajou-se no movimento estudantil presidindo o "Centro 12 de Agosto" e publicou seus primeiros textos jornalísticos. Formou-se em Direito no ano de 1925 e na mesma data casou-se com Laura Horta.

Trabalhou por algum tempo na imprensa paulista e depois se mudou para o Distrito Federal (Rio de Janeiro) colaborando com a Gazeta de Notícias. Para reforçar seu orçamento "[...] resolveu empregar-se, como intérprete, na imprensa de maior circulação, fornecendo comunicados e notícias dos consulados e embaixadas alemães e japonesas, a fim de fomentar o intercâmbio cultural entre aqueles países e o Brasil".





Essa aproximação com as embaixadas oportunizaram a Alexandre empreender diversas viagens internacionais e escrever inúmeras grandes reportagens (depois livros) sobre países como Alemanha, Japão e Itália – adversários dos Aliados na Segunda Grande Guerra. Por isso mesmo permaneceu preso por dois anos na Casa de Correção do Rio de Janeiro sob suspeita de simpatia/colaboração com os países do Eixo. Como muitos dos seus escritos efetivamente tentavam desmentir a máquina de propaganda Aliada, até hoje ele é um dos autores mais citados em textos da ultradireita, notadamente aqueles que tentam argumentar favoravelmente às ideias nazifascistas. Entre seus textos, o mais citado pela ultradireita é o opúsculo intitulado "Um repórter na guerra européia".

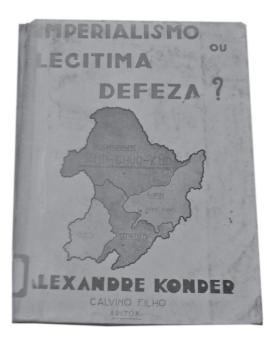
Saindo do cárcere, ocupou o cargo de Diretor do jornal Tribuna de Minas, em Belo Horizonte, e amargou severa perseguição ideológica no período pós-guerra. Entre muitos atos arbitrários que sofreu, perdeu a nomeação de auxiliar na embaixada brasileira em Bonn – República Federal da Alemanha - "em virtude de ter sido amigo dos alemães antes da Guerra [...]".

Alexandre Marcos Konder morreu em 1953 no Rio de Janeiro, amargando a triste solidão de um intelectual proscrito. Obras:

- Vidas e tradições japonesas. Rio de Janeiro: Record, 1936.
- Um repórter brasileiro na guerra européia. Rio de Janeiro: Pongetti, 1940.
- Nossos vizinhos dos Andes. Rio de Janeiro: Record, 1942.
- História do Japão. Rio de Janeiro: Século XX, 1942.
- Do outro lado da terra.
- O poema do prisioneiro.
- Os Halifax. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.
- Imperialismo ou legítima defesa.
- Os mandatos de B e C e a Liga das Nações.
- A grande aventura (peça de teatro).

# 2 - Os Halifax e a história do Vale do Itajaí

O romance histórico "Os Halifax" tem como cenário os continentes americano e europeu, com seus personagens circulando pelas ruas das cidades de Londres, Rio de Janeiro,



Desterro/Florianópolis, Itajaí e Blumenau. O tempo da narrativa inicia no Brasil Império (1872) e prolonga-se até o Brasil República (1914), perpassando todos os momentos históricos relevantes do período: da abolição da escravatura à Guerra do Contestado.

Apesar dos personagens centrais da narrativa de Alexandre Konder terem nacionalidades inglesas, fica evidente, para aqueles que conhecem a saga empreendedora dos alemães no Vale do Itajaí em geral e a saga das famílias Flores/Konder em particular, que o autor utilizou na composição desses personagens muito do que ouviu dentro de casa sobre os tempos de seu bisavô José Henrique Flores. Um lar dividido por muitas ideologias: comunismo, positivismo, liberalismo, fascismo; crenças: catolicismo, protestantismo, ateísmo; e, principalmente, um ambiente da convivência do dilema da dupla nacionalidade – tema central do romance.

Alexandre nos mostra uma ideia clara do que considera o mal moral maior do Brasil que perpassa monarquia e república: a corrupção. Também nos fala de outro mal que perdura pelos séculos: o patrimonialismo e seus tentáculos – compadrio, partidarismo, fisiologismo, puxasaquismo... Mostra que muito pouco mudou no Brasil quando o assunto é corrupção e apadrinhamento.

Seus personagens tendem, no mais das vezes, a terem uma defesa mais enfática e bem construída das ideias conservadoras. Talvez a expressão do desembargador Souza Moreira acerca dos pobres mendicantes possa servir de síntese sobre suas ideias no campo social: "Menos leis, menos direito e mais cadeia". No campo da política, acentua o ideário positivista/conservador justificando o poder da espada do governo Floriano. Propagandeia um governo forte e centralizador, ao mesmo tempo em que desalinha todo o ideário que vem da base da sociedade (libertação dos escravos, república, federalismo...). O personagem que marca essa posição do autor é Leão Padilha - que usa e abusa da sua condição de genro de um Comendador para promover tráfico de influência e, vendo seus interesses contrariados, passa a ser ferrenho defensor das causas



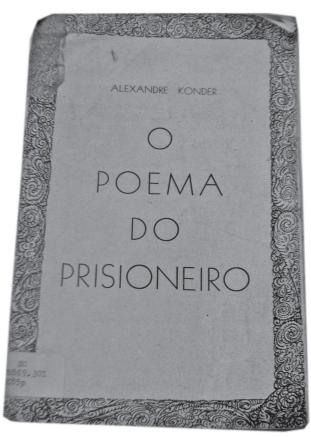
antimonarquista, cerrando fileiras ao lado de abolicionistas e republicanos; mas logo em seguida é cooptado e se acomoda entre *benesses* servidas pelo fisiologismo governamental. Não há funcionário público honesto: uns atuam sectariamente, outros na plenitude da criatividade desonesta, mas todos se utilizando do jeitinho brasileiro de "procurar dificuldades para vender facilidades" junto à burocracia estatal.

Vale ressaltar a fala de Altino de Salles Moreira: "Neste país [...] pode ser que haja de tudo, mas uma cousa eu sei que não há – é vergonha! [...] tudo é feito às pressas, sem o menor

critério, sem outra finalidade que a de servir aos grupos e aos seus compadres. A Pátria, o povo, o bem-estar geral são cousas que nem lhes passam pelos cérebros" (página 254).

Sobre adesismo e fisiologismo generalizado, vamos destacar duas falas do velho Altino:

(1) Em Itajaí [...] mal foi conhecida a queda da Monarquia, o povo correu para a praça, a vivar a República, com os políticos à frente, disputando entre si os melhores postos de sacrifício. O quadro, porém, diga-se a verdade, não constituiu um fenômeno local, mas nacional, pois, em maiores ou menores proporções, essa corrida para o poder foi a mesma em todos os Municípios do país. E,



como em geral acontece nessas ocasiões, nem sempre vencem os que tem mais direito à vitória, mas aquêles que melhor sabem se valer da oportunidade, não foi de extranhar que muita gente que, ainda na véspera, ameaçava os republicanos com a cadeia, tivesse aparecido em cena como inimiga de morte da Corôa, nessa famosa semana de novembro de 1889 [...] [páginas 291-2].

(2) Isto começa mal, Arthur, muito mal! Por enquanto a república tem-se limitado a correr para o poder, e os tipos que estão se aboletando nos postos de mando, ao que tudo indica, só levam na pança uma finalidade – substituir os antigos donos do país. Quanto a idéias e a métodos de govêrno, estamos vendo que êles são e serão os mesmos de sempre, senão piores. E o povo, eternamente estúpido, a seguir as pegadas desses farçantes, só porque levam consigo uma banda de música e uma bandeira nova.[...] O nosso povo, desgraçadamente, é incapaz de resistir a uma banda de música. Para onde ela fôr, êle irá atrás, gritando vivas e soltando foguetes. É incapaz de compreender que continuará onde sempre esteve, pois que, nesse terreno, apenas se mudou o estrume. As moscas são as mesmas! [página 296].

Alexandre Konder é bisneto de José Henrique Flores (presidente do Conselho Municipal entre 1865 e 1876) tendo uma visão muito particular e curiosa acerca dos métodos utilizados por seu ancestral para manter o controle político na pequena Itajaí no final da era monárquica:

(A) O presidente do Conselho era um velho de barba rala que, depois de um choque com a parentela, deixara o seu solar, no Vale da Paraíba, para se radicar na região, na primeira metade do século. Aportara com os baús abarrotados de dinheiro e acompanhado de quatrocentos escravos. Chamava-se José Henrique Flores e possuia a justa fama de ser o maior querelador do sul do país. Homem impulsivo e cheio de pontos de vista, vivia para as suas demandas e para as sutilezas





da estreitíssima política local, colecionando inimigos com a mesma paixão com que, na Europa e nos Estados Unidos, os milionários colecionam quadros e porcelanas. Grande latifundiário, vira, entretanto, suas terras encurtadas de ano para ano, às sentenças dos juízes, em consequência das questões que êle mesmo armava com os seus múltiplos vizinhos [página 88].

(B) Fala do personagem William Halifax: Os estudantes ingleses, disse-lhe certa vez William, custam muito a compreender o clima político da Idade Média. E isso porque somos um povo, cujas gerações se sucederam dentro da mesma fôrma – a democracia. Isto nos faz, de quando em quando, algo monótono aos olhos dos estrangeiros, entre os quais não existe o mesmo equilíbrio perfeito de cultura política. Acho, entretanto, que os nossos rapazes compreenderiam em pouco tempo o clima medieval, se viessem observar aqui, em Itajaí, por um ou dois meses, como o Senhor norteia o seu Município [página 89].

Síntese do perfil de José Henrique Flores montado pelo bisneto Alexandre Marcos Konder: latifundiário, ladrão de terras, encrenqueiro, escravocrata.... um homem de mentalidade medieval. Como duvidar de um perfil feito pelo próprio neto?

Um segundo perfil nos chama atenção na obra de Alexandre Marcos Konder, o perfil do líder republicano Emanoel Pereira Liberato – racista, sectário, elitista. Vejam a fala atribuída a Emanoel (primeiro Presidente do Conselho da Intendência Municipal do regime republicano) ao se referir ao professor Lepage e suas ideias comunistas:

Antes de tudo, êle é um confuso. Mete os pés pelas mãos, anunciando cousas impossíveis de serem postas em prática, como seja a igualdade absoluta entre os homens. Achas isso possível, meu rapaz? Não! É um absurdo pensar-se nisso. Olha esta mão: são iguais os meus dedos? Olha os meus dentes! São iguais? Não! E por que? Porque nada no mundo é igual. Como, pois, poderás admitir uma Humanidade com todos os seus membros a se tutearem, a se sentarem à mesma mesa? Tolices! Nada mais do que tolices! Admitirás, por exemplo, que aquêle mulato que ali vai, possa um dia, se casar com a tua irmã? Claro que não. [...] Batemo-nos, nos nossos discursos, pela libertação dos negros e, no calor da propaganda, temos avançado, às vezes, em conceitos que talvez se pareçam com as idéias que defende êsse canadense. Mas, isso não passa de foguetório, para animar a festa, Arthur. São simples palavras sonoras, porque, mesmo depois de livres, os negros continuarão a ser, para nós, negros como sempre! ... O decreto da liberdade não lhes mudará nem a côr, nem a carapinha. Tão pouco vamos permitir que se sentem nas nossas salas de visita!

[...] Mas, não só em relação aos pretos não é possível por-se em prática o que quer o Lepage. Também entre os brancos existem grandes abismos, Arthur. Imagina

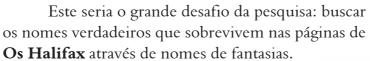


só, meu caro, o antigo cocheiro do teu pai, o Albano, metido em casa da gente, como se fôsse um de nós! Com aquelas mãos sujas, aqueles cabelos sebentos e aquele andar de pata choca!... Que cousa horrorosa!

### Conclusão

No nosso entendimento, o romance **Os Halifax** nos apresenta alguns perfis de personalidades históricas de Itajaí que não poderiam ser apresentados, com teor tão autêntico e verdadeiro, através de documentos tradicionais utilizados na pesquisa histórica. A licenciosidade permitida à literatura, o afastamento do autor do cenário do Vale do Itajaí - vivia no Rio de Janeiro; a diferença temporal - o romance foi escrito em 1951 e os dois perfis aqui utilizados reportam-se a figuras de expressão do século anterior, são alguns dos fatores que nos ajudam a entender porque Alexandre Konder se permitiu falar o que jornais e livros de história preferiram omitir ou não tiveram interesse em divulgar.

Quem lê com o devido cuidado o romance **Os Halifax** e conhece relativamente a saga das famílias Flores/Konder vai concordar que muitos personagens possuem feições verdadeiras a espreitar atrás de nomes e fantasias. Não há dúvida de que Alexandre elaborou seus personagens servindo-se da memória oral passada dentro das casas dos Flores/Konder, principalmente pela pessoa que mais o influenciou: sua mãe "Sinhá", a quem, não por coincidência, dedica o livro.



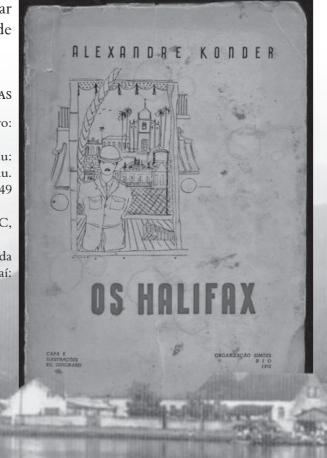
#### OBRAS CONSULTADAS

KONDER, Alexandre Marcos. **Os Halifax**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

KONDER, Gustavo. **Um preito de saudade**. Blumenau: Cadernos de Blumenau/Fundação Casa Doutor Blumenau. Blumenau. Tomo XIII, número 03, março de 1972, páginas 49 a 52.

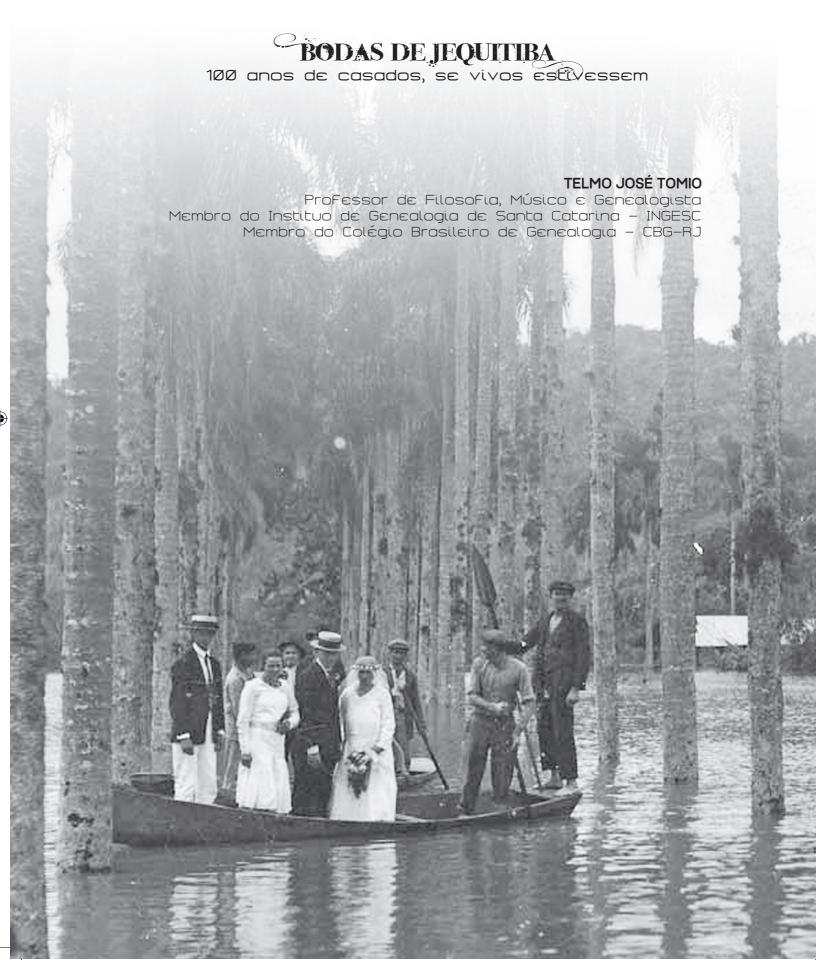
KONDER, Marcos. A pequena pátria. Florianópolis: FCC, 1982

FLORIANO, Magru. **Quem escreve em Itajaí** – indicador da literatura e jornalismo da Região da Grande Itajaí até 2000. Itajaí: Brisa Utópica, 2002.





# Gente da Nossa Terra:



ÃO 116 MATRIMÔNIOS DO ANO DE 1914 REGISTRADOS NOS LIVROS 5 (1908-1914) e 6 (1914-1920) de Casamentos da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí. Contém a idade dos noivos, local de nascimento, os nomes dos pais, os nomes das testemunhas, o nome do padre que realizou a cerimônia e o nome do cônjuge falecido quando o noivo e/ou a noiva forem viúvos.

07.01.1914 – Igreja Matriz de Itajaí – **Victor Eleutherio Bastos**, 31 anos, de Florianópolis, viúvo de Maria das Dores Ventura – falecida há 5 anos em Curitiba, filho de Joaquim da Cunha Bastos e Maria José Bastos. **Maria Francisca da Silva**, 23 anos, de Gaspar, filha de José Sotero da Silva e Francisca Conceição da Silva. Testemunhas: José Marcos Bellacruz e Pedro Raymundo da Silva. Padre Christóvão Fischer.

10.01.1914 – Igreja Matriz de Itajaí – **Pedro João Cordeiro**, 30 anos, de Itajaí, filho de João Felizardo Cordeiro e Anna Rita de Jesus. **Maria Sebastiana da Conceição**, 17 anos, de Itajaí, filha de Apollinario Luiz Pollein e Sebastiana Maria Pereira. Testemunhas: José Antônio Torres e Veríssimo Alexandre Matheus. Padre Christóvão Fischer.

10.01.1914 – Igreja Matriz de Itajaí – **João Celestino da Silva**, 25 anos, de Itajaí, filho de Celestino Manoel da Silva e Maria Rosa Deolinda. **Rosa Leonida dos Santos**, 17 anos, da Limeira – Brusque, filha de Silvério Jacinto Severino e Leonida Luiza dos Santos. Testemunhas: Francisco Pereira e Felício Vecchi. Padre Christóvão Fischer.

10.01.1914 – Capela de Machados, Navegantes – **José Amaro Felício**, 34 anos, de Itajaí, filho de Amaro José Felício e Maria Amara Cordeiro. **Anna Joaquina de Lima**, 25 anos, de Itajaí, filha de Manoel Silvano de Lima e Joaquina Ignacia de Lima. Testemunhas: Ricardo Rodrigues Tavares e João Adriano. Padre Christóvão Fischer.

24.01.1914 – Capela de Santo Amaro, Navegantes – **Manoel João Severino da Silva**, 49 anos, de Armação de Itapocorói – Penha, viúvo de Maria Luiza, filho de José Severino da Silva e Maria Rosa de Jesus. **Maria Ignacia de Jesus**, 33 anos, de Armação de Itapocorói – Penha, filha de José Vicente Bittencourt e Ignacia Jacintha. Ambos residentes em Armação de Itapocorói. Testemunhas: Antônio Manoel Gonçalves e José Manoel Gonçalves. Padre Guilherme Thoneick.

24.01.1914 – Igreja Matriz de Itajaí – **Idalino Silvestre Medeiros**, 26 anos, de São José, filho de Silvestre João de Medeiros e Maria Antônia de Jesus. **Albina Augusta da Conceição**, 22 anos, de Itajaí, filha de Vicente Paulo Sant'Anna e Anna Rosa da Conceição. Testemunhas: José dos Santos Castro e Francisco Amâncio de Souza. Padre José Foxius.

31.01.1914 – Em Oratório Particular – **Edmundo Brandão Pirajá**, 25 anos, de São Paulo, filho de José Ribeiro da Silva Pirajá e Adelaide d'Avellar Brandão Pirajá. **Leonor dos Reis**, 21 anos, de Itajaí, filha de José dos Reis e Anna Olinger dos Reis. O pai do noivo e o pai da noiva são falecidos. Os noivos obtiveram licença do Bispo para celebrarem o casamento em oratório particular e fora da hora legal. Testemunhas: Francisco Telles de Miranda e Osvaldo dos Reis. Padre José Foxius.

01.02.1914 – Capela de Escalvados, Navegantes – **Militino José Bittencourt**, 28 anos, de Itajaí, filho de José Felício Bittencourt e Maria Espíndola. **Maria Vitalina da Silva**, 21 anos, filha de José Manoel da Silva e Vitalina da Silva. Testemunhas: Manoel Adolpho Coutinho e Augusto Pereira dos Santos. Padre Christóvão Fischer.



02.02.1914 - Capela de Perdição, Piçarras – **Manoel Francisco de Borba**, 23 anos, de Penha, filho de Manoel José dos Santos e Rosa Maria de Borba. **Sabina Maria Rita da Conceição**, 21 anos, de Barra Velha, filha de Manoel João Jacinto e Maria Rita do Espírito Santo. Os noivos residem em Penha. Testemunhas: Victorino Severino Xavier e João Serafim da Silva. Padre Christóvão Fischer.

02.02.1914 – Capela de Perdição, Piçarras – **Manoel Celestino Miguel de Souza**, 24 anos, de Ilhota, Paróquia de Gaspar, filho de Celestino Miguel de Souza e Maria José de Jesus. **Francelina Clarinda de Borba**, 18 anos, de Penha, filha de Francisco Manoel de Borba e Clara Bernardina da Silva. Testemunhas: José Petronilho de Oliveira e Anastácio José Pereira. Padre Christóvão Fischer.

02.02.1914 – Capela de Perdição, Piçarras – **Luiz Francisco Silvano**, 27 anos, de Perdição, viúvo de Marcolina Maria Inocência, filho de João Silvano de Borba e Mariana Laurinda de Jesus. **Justa Maria da Silva**, 20 anos, de Perdição, filha de José Manoel da Silva e Maria Rosa de Jesus. Testemunhas: José Petronilho de Oliveira e José da Silva Corrêa. Padre Christóvão Fischer.

02.02.1914 – Capela de Perdição, Piçarras – **Arnoldo João dos Santos**, 28 anos, de Penha, filho de Adelaide dos Santos. **Rufina Rita Laurinda**, 17 anos, de Penha, filha de João Jerônimo de Borba e Rita Laurinda. Testemunhas: Quintino Braz de Oliveira e Vicente João dos Santos. Padre Christóvão Fischer.

07.02.1914 – Matriz de Itajaí – **Hildebrando Rebello**, 24 anos, Católico, de Porto Belo, filho de Hippolito Cassiano Rebello e Adelaide Maria Pereira. **Adelaide Klabunde**, 22 anos, Protestante, de Brusque, filha de Alberto Klabunde e Helena Klabunde. Foram dispensados do impedimento de religião mista. Testemunhas: Bento José da Cunha e Jesuíno de Sena cunha. Padre José Foxius.

11.02.1914 – Matriz de Itajaí – **Martinho Antônio Ferreira**, 24 anos, de Paraty (atual Araquari), morador em São Francisco do Sul, filho de José Anselmo Ferreira e Pureza Maria da Conceição. **Eulália Maria da Conceição**, 22 anos, de Camboriú, filha de Carlos Maria e Antônia Eufrásia de Jesus. Testemunhas: Agostinho Fernandes Vieira e Bernardino Moreira Maia. Padre José Foxius.

12.02.1914 – Matriz de Itajaí – **Antônio de Souza**, 25 anos, de Itajaí, filho de Fernandes José de Souza e Maria Bernardina Guerra de Souza. **Maria Rodi**, 19 anos, de Nova Trento, filha de Angelo Rodi e Anna Zibardi. Testemunhas: Manoel Gaya Neto e João Rodi Sobrinho. Padre José Foxius.

14.02.1914 – Matriz de Itajaí – **Antônio Siemann**, 40 anos, de Itajaí, viúvo de Maria Arminda Sedrez, filho de Henrique Luiz Siemann e Maria Anna Siemann. **Arminda Francisca de Souza**, 37 anos, de Lages, viúva de Belmiro José Querino, filha de João Francisco de Souza e Francisca de Souza. Testemunhas: Otto Praun e Jesuíno Cunha. Padre José Foxius.

14.02.1914 – Matriz de Itajaí – **Domingos de Azeredo Braga**, 23 anos, de Itajaí, filho de Domingos José de Azeredo Braga e Rosalina Maria Braga. **Geraldina Pereira Sedrez**, 19 anos, de Itajaí, filha de Joaquim Pereira Sedrez e Luiza Pereira Sedrez. Testemunhas: João José da Silva e Angelo Rodi. Padre José Foxius.

14.02.1914 – Matriz de Itajaí – **Antônio José Agostinho**, 22 anos, de Brusque, filho de José Agostinho Custódio e Maria Henriqueta. **Martinha Florença de Borba**, 23 anos, de Brusque, filha de Florêncio José de Borba e Maria Florência de Borba. Testemunhas: José Florêncio de Borba e João Cypriano Custódio. Padre Guilherme Thoneick.



16.02.1914 – Em casa particular – **Vital Leal Nunes**, 46 anos, de Itajaí, filho de Sotero Leal Nunes e Carolina Maria Garcia. **Flávia Cipriana da Silva**, 29 anos, de Itajaí, filha de Cipriano Machado da Silva e Adelaide Marques da Silva. Casamento realizado em casa particular *in articulo mortis sponsi*. Testemunhas: Carlos Henrique Gottlieb von Roblf. [Não consta o padre].

21.02.1914 – Capela do Brilhante – **João Ayroso**, 37 anos, de Porto Belo, filho de Francisco Militão e Maria Ayroso. **Carolina Francisca da Silva**, 29 anos, de Itajaí, filha de José Bento da Silva e Francisca Damásia da Silva. Já eram casados há 8 anos no Civil. Testemunhas: Bento José da silva e Jacintho da Rocha. Padre Christóvão Fischer.

21.02.1914 – Matriz de Itajaí – **Satyro Fernandes da Silva**, 21 anos, de Porto Belo, filho de João Fernandes da Silva e Maria Ayrosa Cidade. **Catharina Maria Cypriana**, 19 anos, de Itajaí, filha de Cypriano Severino Santhiago e Maria José da Conceição. Testemunhas: João Serafim da Costa e Alois Kormann. [Não consta o padre].

21.02.1914 – Matriz de Itajaí – **Juvêncio Américo Bento**, 24 anos, de Itajaí, filho de Américo Bento e Francelina Maria da Conceição. **Maria Carolina Floriana de Jesus**, 23 anos, de Itajaí, filha de Manoel Antônio Lopes e Carolina Floriana de Jesus. Testemunhas: Raolino Manoel Martins e Florêncio Severino Prateal. Padre Geraldo Spettmann.

21.02.1914 – Matriz de Itajaí – **Alberto Bucher**, 24 anos, de Gaspar, filho de Carlos Bucher e Bárbara Bucher. **Maria Rebaud**, de Águas Negras, Brusque (atualmente em Botuverá), filha de José Rebaud e Júlia Vezen Rebaud. Testemunhas: Marcos Antônio da Cunha e Domingos Antônio da Cunha. Padre Guilherme Thoneick.

21.02.1914 – Capela de Machados, Navegantes – **Manoel Pereira dos Santos**, 55 anos, de Itajaí, **viúvo pela terceira vez**, por óbito de Carolina Faustina das Neves, filho de João Francisco dos Santos e Joaquina Severina. **Maria Joaquina de Jesus**, 33 anos, de Itajaí, viúva de Patrício da Maia, filha de José Pereira dos Santos e Francisca Severina dos Santos. Foram dispensados do impedimento de consanguinidade em 2º grau simples. Testemunhas: Ricardo Rodrigues Pereira e Manoel Gancheiro Filho. Padre Christóvão Fischer.

21.02.1914 – Capela de Machados, Navegantes – **Antônio Virgílio Ricobom**, 32 anos, de Itajaí, filho de Virgílio Ricobom e Maria Virgília Ricobom. **Marianna Anna de Jesus**, 20 anos, de Itajaí, filha de Lydosio Athanasio da Slva e Anna Rosa de Jesus. Testemunhas: Pedro Virgílio Ricobom e João Cardozo Ricobom. Padre Christóvão Fischer.

21.02.1914 – Capela de Machados, Navegantes – **José Theodoro Junior**, 23 anos, filho de José Theodoro e Balbina da Conceição. **Maria de Jesus**, 18 anos, de Itajaí, filha de José Joaquim Nogueira e Anna Machado de Jesus. Testemunhas: Augusto Antônio Nascimento e Joaquim Geraldino Bittencourt. Padre Christóvão Fischer.

21.02.1914 – Capela de Escalvados, Navegantes – **Domingos Pedro da Silva**, 25 anos, de Itajaí, filho de Pedro Damásio da Silva e Isabel Clementina de Jesus. **Maria Domingas de Jesus**, 17 anos, de Itajaí, filha de Domingos Henrique da Silva e Gertrudes Christina de Jesus. Testemunhas: João Pedro de Souza e Hermógenes Cabral. Padre Christóvão Fischer.

21.02.1914 – Capela de Escalvados, Navegantes – **Antônio José de Borba**, 27 anos, filho de José Celeste de Borba e Maria Alexandrina de Jesus. **Erothides Gomes da Silva**, 18 anos, de







Gaspar, filha de Amâncio Gonçalves da Silva e Maria Gomes da Conceição. Testemunhas: Manoel de Souza e João Onofrio. Padre Christóvão Fischer.

24.02.1914 – Matriz de Itajaí – **Pedro Bauer**, 57 anos, de Itajaí, viúvo de Martha Heil, filho de João José Bauer e Bárbara Bauer. **Catharina Heil**, 46 anos, de Itajaí, viúva de José Dittrich, filha de Pedro Heil e Theresa Heil. Testemunhas: Mathias Bauer e Gabriel Heil. [Não consta o padre].

24.02.1914 – Capela de Santo Amaro, Navegantes – **Antônio Amândio Couto**, 20 anos, de Itajaí, filho de Amândio Couto e Rosa Couto. **Florippa Rita de Carvalho**, 19 anos, de Itajaí, filha de Pedro José de Carvalho e Rita Margarida de Carvalho. Testemunhas: Adolfo Pedro da Luz e Estêvão Francisco do Nascimento. Padre Guilherme Thoneick.

28.02.1914 – Matriz de Itajaí – **João Henrique de Souza**, 26 anos, de Porto Belo, filho de Benigno José de Souza e Laurentina Cypriana da Conceição. **Maria Laurinda dos Santos**, 20 anos, de Itajaí, filha de Pedro Antônio dos Santos e Laurinda Ignacia da Conceição. Testemunhas: Agostinho Fernandes Vieira e João Fernandes Vieira. [Não consta o padre].

28.02.1914 – Matriz de Itajaí – **Eugênio Schumacher**, 32 anos, de Brusque, morador nesta paróquia de Itajaí, filho de André Schumacher e Henriette Hauk. **Lúcia Pereira**, 19 anos, de Brusque, moradora em Brusque, filha de Bento Pereira e Maria Pereira. Já eram casados no Civil há 1 ano. Testemunhas: Luiz Siemann e Pedro Bauer. [Não consta o padre].

14.03.1914 – Matriz de Itajaí – **Isidoro Leandro Maes**, 25 anos, de Ilhota, Paróquia de Gaspar, filho de Leandro Maes e Maria Francisca Alexandre. **Maria Pedre**, 20 anos, de Brusque, filha de Leopoldo Pedre e Ignacia Bolsoni Pedre. Testemunhas: Eliseu Serapião dos Santos e Mathias Kock. Padre Guilherme Thoneick.

14.03.1914 – Capela de Santo Amaro, Navegantes – **Anastácio André Francisco**, 24 anos, de Penha, filho de André Francisco dos Santos e Maria Rosa de Jesus, já falecidos. **Francisca Maria de Jesus**, 22 anos, de Penha, filha de Bento Manoel Francisco e Maria Alexandrina de Jesus. Os noivos moram em Penha. Testemunhas: João José Francisco e José Floriano da Costa. Padre Christóvão Fischer.

18.03.1914 – Capela de Escalvados, Navegantes – **José Sant'Anna de Souza**, 21 anos, de Gaspar, filho de José Joaquim de Sant'Anna e Guilhermina Thomazia de Jesus, sendo adotivo por parte de pai. **Maria Jordina de Jesus**, 16 anos, de Penha, filha de Jordão Victorino de Almeida e Maria Catharina de Almeida. Testemunhas: Laudelino José Cândido e Manoel Luiz da Silva. Padre Christóvão Fischer.

24.03.1914 – Matriz de Itajaí – **Bertolino Sant'Anna**, 28 anos, de Itajaí, filho de Serafim Sant'Anna e Belmira de Oliveira. **Emiliana dos Santos**, 21 anos, de Itajaí, filha de Francisco dos Santos e Júlia dos Santos. Testemunhas: Valentino Bonelli e Manoel Lopes Fagundes. Padre Geraldo Spettmann.

13.04.1914 – Matriz de Itajaí – **Alfredo Florentino**, 22 anos, de Camboriú, filho de Florentino da Sílva e Alexandrina Florisbella. **Maria Francisca Caldeira**, 21 anos, de Camboriú, filha de Francisco Caldeira e Eusébia Cypriana de Jesus. Os noivos moram em Camboriú. Testemunhas: José Joaquim dos Santos e Carlos Borromeu Bernardes. Padre Christóvão Fischer.

23.04.1914 – Matriz de Itajaí – **Godofredo Kracik**, 28 anos, de Itajaí, filho de João Kracik e Maria Kracik. **Albertina Werner**, 18 anos, de Itajaí, filha de Pedro Manoel Werner e Sophia Werner, já falecidos. Testemunhas: João Kracik e Emmanoel Pedro Werner. Padre Geraldo Spettmann.

25.04.1914 – Matriz de Itajaí – **José Mariano da Rocha**, 24 anos, de Camboriú, morador em Camboriú, filho de Mariano Pereira da Rocha e Cesária Pereira da Rocha. **Martiniana Eusébia de Jesus**, 20 anos, de Itajaí, moradora em Itajaí, filha de João da Silva Pinto e Eusébia Rosa de Jesus. Testemunhas: João Cesário Pereira e Juvêncio Auto de Andrade Leite. Padre Geraldo Spettmann.

26.04.1914 – Hospital Santa Beatriz – **João Floriano da Costa**, 75 anos, de Itajaí, viúvo de Joaquina Rosa de Jesus, filho de Manoel Floriano da Costa e Claudina Rosa de Jesus. **Maria José de Jesus**, 55 anos, de Itajaí, viúva de José Alves de Azevedo, filha de José Antônio Vieira e Maria Francisca Gonçalves. Foram dispensados dos pregões. Casamento realizado no Hospital Santa Beatriz *in articulo mortis*. Testemunhas: Augusto Fernandes e Firmino Martins dos Santos. Padre Geraldo Spettmann.

09.05.1914 – Matriz de Itajaí – **Marcelino de Borba**, 40 anos, de Itajaí, viúvo de Anna Ephigênia de Sant'Anna, filho de Cypriano de Borba e Maria Anna de Jesus. **Maria Caldeira**, 27 anos, de Itajaí, filha de Amaro Caldeira e Joaquina Caldeira. Já eram casados há 4 meses no Civil. Testemunhas: Calixto Pedrini e João Pinto de Farias. Padre Christóvão Fischer.

09.05.1914 – Matriz de Itajaí – **João Cândido do Nascimento**, 26 anos, de Gaspar, filho de Cândido Francisco do Nascimento e Rosa Sant'Anna do Nascimento. **Anna Garrosi**, 19 anos, de Barração, Paróquia de Brusque (atualmente no município de Gaspar), filha de Fioravante Garrosi e Virgínia Garrosi. Testemunhas: Felippe Reiser e Francisco dos Santos. Padre Christóvão Fischer.

13.05.1914 – Matriz de Itajaí – **José Cesário dos Santos**, 40 anos, de Itajaí, filho de Cesário José dos Santos e Maria Antônia de Jesus. **Generosa Nagel**, 23 anos, de Itajaí, filha de Frederico Nagel e Maria Ignacia. Testemunhas: Joaquim Rodrigues Pereira e Calixto Pedrini. Padre Estanislau Schmitz.

14.05.1914 – Matriz de Itajaí – **Fulgêncio Evaristo Corrêa**, 37 anos, de Brusque, viúvo de Helena Day, filho de Crispim Evaristo Corrêa e Emerência de Souza. **Helena Martendhal**, 32 anos, de Itajaí, filha de Pedro Martendhal e Maria Manes Martendhal. Testemunhas: Antônio Evaristo Corrêa e Antônio Martiniano da Silva. Padre Geraldo Spettmann.

23.05.1914 – Matriz de Itajaí – **Mathias Pedro Klock**, 25 anos, de Itajaí, filho de Pedro Mathias Klock e Bernardina Schöning Klock. **Apollonia Maria Catharina Schafer**, 17 anos, de Braço do Norte, filha de Lourenço Schafer e Margarida Roden. Testemunhas: Manoel Martendhal e João Schafer. Padre Christóvão Fischer.

23.05.1914 – Matriz de Itajaí – **Joaquim Sant'Anna de Oliveira**, 26 anos, de Itajaí, filho de Francisco Sant'Anna de Oliveira e Adelaide Josefina dos Santos. **Edviges Cecília Lopes**, 23 anos, de Camboriú, filha de Manoel Pedro Lopes e Maria Magdalena de Jesus. Já eram casados no Civil. Testemunhas: José Julião Leite e Calixto Pedrini. Padre Geraldo Spettmann.

23.05.1914 – Matriz de Itajaí – **José Eugênio Müller**, 25 anos, de Itajaí, residente no Rio de Janeiro, filho de Eugênio Luiz Müller e Guilhermina Büchele Müller. **Maria Augusta Amaral**, 22 anos, de Itajaí, residente nesta paróquia, filha de João Pinto do Amaral e Rita Costa do Amaral. Testemunhas: Eugênio Luiz Müller e Antônio Tavares do Amaral. Padre Geraldo Spettmann.



30.05.1914 – Matriz de Itajaí – **João Manoel Apóstolo**, 27 anos, de Camboriú, filho de Manoel Francisco Corrêa e Maria do Carmo. **Aurinha Rosa de Jesus**, 18 anos, de Itajaí, filha de José Antônio de Oliveira e Rosa Graciana de Jesus. Testemunhas: Francisco José Antônio e José Cândido Borges. Padre Guilherme Thoneick.

30.05.1914 – Capela de Santo Amaro, Navegantes – **Antônio Ignacio Laurentino**, 28 anos, de Itajaí, filho de Ignacio Laurentino Pereira e Francisca Anna de Jesus. **Adelaide Maria Anna**, 18 anos, de Itajaí, filha de Antônio André dos Santos e Maria Anna de Jesus. Testemunhas: João Manoel Caetano e Honorato Coelho da Rocha. Padre Guilherme Thoneick.

30.05.1914 – Matriz de Itajaí – **Miguel Martendhal**, 30 anos, de Itajaí, filho de Pedro Martendhal e Maria Manes Martendhal. **Catharina Klock**, 19 anos, de Itajaí, filha de Miguel Klock e Carolina Boos Klock. Testemunhas: Manoel Martendhal e José Mathias Klock. Padre Christóvão Fischer.

30.05.1914 – Capela de Machados, Navegantes – **Antônio João Soares**, 27 anos, de Gaspar, filho de João André Soares e Maria Eleutheria de Souza. **Maria Francisca de Jesus**, 20 anos, de Itajaí, filha de José Ignacio Maria e Maria Rosa de Jesus. Testemunhas: Manoel Ferreira Mafra e Serafim Máximo Pereira. Padre Guilherme Thoneick.

06.06.1914 – Matriz de Itajaí – **Antônio Custódio Coelho**, 27 anos, de Camboriú, filho de Custódio Silvério Coelho e Francisca Rosa de Jesus. **Maria Felisbina do Espírito Santo**, 30 anos, de Itajaí, filha de Luiz Vieira da Silva e Felisbina Maria da Conceição. Testemunhas: João Marques da Silva e José Pedro Thomaz. Padre Guilherme Thoneick.

13.06.1914 – Matriz de Itajaí – **Augusto José Pereira**, 25 anos, de Itajaí, filho de José Maria Pereira e Anna Bernardina de Jesus. **Christina Felícia dos Santos**, 21 anos, de Itajaí, filha de Antônio Vicente dos Santos e Felícia Fructuosa dos Santos. Testemunhas: Augusto Antônio do Nascimento e Bernardino José da Silva. Padre Guilherme Thoneick.

13.06.1914 – Matriz de Itajaí – **João Winter**, 25 anos, de São Pedro de Alcântara, filho de Pedro José Winter e Margarida Winter. **Maria Ottilia Borges**, 24 anos, de Itajaí, filha de Cândido Felício Borges e Balbina Reinert Borges. Testemunhas: Alberto Pedro Werner e Joaquim Espíndola. Padre Guilherme Thoneick.

13.06.1914 – Capela de Santo Amaro, Navegantes – **José Rochadel**, 31 anos, de Itajaí, filho de Lourenço de Souza Rochadel e Maria Rochadel. **Leonida Laura da Conceição**, 24 anos, de Itajaí, filha de Pedro Máximo Pereira e Laurentina Anna da Conceição. Testemunhas: João Rochadel e Bento Gordeano de Oliveira. Padre Guilherme Thoneick.

13.06.1914 – Capela do Brilhante – **Isaac Bolda**, 25 anos, de Itajaí, filho de Francisco Bolda e Thereza Dioli. **Ida Brüning**, 21 anos, de Brusque, filha de Bernardo Brünign e Regina Debatin. Testemunhas: Carlos Bolda e Antônio Bolda. Padre Guilherme Thoneick.

13.06.1914 – Capela de Escalvados, Navegantes – **Miguel Joaquim da Silva**, 47 anos, de Joinville, morador em Joinville, viúvo de Francisca Manoela de Aguiar, filho natural de José Felisbino da Silva [e não consta a mãe]. **Angélica Rosa de Jesus**, 33 anos, de Itajaí, moradora nesta paróquia, filha de Florindo Santhiago da Cunha e Clementina Rosa de Jesus. Testemunhas: Guilherme Gonçalves da Silva e Vicente José dos Santos. Padre Geraldo Spettmann.





15.06.1914 – Matriz de Itajaí – **Amaro Zacharias da Costa**, 44 anos, de Porto Belo, filho de Antônio Pereira da Costa e Anna Isabel de Jesus. **Cypriana Maria da Conceição**, 43 anos, de Porto Belo, filha de Ignacio José da Cunha e Maria José da Cunha. Já estavam vivendo juntos há 10 anos. Testemunhas: Pedro Paulo Laus e Calixto Pedrini. Padre Christóvão Fischer.

18.06.1914 – Matriz de Itajaí – **Genésio Elesbão dos Santos**, 22 anos, de Itajaí, filho de Francisco de Paula dos Santos e Júlia Alexandrina de Jesus. **Maria José Pereira**, 20 anos, de Itajaí, filha de José Antônio Pereira e Francisca Alves da Silva. Testemunhas: Jacob Bauer e Apollinario Marques Brandão. Padre Christóvão Fischer.

21.06.1914 – Matriz de Itajaí – **Antônio Sant'Anna**, 21 anos, de Itajaí, filho de João Sant'Anna e Maria Rosa de Jesus. **Malvina Juliana da Conceição**, 18 anos, de Itajaí, filha de José Rosa e Juliana da Conceição. Testemunhas: Raolino Manoel Martins e Sebastião Lucas Pereira. Padre Geraldo Spettmann.

27.06.1914 – Matriz de Itajaí – **José Gonçalves da Luz**, 26 anos, de Brusque, filho de Manoel Gonçalves da Luz e Florinda Rosa de Jesus. **Domingas Maria da Conceição**, 24 anos, de Brusque, filha de Antônio José da Cunha e Luiza da Conceição. Testemunhas: João Gabriel Fagundes e Carlos Frederico Seára. Padre Geraldo Spettmann.

28.06.1914 – Matriz de Itajaí – **Pedro Valeriano**, 25 anos, de Itajaí, filho de Pascoal Valeriani e Domingas Valeriano. **Clara Nunes**, 23 anos, de Itajaí, filha de José Nunes e Maria Nunes. Testemunhas: Guilherme Schnaider e Manoel Morgado. Padre Guilherme Thoneick.

02.07.1914 – Matriz de Itajaí – **Eduardo Gonçalves**, 26 anos, de Porto Belo, filho de José Gonçalves e Polucena Joaquina da Conceição. **Christina Rodrigues**, 20 anos, de Itajaí, filha de Manoel Rodrigues e Justina Lopes. Já vivem juntos há 1 mês. Testemunhas: João Dutra e Euclides Dutra. Padre Geraldo Spettmann.

02.07.1914 – Em Oratório Particular – **Immanuel Henrique Gottlieb Curlin**, 28 anos, Protestante, de Blumenau, filho de Eugênio Curlin e Emma Hadlich. **Lúcia Miranda de Moraes**, 25 anos, Católica, de Itajaí, viúva de Alfredo Moraes, filha de Olympio Miranda e Maria Schnaider Miranda. Casamento realizado em oratório particular. Foram dispensados do impedimento de religião mista. Testemunhas: Olympio Miranda Junior e Guilherme Weber. Padre Geraldo Spettmann.

11.07.1914 – Matriz de Itajaí – **José Pereira Leite Bastos**, 30 anos, de Outeiro, Portugal, residente no Rio de Janeiro, filho de Antônio Leite, já falecido, e Guilhermina Pereira. **Alexandrina dos Anjos**, 24 anos, de Gaspar, residente nesta paróquia, filha de Francisco Manoel dos Anjos e Maria Josefina dos Anjos. Testemunhas: Nilo Bacellar e Gervásio Antônio Vieira. Padre Guilherme Thoneick.

18.07.1914 – Matriz de Brusque – **Raymundo Francisco Lamim**, 23 anos, de Itajaí, filho de Francisco Manoel Lamim e Maria Evarista. **Carolina Maria Custódia**, 28 anos, de Itajaí, filha de João Custódio e Rosa Maria Custódia. Os noivos residem em Itajaí. Casamento realizado na Matriz de Brusque com licença do vigário de Itajaí. Testemunhas: Nicolau Burigo e Luiz Gonzaga Custódio. Padre Henrique Meller.

22.07.1914 – Matriz de Itajaí – **Francisco Julião Leite**, 23 anos, de Itajaí, viúvo de Leopoldina Clarinda, filho de Julião Leite e Maria Leite. **Francisca Alexandrina Eleutheria**, 20 anos, de Itajaí,





filha de José João Eleutherio e Alexandrina Anna de Jesus. Testemunhas: Agostinho Haendchen e Secundino Gonçalves Regado. Padre Guilherme Thoneick.

25.07.1914 – Matriz de Itajaí – **José Joaquim dos Santos**, 26 anos, de Itajaí, filho de Joaquim Pinheiro dos Santos e Lucinda Polucena da Conceição. **Sophia Maria Luiza**, 23 anos, de Itajaí, filha de Pedro Baptista Lamim e Maria Luiza Lamim. Testemunhas: Luiz Gonzaga Custódio e Generoso Porcino Cardoso. Padre Gerado Spettmann.

25.07.1914 – Matriz de Itajaí – **Antônio Alberto Mellies**, 26 anos, de Itajaí, filho de Alberto Mellies e Maria Carolina Mellies. **Angelina Generosa de Faria**, 21 anos, de Itajaí, filha de Thomaz Joaquim Faria e Maria Genoveva Faria. Testemunhas: João Pinto de Faria e Bernardino Adão Müller. Padre Geraldo Spettmann.

25.07.1914 – Capela de Machados, Navegantes – **Antônio Manoel Anselmo**, 29 anos, de Itajaí, filho de Manoel Anselmo da Costa e Maria Vitalina de Jesus. **Maria Marianna de Jesus**, 28 anos, de Itajaí, filha de José Francisco Vieira e Marianna Rosa de Jesus. Testemunhas: Quintino Tavares Coutinho e Antônio Manoel de Freitas. Padre Guilherme Thoneick.

25.07.1914 – Capela de Machados, Navegantes – **José Francisco Cardozo**, 27 anos, de Itajaí, filho de Francisco Ignacio Cardozo e Constância Maria Cardozo. **Paulina Rosa da Luz**, 17 anos, de Itajaí, filha de Manoel Crispim da Luz e Rosa Carlota Couto. Testemunhas: Nicolau Kleis e Felício Hostin Junior. Padre Guilherme Thoneick.

25.07.1914 – Matriz de Itajaí – **João Serapião Rochadel**, 30 anos, de Itajaí, filho de Lourenço de Souza Rochadel e Maria Viegas Rochadel. **Zulmira Liberato**, 23 anos, de Gaspar, filha de Tarquínio Pereira Liberato, já falecido, e Leonor Tavares Liberato. Testemunhas: Bento Gordiano de Oliveira e Heitor Pereira Liberato. Padre Guilherme Thoneick.

25.07.1914 – Matriz de Brusque – **Amador Pereira Macedo**, 29 anos, de Itajaí, filho de André Pereira Macedo e Florinda Rosa de Jesus. **Felícia Rosa dos Santos**, 20 anos, de Itajaí, filha de Victor Paranaguá e Rosa dos Santos. Casamento realizado na Matriz de Brusque com licença do vigário de Itajaí. Testemunhas: Manoel João Custódio e Frederico Thomaz da Silva. Padre Henrique Meller.

25.07.1914 – Em casa particular – **Severiano Amaral**, 34 anos, de Itajaí, filho de Antônio Nunes Amaral e Rosa Alexandrina Amaral. **Rosalina Elisa Vargas**, 25 anos, de Tijucas, filha de Antônio André Vargas e Elisa Francisca de Jesus. Casamento realizado em casa particular *in articulo mortis*. Testemunhas: Leopoldo José Pereira dos Santos e Henrique de Borba. Padre Geraldo Spettmann.

30.07.1914 – Matriz de Itajaí – **Antônio Germano Riffel**, 23 anos, de Porto Belo, filho de Germano Riffel e Maria Riffel. **Malvina Martins**, 20 anos, de Itajaí, filha de João Zeferino Martins e Valentina Corrêa de Negredo. Testemunhas: Felippe Joaquim Simão e José Dionysio Moraes. Padre Guilherme Thoneick.

01.08.1914 – Em casa particular, no Saco Grande (atual São Domingos, Navegantes) – **Joaquim Cardozo dos Santos**, 58 anos, de Penha, filho de José Cardozo e Florinda Rosa de Jesus. **Rosa Constantina de Jesus**, 49 anos, de Tijucas, filha e Antônio Pereira Fayal e Constantina Rosa de Jesus. Casamento realizado em casa particular *in articulo mortis*. Testemunhas: Francisco José Braz e Felippe Procópio de Souza. Padre Guilherme Thoneick.





01.08.1914 – Matriz de Itajaí – **Antônio Vicente dos Santos**, 30 anos, de Itajaí, filho de Vicente Antônio dos santos e Anna Pereira dos Santos. **Josefa Maria dos Santos**, 27 anos, de Itajaí, filha de João Miguel de Souza e Maria Caldeira de Souza. Os noivos já eram casados no Civil. Testemunhas: Guilherme Linhares e José Miguel de Souza. Padre Guilherme Thoneick.

08.08.1914 – Matriz de Itajaí – **Guilherme Francisco Vicente Ferreira**, 26 anos, de Itajaí, filho de Francisco Manoel Vicente Ferreira e Maria Francisca Rosa de Jesus. **Maria Celestina dos Santos**, 20 anos, de Itajaí, filha de Veríssimo José da rosa e Domingas Águeda da Rosa. Testemunhas: Gabriel Augusto Olinger e Alberto Antônio Bucher. Padre Guilherme Thoneick.

22.08.1914 – Matriz de Itajaí – **Manoel da Silva Fião**, 82 anos, de São João da Foz, Porto, Portugal, filho de Antônio da Silva Fião e Genoveva Rosa Alfonsa. **Infância Marcelina de Jesus**, 65 anos, de Itajaí, filha de Emílio José Thomaz e Marcelina Rosa Guaratuba. Dispensados dos pregões por serem amasiados. Testemunhas: João Vieira da Silva e Francisco de Borba Coelho. Padre Guilherme Thoneick.

22.08.1914 – Matriz de Itajaí – **Emílio Francisco Manoel Lamim**, 23 anos, de Itajaí, filho de Manoel Francisco Lamim e Maria Evarista de Jesus. **Isabel Alice Martins**, 16 anos, de Itajaí, filha de Fernando Martins e Alice Martins. Testemunhas: Luiz Gonzaga Custódio e Manoel Emigdio Pinto. Padre Geraldo Spettmann.

22.08.1914 – Matriz de Itajaí – **Romário Felizardo Cordeiro**, 25 anos, de Itajaí, residente nesta paróquia, filho de Manoel Felizardo Cordeiro e Rosa Maria da Silva. **Diamantina Eulâmpia da Luz**, 16 anos, de Camboriú, residente na Itaipava, filha de Antônio José Christino e Isolina Eulâmpia da Luz. Testemunhas: Antônio Celestino dos Santos e José Maurício Lopes da Silva. Padre Geraldo Spettmann.

22.08.1914 – Capela de Machados, Navegantes – **João Ignacio de Mendonça**, 65 anos, de Itajaí, viúvo de Marianna Rosa de Jesus, filho de João Ignacio de Mendonça e Luiza Rosa de Jesus. **Isabel Maria de Jesus**, 40 anos, de Penha, filha de Francisco Joaquim Rodrigues e Maria Isabel de Jesus. Testemunhas: Lourenço de Souza Rochadel e Pedro Virgílio Ricobom. Padre Guilherme Thoneick.

23.08.1914 – Em casa particular, na Coloninha – **Juvêncio Pedro Antônio**, 23 anos, de Itajaí, filho de Pedro Antônio e Maria Vicência. **Augusta da Conceição**, 21 anos, de Itajaí, filha de Francisco Gregório Sant'Anna e Florzinha de Azevedo do Nascimento. Casamento realizado em casa particular *in articulo mortis*. Testemunhas: João Pereira dos Santos e Thomaz Cândido de Antunes. Padre Guilherme Thoneick.

24.08.1914 – Em casa particular, na rua Victoria – **Serafim da Rosa**, 50 anos, de Itajaí, viúvo de Maria Oliva. [Não constam os pais dele]. **Maria Júlia da Conceição**, 45 anos, de Itajaí, viúva de Christóvão Corrêa de Negredo, filha natural de Júlia Fernandes. Casamento realizado em casa particular *in articulo mortis*. Testemunhas: Leopoldo Gonçalves e Silvino Garcia. Padre Guilherme Thoneick.

05.09.1914 – Matriz de Itajaí – **José Francisco Mafra**, 28 anos, de Brusque, filho de Francisco Mafra e Camilla Januária. **Seraphina Florência de Borba**, 23 anos, de Brusque, filha de Florêncio José de Borba e Francisca Potter Borba. Testemunhas: João Alexandre Silvério e Arthur Fritz. Padre José Foxius.





05.09.1914 – Matriz de Itajaí – **Plínio Isidoro de Oliveira**, 27 anos, de Itajaí, filho de Moyses Antônio de Oliveira, já falecido, e Júlia Paula de Jesus. **Joanna Maria Lopes**, 21 anos, de Itajaí, filha de Manoel Lopes Fagundes e Maria Cardozo Fagundes, já falecida. Testemunhas: Pedro Bauer e Genésio Elesbão dos Santos. Padre José Foxius.

08.09.1914 – Matriz de Itajaí – **Alcides Rebello**, 21 anos, de Florianópolis, filho de Luiz Rebello e Maria Rebello. **Mathilde Olinger**, 19 anos, de Brusque, filha de Victor Olinger e Catharina Tadei Olinger. Testemunhas: João Baptista Olinger e José Tadei. Padre José Foxius.

12.09.1914 – Capela de Machados, Navegantes – **Felisberto José Bernardes**, 29 anos, de Itajaí, filho de José Bernardes e Luiza Pedro de Jesus. **Maria Gregoriana**, 18 anos, de Itajaí, filha de Manoel Ignacio dos Santos e Maria Gregoriana. Testemunhas: Severino André de Andrade e João Carlos Reinert. Padre Guilherme Thoneick.

12.09.1914 – Capela de Machados, Navegantes – **João Serafim Vicente**, 24 anos, de Itajaí, filho de Serafim José Vicente e Maria Rosa de Jesus. **Maria Guilhermina da Silva**, 19 anos, de Itajaí, filha de João Cândido da Silva e Guilhermina Rosa da Silva. Testemunhas: Celso Farias e Manoel Alves de Andrade. Padre Guilherme Thoneick.

17.09.1914 – Matriz de Itajaí – **Benvenuto Garrosi**, 43 anos, de Mantova, Itália, residente em Brusque, viúvo de Carolina Pallissioli, filho de Vicente Garrosi e Carolina Garrosi. **Arminda Anversa**, 34 anos, de Itajaí, residente nesta paróquia, filha de Máximo Anversa e Luiza Anversa. Testemunhas: João Mathias Olinger e Emílio Gazaniga. Padre Guilherme Thoneick.

19.09.1914 – Matriz de Itajaí – **Damião Perger**, 26 anos, de Brusque, filho de Alexandre Perger e Rosa Perger. **Cecília Winter**, 24 anos, de São Pedro de Alcântara, filha de Pedro Winter e Margarida Huber. Testemunhas: Luiz Winter e Alberto Barbi. Padre Guilherme Thoneick.

19.09.1914 – Capela de Escalvados, Navegantes – **Antônio João Honório**, 39 anos, de Itajaí, viúvo de Maria Camilla Rosa, filho de Antônio João Honório e Maria Florinda de Souza. **Maria Virgínal Biral**, 26 anos, de Itajaí, viúva de José Biral, filha de Firmino Martins dos Santos e Maria Virgínia Salva. Testemunhas: Bernardino Adão Müller e Joaquim Antônio Simão. Padre José Foxius.

28.09.1914 – Matriz de Itajaí – **José Feliciano dos Santos**, 48 anos, de Itajaí, filho de José Feliciano dos Santos e Alexandrina Cardoza de Jesus. **Rosa de Jesus**, 30 anos, de Itajaí, filha de Vicente Cartomão da Cruz e Francisca Rosa de Jesus. Já viviam juntos há 3 anos. Testemunhas: Pedro Virgílio Ricobom e Calixto Pedrini. Padre Guilherme Thoneick.

30.09.1914 – Matriz de Itajaí – **Antônio Cabral da Silva**, 29 anos, de Camboriú, filho de Manoel José Cabral e Francisca Eleutheria da Silva. **Generosa Galdina de Oliveira**, 29 anos, de Camboriú, filha de João Antônio Galdino e Maria Cypriana de Jesus. Já eram casados há 1 ano no Civil. Residentes em Camboriú. Testemunhas: Manoel Mariano Furtado e Calixto Pedrini. Padre Guilherme Thoneick.

05.10.1914 – Matriz de Itajaí – **Antônio José Bento**, 49 anos, de Itajaí, filho de José Bento da Silva e Luiza de Jesus. **Júlia Maria de Souza**, 29 anos, de Florianópolis, filha de João Rosa e Maria Antônia. Testemunhas: Sebastião Lucas Pereira e Pedro Fayal. Padre Guilherme Thoneick.

10.10.1914 – Matriz de Itajaí – **Sérgio Arcary**, 36 anos, de Brusque, filho de Didico Arcary e Maria Magdalena Arcary. **Lindaura Marquetti**, 20 anos, de Porto Belo, filha de Alcebíades

Marquetti e Maria Natividade Marquetti. Testemunhas: Agostinho Fernandes Vieira e Eliziário Cláudio. Padre José Foxius.

20.10.1914 – Em casa particular, em Escalvados, Navegantes – **Firmino Martins dos Santos**, 21 anos, de Itajaí, filho de Firmino Martins e Maria Virgínia dos Santos. **Maria Palmira Claudina**, 19 anos, de Itajaí, filha de Antônio Firmino Lamim e Claudina Antônia André. Casamento realizado em casa particular, em Escalvados, *in articulo mortis*. Testemunhas: João José Corrêa e André Justino da Silva Mafra. Padre José Foxius.

21.10.1914 – Capela São Brás, Piçarras – **João Celestino de Souza**, 34 anos, de Ilhota, Paróquia de Gaspar, viúvo de Francisca Augusta Sant'Anna, filho de Celestino Miguel de Souza e Maria Constância de Jesus. **Maria Martha de Oliveira**, 21 anos, de Penha, filha de Manoel José de Oliveira e Martha Ephigência Sant'Anna. Os noivos residem em Penha. Testemunhas: Cândido Francisco da Silveira e Ranulfo Agostinho da Silveira. Padre José Foxius.

24.10.1914 – Capela Nossa Senhora dos Navegantes – **José Joaquim Rodrigues**, 25 anos, de Itajaí, filho de Joaquim José Rodrigues e Perciliana Maria Onofre. **Maria Vieira da Conceição**, 21 anos, de Itajaí, filha de Fernando Caetano Vieira e Maria Carlota Vieira. Foram dispensados do impedimento consanguíneo de 3º grau. Testemunhas: Joaquim Fernandes e João Gaya. Padre Guilherme Thoneick.

26.10.1914 – Em casa particular, nesta cidade – **Antônio Alfredo Ramos**, 28 anos, de Vila do Conde, Portugal, filho de Antônio Ramos e Maria José Ramos. **Maria Moraes Ramos**, 48 anos, de Camboriú, filha de Manoel Joaquim Moraes e Libana Antônia Moraes. Casamento realizado em casa particular, *in articulo mortis*. Testemunhas: João Dionysio Moraes e Lucindo Alves Pereira. Padre Geraldo Spettmann.

07.11.1914 – Capela Santo Amaro, Navegantes – **Leopoldo Archanjo Rocha**, 23 anos, de Tijucas, residente em Tijucas, filho de Miguel Archanjo Rocha e Silvina Adelaide Coelho. **Catharina Euphrasia do Nascimento**, 18 anos, de Itajaí, residente nesta paróquia, filha de Manoel Francisco Nascimento e Euphrasia Andreza Medeiros. Testemunhas: Venâncio José Bernardes e Frederico Kleis. Padre Guilherme Thoneick.

14.11.1914 – Capela do Brilhante – **José João do Carmo**, 26 anos, de Itajaí, filho de João do Carmo Evangelista e Maria Francisca da Glória. **Luísa Rosa Benvenutti**, 18 anos, de Nova Trento, filha de Agostinho Benvenutti e Rosa Benvenutti. Testemunhas: Basílio João do Carmo e João Benvenutti. Padre José Foxius.

14.11.1914 – Matriz de Itajaí – **Pedro Manoel Werner**, 23 anos, de Itajaí, filho de Pedro Manoel Werner e Sophia Anna Werner. **Helena da Silva**, 23 anos, de Itajaí, filha de Joaquim Bento da Silva e Catharina Werner da Silva. Foram dispensados do impedimento de consanguinidade em 2º grau simples. Testemunhas: Alberto Pedro Werner e José Pruner Sobrinho. Padre Guilherme Thoneick.

26.11.1914 – Matriz de Itajaí – **João José Pereira**, 25 anos, de Itajaí, filho de José Antônio Pereira e Francisca Alves da Silva. **Theodora da Silva**, 19 anos, de Porto Belo, filha de Cypriano da Silva e Adelaide Marques da Silva. Testemunhas: João Kracik e Manoel Nicolau Werner. Padre José Foxius.

28.11.1914 – Matriz de Itajaí – **Cândido Rampelotti**, 24 anos, de Porto Franco (atual Botuverá), filho de Marcos Rampelotti e Thereza Rampelotti. **Maria Alvina Paisan**, 26 anos, de



Nova Trento, filha de Elias Paisan e Anna Paisan. Testemunhas: João Olinger Junior e Luiz Gonzaga. Padre José Foxius.

28.11.1914 – Capela de Santo Amaro, Navegantes – **Manoel José da Costa**, 43 anos, de Itajaí, viúvo de Júlia Anna de Jesus, filho de José Claudino da Costa e Leopoldina Francisca de Jesus. **Rosa Leonida de Jesus**, 40 anos, de Penha, filha de Delfino da Rosa e Leonida Rodrigues de Jesus. Testemunhas: Pedro Virgílio Ricobom e Bernardino Delfino da Rosa. Padre Guilherme Thoneick.

28.11.1914 – Capela de Santo Amaro, Navegantes – **Adolpho Serino Müller**, 28 anos, de Itajaí, filho de Carlos Serino Müller e Catharina Serino Müller. **Luiza Hostin Sacavem**, 32 anos, de Gaspar, viúva de Antônio Cardozo Sacavem, filha de Felício Hostin e Joaquina Alves Hostin. Testemunhas: Antônio Joaquim Ferreira Pontes Junior e João Gaya. Padre Guilherme Thoneick.

10.12.1914 – Capela de Escalvados, Navegantes – **Mathias Pedro Domiciano**, 27 anos, de Penha, filho de Domiciano Ricardo Tavares e Anna Maria da Conceição. **Maria Valeta de Borba**, 22 anos, de Penha, filha de Apolinário João de Borba e Francisca Ephigênia Sant'Anna. Já eram casados no Civil há 2 anos. Residentes em Penha. Testemunhas: Manoel de Souza e Etelvino Brasiliano Macedo. Padre José Foxius.

10.12.1914 – Capela de Escalvados, Navegantes – **João Octaviano Faria**, 20 anos, de São José, filho de Antônio Luiz Faria e Maria Zimmermann Faria. **Maria Joaquina de Souza**, 19 anos, de Armação de Itapocorói – Penha, filha de Manoel Sebastião de Souza e Joaquina Maria de Souza. Testemunhas: Luiz Manoel de Souza e Manoel Ferreira Braz. Padre José Foxius.

12.12.1914 – Capela de Machados, Navegantes – **João Bento Ferreira**, 23 anos, de Itajaí, filho de Bento João Ferreira e Maria Rosa de Jesus. **Maria Francisca de Jesus**, 22 anos, de Itajaí, filha de Sabino José Machado e Francisca Felicidade de Jesus. Testemunhas: Manoel Pereira de Souza e Bernardino José da Silva. Padre José Foxius.

18.12.1914 – Matriz de Itajaí – **Guilherme Constantino Pereira**, 22 anos, de Itajaí, filho de Constantino Lucas Pereira e Catharina Graciana de Jesus. **Carmelina Maria de Jesus**, 19 anos, de Camboriú, filha natural de Anna Maria de Jesus. Testemunhas: Sebastião Lucas Pereira e Aleixo Domingos de Oliveira. Padre José Foxius.

24.12.1914 – Matriz de Itajaí – **Alfredo José Bayer**, 24 anos, de Itajaí, filho de Procópio José Bayer e Luiza Sais Bayer. **Lydia Timothea Pereira**, 19 anos, de Camboriú, filha de Francisco Cesário Pereira e Marina Leopoldina da Silveira. Testemunhas: Gabriel Heil e Adolfo Serino Müller. Padre Guilherme Thoneick.

24.12.1914 – Matriz de Itajaí – **Manoel Paulino Desidério**, 21 anos, de Biguaçu, batizado em Angelina – Paróquia de Santo Amaro, filho de Paulino Manoel Cunha e Maria Josefa de Jesus. **Maria Valerani**, 20 anos, de Itajaí, filha de Paschoal Valerani e Domingas Valerani. Testemunhas: Eugênio José Reichert e Manoel Dono Morgado. Padre Guilherme Thoneick.

26.12.1914 – Matriz de Brusque – **João Machado**, 28 anos, de Itajaí, filho de Luiz Machado e Felisbina Clemência. **Benta Domingas Gonçalves**, 23 anos, do Brilhante – Itajaí, batizada em Brusque, filha de Domingos José Gonçalves e Isabel Bernardina Mendes. Casamento realizado na Matriz de Brusque, com licença do vigário de Itajaí. Testemunhas: Alfredo Rebello e João Rebello. Padre Henrique Meller.







26.12.1914 – Matriz de Itajaí – **Jasmeno Francisco de Souza**, 30 anos, de Itajaí, viúvo de Brígida de Souza, filho de Francisco de Souza Fraga e Eleutheria Josefa da Cunha. **Andrelina Procópia da Cunha**, 18 anos, de Itajaí, filha de Bento José da Cunha e Engrácia Rebello da Cunha. Testemunhas: Jesuíno de Senna Cunha e Raymundo Gonçalves Ribeiro. Padre José Foxius.

27.12.1914 – Matriz de Itajaí – **Emílio Leutz**, 19 anos, de Itajaí, filho de Frederico Leutz e Maria Leutz. **Clementina Leal Neves**, 17 anos, de Itajaí, filha de Manoel Leal Neves e Maria Leal Neves. Testemunhas: Emílio Vicente Meirinho e Salvador José de Lima. Padre Guilherme Thoneick.

**Fontes**: Livros 5 (1908-1914) e 6 (1914-1920) de Casamentos da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí, arquivados no Arquivo Histórico-Eclesiástico de Santa Catarina, na Cúria Arquidiocesana de Florianópolis.



FOTO IMMANUEL GURRLIN E ESPOSA







Este livro foi composto nas fontes Aldine401 BT, corpo 12,3/entrelinhas 15,7, para textos; Aldine401 BT, corpo 10,8/entrelinhas 13,7, para citações; Aldine721 BT, corpo 18/entrelinhas 24, para títulos; e impresso em papel pólen soft 80 gramas para Fundação Genésio Miranda Lins no outono de 2015

Itajaí - SC - Brasil